



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PPGA –PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**  
**MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**



**A COR DA ORAÇÃO: SOCIABILIDADES E RESISTÊNCIAS NA**  
**IRMANDADE DE SÃO BENEDITO EM ARACAJU-SE**

**São Cristóvão/SE**

**2015**

**João Mouzart de Oliveira Junior**

**A COR DA ORAÇÃO: SOCIABILIDADES E RESISTÊNCIAS NA  
IRMANDADE DE SÃO BENEDITO EM ARACAJU-SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Antropologia Social da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

**ORIENTADOR:** Drº. Frank Marcon

**São Cristóvão/SE**

**2015**

**João Mouzart de Oliveira Junior**

**A COR DA ORAÇÃO: SOCIABILIDADES E RESISTÊNCIAS NA  
IRMANDADE DE SÃO BENEDITO EM ARACAJU-SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Antropologia Social da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Professor Dr. Frank Nilton Marcon (Orientador) - PPGA/UFS

---

Professor Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia - PPGA/UFS

---

Professor Dr. Osvaldo Martins de Oliveira- PGCS/UFES

Suplentes:

---

Professor Dr. Hippolyte Brice Sogbossi PPGA/UFS

**São Cristóvão/SE**

**2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O46c Oliveira Júnior, João Mouzart de  
A cor da oração : sociabilidades e resistências na irmandade de  
São Benedito em Aracaju-SE / João Mouzart de Oliveira Júnior ;  
orientador Frank Nilton Marcon. – São Cristóvão, 2015.  
169 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2015.

1. Antropologia. 2. Irmandades. 3. Negros - Religião. 4.  
Identificação (Religião). 5. Aracaju (SE). I. Marcon, Frank Nilton,  
orient. II. Título.

CDU 572.028:2-13



## **Agradecimentos**

Foram tantas as pessoas que contribuíram para que essa dissertação se apresentasse como o desfecho de um processo mais longo: dois anos de aprendizado e também de produção de conhecimento, ainda que em seus passos iniciais. Essa produção é o resultado de um esforço coletivo. Sem as várias mãos que comigo se uniram e ajudaram a constituí-lo, ele não teria ganhado a forma que ganhou. A maior beleza desta forma talvez não esteja impregnada no papel, mas com certeza está em minha memória e permanecerá como uma experiência única: a experiência de ser agraciado com tanto apoio e com tantas contribuições ricas. Utilizar de uma ordem para agradecer me parece bastante difícil tendo em vista a semelhante importância de tantas pessoas durante este processo. Sou grato por ter mais pessoas a agradecer do que as palavras me permitem agora. Reconhecendo desde já essa minha limitação, manejarei as palavras como posso. E nada aconteceria neste momento sem a benção e a proteção do Deus-Pai que sempre iluminou a minha caminhada e do carinho desse Deus que se fez presente em cada momento de minha vida.

Aos meus avós, Josefina Vieira Santos e Manuel Vieira de Oliveira (*In Memoriam*), também aos meus tios Gileno e Gilenilza e ao meu primo Anderson (pimpolho) que partiram para outra dimensão, vocês são a inspiração primeira para a composição deste trabalho. Eles foram fundamentais para a minha formação sendo para mim eternos professores. Muito obrigado por tudo. Devo muito a vocês.

Às pessoas queridas e especiais da minha vida que possibilitaram me tornar uma pessoa melhor e mais feliz: minha mãe Juciene Vieira Santos, sempre presente, com seu olhar terno, preocupado e carinhoso, sempre me protegeu e me proporcionou as condições necessárias para conseguir conquistar as minhas vitórias, que sempre me guiou pelo caminho da honestidade, incentivando-me a busca do conhecimento científico; meu pai João Mouzart de Oliveira que mesmo distante foi um torcedor das minhas vitórias alcançadas, sendo eles, um dos maiores torcedores das minhas conquistas, de quem nunca esquecerei as grandes lições de luta pela vida.

Aos meus irmãos Allan Mouzart, Patrícia Regina Vieira Santos e Sirlene Vieira Santos que acompanharam a construção desse trabalho, e sempre depositaram confiança em mim e, de alguma forma, contribuíram para a finalização dessa tarefa. Agradeço aos meus queridos irmãos pela compreensão e paciência nas oportunidades

em que deixei de lado o lazer e atenção que eu deveria lhes proporcionar, gostaria de dizer que amo muito vocês.

Meus lindos sobrinhos, sobrinhas e afilhada que acompanharam de muito perto o percurso deste trabalho (Isabela, Erick, Eloá, Arthur, Willian, Livia, Laerte, Junior, Leleu, Joãozinho e Nathália). Seus sorrisos e estripulias animam a minha vida! A barulhada das crianças em casa me fazia pensar na barulhada, de outra maneira, que muitas de nossas crianças e adolescentes espalhadas pelo Brasil afora são obrigadas a fazer para se tornarem visíveis. Isso me estimulava a escrever! A Ronilson Alves Cupertino, que me animou nos momentos difíceis, fazendo-me sorrir quando eu queria chorar; que me viu chorar e me desesperar; que muitas das vezes buscava me tirar da rotina dos estudos; que acreditou que tudo daria certo, mesmo quando eu duvidava disso.

As minhas tias e primos: Gicélia, Jaqueline, Lidianne, Helena, Eliane, Rita, Cristina, Ellen, Berenice, Gel, Jucileide, Gidalva, Genivaldo, Givaldo, Marcos, Tone, Ângela, Marcelo, Márcia, Albino, Enilde, Gilza, Rosana Albenício e Álvaro. Todos eles torceram pela minha vitória e me apoiaram quando precisei.

São tantos os amigos e amigas, de perto e de longe, que nem dá para nomear, mas vocês sabem o quanto são importantes para mim! Em especial aos meus amigos e amigas: Gilvan Lelis, Érica Coroa, Vani, Alba, Vanessa, Elton, Luana, Andreia Santana, Jacqueline, Cristina Guedes, Marcos Vinícius, Laila, Renaldo Rocha, Joelma, Ane Rose, Amada Reis, Diego Bragança, Gênova, Verônica Nunes, Moysés, Genilson, Farias, Neila, Daniela, Luciana, Dione, Ione, Inês, Eneas, Glaucia Viviane, Graziela, Raimunda, Simone, Odilomir, Thiago, Diogo, Cristiane Querino e Márcio, que vibravam também com minhas conquistas e me apoiaram em momentos importantes para a realização deste tudo. Meus amigos da pós-graduação e do Gerts em especial Sandreana Melo, Fabiana, Renata Rennó, Jacqueline Fernandes, Liana, Larissa, Alisson, Diogo, Felipe, Daniela, Eliseu, Elida entre outros, que também amadureceram nesse trajeto e também tiveram momentos de angústia e alegrias. É bom fazer amizades nessa fase de nossa vida. Valeu!

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia, sem exceção. Foram eles os instrumentos que ampliaram os meus conhecimentos científicos que contribuíram com conhecimentos novos e necessários à realização desta dissertação. Em particular, gostaria de registrar um agradecimento especialmente aos Professores: Brice Sogbossi, Luís Gustavo Correia e Ugo Maia. As sucessivas leituras e sugestões

que deram em cada um das etapas de elaboração desta pesquisa foram cruciais para superar certas dificuldades e aprofundar as questões investigadas.

Ao professor Osvaldo Martins de Oliveira, que gentilmente aceitou o convite para compor a banca examinadora como membro externo. É também uma honra contar com sua participação na Banca.

Aos colegas da Biblioteca da Universidade Tiradentes que incomodei durante a realização deste trabalho, onde fiquei nos últimos tempos para elaboração desta pesquisa agradeço a Denilza, Kelly, Marcos, Mira, Rosimeire, Dora, Alex, Crisales, Fábio, Luana, Givaldo, Kelber e Costa e todos aqueles que diretamente me propiciaram ter subsídios para a elaboração desta tarefa. Também aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Arquivo Público de Sergipe e da Cúria Metropolitana de Sergipe com ajuda da minha amiga Tânia.

Esta dissertação não teria surgido sem a atenção, vontade e perspicácia do meu orientador Frank Marcon. Sua disponibilidade em ler cuidadosamente meus textos, mesmo quando enviados em cima da hora, e ainda comentá-los e criticá-los parágrafo a parágrafo, não sei como agradecerei o suficiente. Minha gratidão especial pela sua generosidade não só no processo de orientação desta dissertação, mas ao longo deste caminho, às vezes tão cheio de pedregulhos, que é o mestrado. Agradeço também pela presença, pelos conselhos, pelo rico compartilhamento de conhecimento e por ter me ajudado tantas vezes a “tomar fôlego” durante toda esta etapa, por manter os ouvidos abertos e estar disponível nos momentos de aflição sobre qual rumo tomar em que às vezes eu me via e por me acompanhar de forma tão dedicada durante essa empreitada. Felizmente ouvi seu conselho: não foi em vão.

Da mesma forma, gostaria de agradecer a todos os irmãos da irmandade de São Benedito que generosamente se dispuseram a narrar suas experiências, e que facilitaram o acesso a diferentes fontes de informação. Espero que se sintam representados nessa reconstituição de uma história inextrincavelmente individual e coletiva da igreja aracajuana, a vocês dedico esta dissertação.

Dedico este trabalho a todos que participaram da pesquisa, aos meus familiares e aos meus professores e amigos que dedicaram um pouco do seu tempo para essa pesquisa acontecer. Aos meus pais João Mouzart e Juciene Vieira; e a todos os Afro-brasileiros de Sergipe, inclusive aos membros da irmandade de São Benedito que me permitiram descrever um pouco de suas vidas e história.

## **RESUMO**

A grande questão que suscito nesta dissertação é pensar na constituição e permanência da irmandade de São Benedito durante o século XX como uma organização coletiva de pessoas que ativam a afirmação religiosa e étnica de socialização. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as práticas de sociabilidades e resistências presentes na irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju, estado de Sergipe. Busco compreender os laços de solidariedade e os discursos de identidade no contexto desta irmandade. Dialogo também intimamente com as questões referentes à temática étnico-racial em contextos religiosos. Com relação à metodologia, utilizei a articulação entre pesquisa em arquivo e observação direta. Dividi esta dissertação em três capítulos, no primeiro, realizo um levantamento bibliográfico acerca da temática que enfatiza os estudos sobre irmandades, o campo da Antropologia e a discussão sobre práticas religiosas. No segundo e terceiro capítulos, parto de uma abordagem etnográfica enfatizando três modos de entrada em campo, acompanhados de entrevistas, primeiro junto aos arquivos onde fiz uma pesquisa a partir da documentação da referida irmandade. Os principais documentos encontrados foram as fichas de inscrições, o estatuto, os registros de óbitos, uma carta do zelador do cemitério e as fotografias do grupo. Uma segunda entrada a partir da observação direta da festa de São Benedito, nos anos de 2013 e 2014, observando os aspectos das sociabilidades presentes nesta comemoração. A terceira entrada se deu na forma de observação do espaço do cemitério da referida irmandade. Desta forma, a presente dissertação aborda uma faceta pouco conhecida sobre Aracaju: o mundo das irmandades de “pretos”. Percebi que as estratégias de sobrevivência da irmandade de São Benedito, no universo católico aracajuano se perduraram em função da etnicidade. A partir da referência da cor que se tornou um elemento aglutinador de um grupo religioso majoritariamente reconhecido e auto-declarados pretos. Verifiquei que os espaços das sociabilidades étnicas da irmandade de São Benedito foram compostos pelas procissões, pelos préstitos fúnebres e as festas dedicadas ao Santo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Irmandade, Aracaju, Sociabilidades, Resistências e Identidades.

## **ABSTRACT**

The big question that I raise up in this dissertation is to think of the constitution and permanence of the brotherhood of Saint Benedict during the 20th century, as a collective organization of people that activate the claim religious and ethnic socialization. This research aims to analyze the practices of sociability and resistance present in brotherhood of Saint Benedict in Aracaju, State of Sergipe. I understand the ties of solidarity and the discourses of identity in the context of this brotherhood. Dialog also closely with issues relating to the theme ethnic-racial in religious contexts. With respect to the methodology, I used the articulation between research on file and direct observation. I divide this dissertation in three chapters, the first, I realize a bibliographic survey about the theme that emphasizes the studies about fraternities, the field of Anthropology and the discussion about religious practices. In the second and third chapter, delivery of an ethnographic approach emphasizing three modes of entry in the field, accompanied by interviews, first with the files where I did a search from the documentation of the brotherhood. The main documents found were the enrolment forms, the statute, the death records, a letter from the caretaker of the cemetery and the photos of the group. A second entry from the direct observation of the feast of St. Benedict, in the years 2013 and 2014, noting the aspects of sociability in this commemoration. The third entry is given in the form of space observation of the graveyard of the brotherhood. Thus, this dissertation addresses a facet little known about Aracaju: the world of brotherhoods of "black". I realized that the survival strategies of the brotherhood of Saint Benedict, the Catholic world aracajuano if retrogression on the basis of ethnicity. From the color reference that became a uniting factor of a religious group mostly recognized and self-declared blacks. I have noticed that the spaces of sociability of ethnic brotherhood of St. Benedict were composed by processions, by prestitos funeral and the festivities dedicated to the Holy One.

**KEYWORDS:** Brotherhood, Aracaju, Sociability, Resistors and Identities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Igreja São Salvador antes da reforma de 2009 .....	59
Figura 02-Igreja São Salvador após a reforma de 2010. ....	59
Figura 03- Imagem da capela São João Batista da Fábrica Sergipe Industrial – SISA .....	72
Figura 04- Foto de São Benedito.....	100
Figura 05- Imagem do cartaz da Festa de São Benedito .....	107
Figura 06- Charola de São Benedito.....	108
Figura 07- Feira exposta próximo à festa de Reis .....	109
Figura08- Dança ao redor do São Benedito na igreja São Salvador .....	112
Figura 09- Grupo folclórico Bom Jesus dos Navegantes de Laranjeiras louvando a São Benedito na igreja São Salvador .....	113
Figura 10- Foto do cortejo reverenciado São Benedito no altar da Igreja São Salvador.....	113
Figura 11- Início da procissão de São Benedito .....	114
Figura 12- Cortejo da procissão a São Benedito na Rua Laranjeiras .....	115
Figura13- Grupo folclórico de Laranjeiras louvando a São Benedito nas ruas do centro de Aracaju .....	115
Figura 14- Entrada do cemitério São Benedito de Aracaju .....	120
Figura15- Fachada da entrada do cemitério São Benedito .....	120
Figura 16- Arte tumular do Cemitério Santa Izabel .....	123
Figura 17- Imagem dos túmulos do Cemitério São Benedito .....	123

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01- Naturalidades dos membros da Irmandade de São Benedito (1946-1971) .....	68
Tabela 02- Bairros onde os irmãos residiam .....	70
Tabela 03- Profissões dos membros da Irmandade de São Benedito (1946-1971) .....	73
Tabela 04- Presidentes da Irmandade de São Benedito de Aracaju. ....	76
Tabela 05- Divisão de gênero na Irmandade de São Benedito .....	76
Tabela 06- Funções exercidas pelas irmãs na diretoria da Irmandade de São Benedito .....	79
Tabela 07- Caixa de conta da Irmandade de São Benedito .....	85
Tabela 07- Despesa da Procissão de 2012 .....	98



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1- Concepção de cor dos membros da Irmandade de São Benedito .....	64
Gráfico 2- Pecúlio Destinado no ato da Matrícula .....	88

## **LISTA DE MAPA**

Mapa 01-Percurso da Festa de São Benedito nos anos de 2013 e 2014. ....	105
---	-----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ACMA– Arquivo Público da Cúria Metropolitana de Aracaju

AJES – Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe

APA – Arquivo Público de Aracaju

BPED – Biblioteca Pública Ephifâneo Dórea

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

JUBUSC- Jovens Unidos Buscando Cristo

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNIT- Universidade Tiradentes

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1. AS PESQUISAS SOBRE AS IRMANDADES RELIGIOSAS.....</b>	<b>30</b>
1.1 O campo das pesquisas sobre as irmandades Religiosas .....	31
1.2 Os estudos sobre irmandades em Sergipe.....	39
1.3 As pesquisas sobre irmandades no século XX .....	47
<b>2. A IRMANDADE DE SÃO BENEDITO EM ARACAJU .....</b>	<b>57</b>
2.1 Religiosidade, Etnicidade e Sociabilidades na Irmandade de São Benedito .....	59
2.1.1 A Identificação Étnica na irmandade de São Benedito .....	60
2.2 Os irmãos de São Benedito.....	67
2.3 Compromissos e Solidariedade em torno da Irmandade de São Benedito .....	80
<b>3. A FESTA E A MORTE NA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO.....</b>	<b>95</b>
3.1 A festa do padroeiro da irmandade de São Benedito.....	96
3.2 “Ele Hoje é o Rei” Entrando na festa .....	104
3.3 O sentido da morte na irmandade de São Benedito.....	117
3.3.1 A morte na irmandade de São Benedito no século XX .....	119

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

## ANEXOS

## INTRODUÇÃO

Nesta festa, os católicos de pele escura de Aracaju têm sua vez. Pessoas que nunca vão à Igreja, já aparecem para assistir à missa pela manhã, e à tarde para levar a charola de São Benedito, ou ao menos, acompanhá-la de perto. A procissão do Santo Preto conservou até hoje as suas características habituais. Saem mulheres chorosas as ruas, em um número de nove mulheres, cada qual com a imagem de um santo. E atrás de todos, a imagem do glorioso São Benedito adornado com uma coroa de papel de ouro (DUARTE, 1971).

Os versos que servem de epígrafe a esta dissertação fazem parte das lembranças de Dom Luciano Cabral Duarte, principal liderança religiosa que exerceu os cargos de Bispo da cidade de Aracaju e presidente da Irmandade de São Benedito na década de 70, no século XX. Ele rememora a antiga festa de Reis na capital de Sergipe. Essas recordações do cotidiano de Aracaju, cercada de ruas comerciais que todos os anos eram ressignificadas a partir da experiência de homens e mulheres, que saíam as ruas rememorando suas práticas e fazendo decoração, louvor e adoração ao santo protetor preto, São Benedito.

Essas lembranças remetem a uma memória compartilhada dos moradores daquele espaço, permitindo-nos vislumbrar experiências e visões de mundo ausentes na memória institucional do município de Aracaju e que se constituem como comunidade religiosa. Os discursos oficiais, proferidos pelo Bispo Dom Luciano sobre a irmandade de São Benedito, chamam a atenção por classificar etnicamente o grupo como “irmãos de cor” ou de “pele escura”<sup>1</sup>.

Primeiramente, as irmandades devem ser compreendidas dentro da mentalidade religiosa medieval e das próprias práticas inerentes na Europa. A historiografia brasileira produziu uma ampla e rica bibliografia sobre as irmandades, mostrando suas práticas, tanto no âmbito social, como cultural e em todo território da América portuguesa. Tais confrarias surgiram na Idade Média, derivadas das corporações de

---

<sup>1</sup> Ver as pesquisas que discutem a categoria analítica da cor: SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor**: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas**: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. Campinas, SP: [s.n.], 2005; SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista** – História da Festa de Coroação do Rei do Congo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

ofício e ordem terceira, sendo reuniões de grupos que tinham como um dos objetivos promoverem a devoção a um santo ou santa (BORGES, 2005).

Assim, como suas congêneres lusitanas, reunindo leigos em torno da devoção, além de prestar serviços de ajuda mútua, que iam desde a realização da festa à promoção de cerimônias de enterramento e auxílio aos irmãos (SOUZA JUNIOR, 2011). No Brasil, as irmandades tiveram momentos mais expressivos durante o período colonial. Contudo, suas existências perpassam todo o período Imperial ainda com respectiva força. Na República, tais instituições começaram a entrar em declínio, mesmo assim, algumas irmandades resistem até os dias atuais. No início, as irmandades não eram institucionalizadas nem reconhecidas por lei, o que poderia se desenhar como ameaça. Com o tempo, provavelmente pela autonomia que esses grupos de leigos assumiram diante da Igreja e do Estado, elas passaram então a terem os seus compromissos aprovados por lei. Deste modo, tais grupos possuíam uma hierarquia interna bem definida, na qual deveriam ter um santo de devoção que desse nome a uma capela ou um templo.

De forma geral, as irmandades podem ser compreendidas como associações religiosas encontradas, principalmente, no meio urbano ou rural, organizadas por leigos católicos e fiéis que se dedicam ao culto de um padroeiro, podendo ser um santo ou uma invocação a Virgem e a Jesus. Tais associações possuem objetivos de ajuda mútua (neste caso obtenção de alforrias, construção de capelas ou igrejas, enterros, empréstimos e ajudam na manutenção de seminaristas). Algumas praticavam obras de caridade perante suas comunidades. Para Boschi, as irmandades foram uma ‘força auxiliar, complementar e substituta da Igreja’, sendo responsáveis pela contratação de religiosos e pela construção dos templos. Deste modo, tais irmandades de brancos, pardos, pretos e indígenas foram responsáveis pelas devoções católicas e pela promoção das procissões e festas, marcada pela grandiosidade das manifestações exteriores da fé e também marcada pelas questões políticas que envolviam as irmandades, o Estado e o poder eclesiástico (BOSCHI, 1986).

O acentuado crescimento de pesquisas no âmbito acadêmico sobre as Irmandades Religiosas nas regiões Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul do Brasil tem contribuído para um maior esclarecimento sobre as práticas religiosas no Brasil Colônia e Império, mas, poucas enfatizaram estes grupos religiosos ao longo do século XX e até o presente. No Brasil, alguns pesquisadores se debruçaram sobre o modo de vida dessas instituições. Os registros e a problematização sobre as fontes referentes a estes

grupos foram analisadas por Julita Scarano, (1976); Caio César (1986); João José Reis (1991); Mariza de Carvalho Soares (1997); Anderson José Machado de Oliveira (1995); Lucilene Reginaldo (2005), entre outros. Deste modo, o tema sobre as irmandades tornou-se uma questão importante na área da Antropologia, História, Religião, Sociologia e outras. As irmandades suscitam questionamentos relacionados à forma de organização, devoção, ritualização, festa, morte, solidariedade e sociabilidade. No caso de Aracaju, existe uma irmandade com esta característica que surgiu no século XIX, instalada na igreja São Salvador no centro urbano da referida cidade.

Assim, a grande questão que suscito nesta dissertação, é pensar na constituição e permanência da irmandade durante o século XX como uma organização coletiva de pessoas que acionam a afirmação religiosa e étnica para fins de socialização. Dessa forma, interessa entender Como isso é feito? De que forma eles ativam a afirmação religiosa e étnica no espaço religioso? Que tipo de sociabilidade pode estar por trás dessas relações que se mantêm costumeiramente na irmandade de São Benedito até hoje? E como ocorrem as relações de sociabilidades e resistências na irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju? Outras questões complementares foram surgindo: Como funciona a irmandade de São Benedito? Como são ativados os mecanismos de solidariedade na irmandade de São Benedito? Quais são as linhas de continuidade presente na referida irmandade? Quais são as identidades - étnicas presentes na irmandade de São Benedito? E o que faz com que esta irmandade sobreviva neste espaço?

As indagações formuladas são indispensáveis para a reflexão, pois as informações oferecidas servem como base para novos elementos que possam vir a surgir com a presente pesquisa.

O Objetivo da presente dissertação é analisar as práticas de sociabilidades e resistências presentes na irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju-(SE). Neste rastro, procuro compreender os laços de solidariedade e os discursos de identidade no contexto desta irmandade. Dialogo, também, intimamente com as questões referentes à temática étnico-racial no espaço religioso. Os objetivos específicos são: (1) Verificar como o campo de estudo sobre as irmandades religiosas se constituiu no Brasil e quais as questões mais relevantes dentro deste campo; (2) Entender como se organizou a irmandade de São Benedito, na cidade de Aracaju, a partir da análise documental do

referido grupo e verificar como essa constituição e existência se perduraram em função da etnicidade. Além de demonstrar, socialmente, quem são os irmãos da irmandade, compreendendo os compromissos traçados, a solidariedade e a crença em torno da confraria (3) Identificar as principais práticas de sociabilidade, solidariedade e resistência presentes na irmandade, destacando-se o momento da festa de São Benedito na cidade de Aracaju e descrevendo e analisando o aspecto da solidariedade na hora da morte. Observa-se, também, como se constituiu o auxílio espiritual e material aos membros e familiares da irmandade.

Assim, os pontos secundários a serem discutidos neste trabalho serão o uso, a função e o sentido da irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju na atualidade, observando o que esta instituição representa e representou, bem como quais finalidades adquiriram em diferentes contextos de sua existência nesta capital. Neste rastro, procuro compreender os fatores que levaram a referida irmandade à invisibilidade<sup>2</sup> dentro do cenário urbano de Aracaju. Toda a análise articulou-se a partir das discussões conceituais realizadas no grupo de pesquisa: “*Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas*” do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Sergipe, coordenado pelo professor Drº Frank Marcon<sup>3</sup>.

A metodologia utilizada nesta dissertação articula pesquisa em arquivo com observação direta. Primeiramente, fiz o levantamento bibliográfico acerca da temática que enfatiza os estudos sobre irmandades, o campo da Antropologia e a discussão sobre práticas religiosas. No segundo momento, parti de uma abordagem etnográfica, assim, enfatizei três espaços: O primeiro espaço diz respeito aos arquivos onde fiz o levantamento documental da referida irmandade. Os principais documentos encontrados foram as fichas de inscrições, os estatutos, os registros de óbitos e uma carta do zelador do cemitério. Nestes espaços, iniciei minha inserção no campo a partir de observações e investigações nos arquivos sobre os documentos da irmandade em questão. Utilizo esta

---

<sup>2</sup> A Antropóloga Ilka Boaventura Leite, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, analisa o conceito de *invisibilidade* negra no Estado de Santa Catarina. Ela mostra que a invisibilidade é um dos principais mecanismos de manifestação do racismo, a negação do outro dentro de um espaço social, para compreender como os afrodescendentes são percebidos em nosso país (LEITE, 1996, p.40-41). A mesma, mostra que o conceito de Invisibilidade foi proposto pela primeira vez por Elisson para discutir como o racismo se manifestava nos Estados Unidos da América. Já no Brasil, a referida pesquisadora debateu o tema a partir de dois pilares, ligando este conceito à ideia de “esquecimento” ou insignificância das populações de matriz africana na realidade brasileira, corroborando a afirmação do mito da democracia racial brasileira proposto por Gilberto Freyre, nas primeiras décadas do século XX.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente desenvolve pesquisas na área de Relações Interétnicas, Identidades, Juventudes, Ações Afirmativas, Direitos Humanos, Estudos Culturais, dentre outros temas.



metodologia porque o espaço temporal desta pesquisa ultrapassa os fatos acontecidos naquele momento e, também, porque quero entender a sociabilidade em um percurso de tempo. Dessa forma, só a observação direta não resolve o problema deste objeto.

De tal modo, entendo que analisar a documentação histórica de cunho qualitativo é fazer uma análise a partir do paradigma indiciário, como desenvolveu Ginzburg (2006), ou do uso da interdisciplinaridade da antropologia hermenêutica, como fez Sidney Chalhoub (1990), no livro “Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte”. O paradigma indiciário de Ginzburg (2006) ajuda a olhar para a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço, para compreender uma modulação particular da história global. Destacando, neste procedimento, os pequenos “fiapos”<sup>4</sup> de informações sobre o referido grupo. Já Chalhoub, contribui com a reflexão sobre o discurso e a comparação das fontes encontradas (CHALHOUB, 1990).

No segundo espaço, realizei a observação direta, sendo executada entre os anos de 2013 e 2014 na festa de São Benedito, analisando o aspecto da sociabilidade presente nesta comemoração. E o terceiro espaço foi o cemitério do referido grupo, onde observei o aspecto da morte para os irmãos. Após a coleta de dados, realizei, em gabinete, a tabulação, análise e interpretação dos dados obtidos; a análise dos dados ocorreu concomitante com as informações abstraídas na pesquisa de campo.

O estudo da cultura afro-brasileira, mais especificamente a discussão sobre diáspora, gênero e irmandades, tem sido uma das principais preocupações da minha trajetória acadêmica. Diante das preocupações expostas, busco analisar como a condição de uma pesquisa sobre irmandade, feita por um homem negro, influi diretamente na forma da análise e na abordagem. Sendo assim, minhas vivências se estabelecem no tripé: homem, negro e pesquisador. A primeira vez que ouvi falar sobre a irmandade de São Benedito, na cidade de Aracaju, foi ainda na graduação quando cursava História na Universidade Tiradentes - UNIT, através das aulas de História da África e ampliando as discussões na disciplina de Brasil Império, ministrada pela professora Joceneide Cunha, de quem fui monitor durante um semestre. É interessante como, durante muito tempo, as práticas de africanos e seus descendentes na cidade de Aracaju ficaram na invisibilidade. Também chamou minha atenção que as pesquisas que enfatizaram a temática sobre a população negra priorizaram, neste Estado, principalmente o Vale da

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Ginzburg (2006).

Contiguiba, a cidade de São Cristóvão e parte do Agreste Sergipano. Foi a partir daí que projetei meu olhar para a irmandade de São Benedito da cidade de Aracaju. Tal irmandade foi considerada durante muito tempo como “a maior expressão da população preta desde meados do século XIX” (DUARTE, 1971).

Ao ingressar no mestrado em Antropologia, da Universidade Federal de Sergipe, iniciei com uma proposta de trabalhar a irmandade no século XX e, aos poucos, fui remodelando meu objeto de pesquisa a partir do contato com as disciplinas. Em meio às leituras e experiências de campo, o projeto inicialmente desenhado sobre a irmandade de São Benedito foi tomando formas.

Em relação à literatura antropológica, muitas são as pesquisas que retratam a população negra em nosso país,<sup>5</sup> mas poucas são as pesquisas que enfatizaram a discussão sobre as práticas das irmandades. Observei isso, inclusive, quando me deparei com a produção antropológica referente às irmandades em Sergipe.<sup>6</sup> Destaco que a relação bibliográfica sobre as confrarias religiosas em Sergipe, em outras áreas, aos poucos vem aumentando, mesmo assim, houver a necessidade de se utilizar algumas obras com um recorte espacial e temporal diferente do de Sergipe para o desenvolvimento da presente dissertação. Muito mais difícil ainda é encontrar trabalhos acadêmicos como teses e dissertações sobre o tema em questão. Os trabalhos existentes, na sua grande maioria, são monografias e se referem ao Vale do Cotinguiba, Vila Nova Real (atual Neópolis), Lagarto e São Cristóvão, por isso uma pesquisa sobre as confrarias religiosas em Aracaju se torna necessária.

---

<sup>5</sup> Ver, entre outros, Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: as Origens da Família Patriarcal Brasileira (1ª ed. 1933), Rio de Janeiro, José Olympio, 1987. MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999. BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. O preconceito racial em São Paulo (Projeto de Estudo). In: HIRANO, Sedi (org.). **Pesquisa Social: projeto e planejamento**. São Paulo: TAQ, 1979; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Os filhos da África em Portugal**: antropologia, multiculturalidade e educação. Lisboa, ICS, 2004; SLENES, Robert. **Na Senzala uma Flor**: as esperanças e as recordações na formação da família escrava – Brasil, sudeste, século XIX, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998. FLORENTINO, Manolo Garcia & GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c.1850, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977; PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na Colônia**. Minas Gerais, 1716-1789, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

<sup>6</sup> A escravidão é um aspecto marcante na história de Sergipe principalmente os estudos desenvolveram contemplando a região da Contiguiba, e no agreste sergipano e em outras regiões do Estado foi estudo com menor precisão. A presença de estudos sobre os africanos e seus descendentes neste estado foi registrada nos estudos de Amaral (2007), Dantas (1988; 2011; 2007), Mott (1986), Nunes (2000), Santana (2008), Santos (2010), Marcon *et al.* (2009) Oliveira *et al.* (2010) e Oliveira Junior (2012). Estes autores vêm contemplando em seus estudos, através das temáticas que abrangem a escravidão, resistência, quilombos, religiosidade, diáspora, solidariedade, cotidiano, demografia, e gênero visando compreender a vida dos africanos e seus descendentes.

O tema das irmandades religiosas em Aracaju é ainda pouco explorado, existindo apenas um catálogo monográfico organizado pelo pesquisador Luís Borges de Lima (2006), *“Avatares da Dor e Da Saudade: inscrições tumulares do Cemitério São Benedito, de Aracaju”*. E outra monografia dos pesquisadores Andreia Santana, Raimunda Andrade e João Mouzart intitulada *“Negras Raízes: a história da irmandade de São Benedito em Aracaju/SE século XX (1946-1971)”*, elaborada no ano de 2010. Algumas citações aparecem de forma secundária no livro *“Estradas de Emaús”* do Bispo Dom Luciano Cabral sobre a Irmandade de São Benedito e outra citação no texto de *“As Faces Culturais de uma rua: Aracaju-1920 a1940”* de Adênia Santos Andrade(2008).

Esta pesquisa sobre a irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju surgiu das indagações sobre o entendimento das práticas das irmandades religiosas no Estado de Sergipe, especificamente, as relacionadas com a cultuação dos santos pretos. Diante do que foi apresentado, justifica a escolha da cidade de Aracaju como marco espacial da pesquisa, levando em consideração a necessidade de entender os processos de sociabilidades e as identidades construídas e reproduzidas dentro da irmandade.

Antes de prosseguir, descrevo parte da experiência etnográfica. Já em campo, quando adentro a Cúria Metropolitana de Sergipe, revi velhos amigos como Tânia, que na ocasião era atual tesoureira e zeladora da irmandade de São Benedito. Ela brincou comigo: “olha o pesquisador que estuda o coração da cidade, a “Igreja São Salvador”, onde foi instalada a irmandade de São Benedito. Agora eu não era mais reconhecido como membro e coordenador do grupo de Jovens, o JUBUSC (Juventude Buscando Cristo)<sup>7</sup>; mas sim como pesquisador, que buscava no coração ou no centro da maior representação da igreja católica em Sergipe, a Cúria, informações a partir de fiapos documentais desta confraria. O objetivo era realizar o levantamento dos dados referentes à irmandade de São Benedito, principalmente, encontrar o estatuto e as fichas de inscrições. Tudo isto com o intuito de compreender a trajetória da irmandade em questão. Naquele momento, me chamou atenção a quantidade de inscrições atinentes à irmandade de São Benedito da cidade de Aracaju, e alguns fragmentos de sua atuação nesta cidade. Mesmo não sabendo de forma mais aprofundada do seu desempenho e das diversas obras de caridade a que esses irmãos se dedicavam e, especialmente, os aspectos da festa e da morte que eram anunciados pela documentação analisada, a

---

<sup>7</sup> O grupo JUBUSC faz parte dos grupos de Jovens da Diocese de Aracaju. E permanecem suas reuniões sendo realizadas dentro da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe no Bairro Coroa do Meio.

irmandade continuava, ainda, neste primeiro contato, totalmente invisível para mim.

Ao mesmo tempo, realizei outras investidas em diferentes espaços religiosos e instituições: o primeiro espaço foi a Cúria Metropolitana, na qual encontrei as fichas de inscrições e os registros de óbitos dos irmãos; o segundo, foi a Igreja São Salvador onde foi instalada a Irmandade em questão. É interessante que neste espaço fui indagado pela zeladora o porquê do interesse em saber sobre a irmandade de São Benedito.

Rapaz por que você quer saber de São Benedito? É por que é fiel deste santo? Temos missas só para a devoção de São Benedito. Sabia? Tem algum parente que é da irmandade? Como você ficou sabendo? E quem é você? Faz parte de alguma paróquia? (LOURDES, 2013).

Naquele momento várias indagações foram sendo tecidas sobre a minha presença dentro deste espaço religioso. Seguidamente, disse que tinha feito parte da paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, localizada no bairro Coroa do Meio. Ela respondeu: “eu sei: antiga paróquia do padre Lucivaldo”. Continuei o diálogo me apresentando e disse que, neste momento, estava pesquisando sobre a irmandade de São Benedito que se localiza nesta instituição, e que o trabalho fazia parte da elaboração de minha dissertação, que estava desenvolvendo no Mestrado em Antropologia.

A zeladora ainda explanou sobre as práticas da irmandade dentro da Igreja São Salvador:

A irmandade de São Benedito sempre atuou dentro deste espaço religioso. Lembro-me dos mais velhos falando sobre a procissão de São Benedito. Todos os irmãos saíam à rua em busca de venerar este Santo. Que pena que nos últimos tempos vejo uma diminuição da festa e uma diminuição dos participantes deste grupo. Aqui na igreja o que ainda encontramos é a missa; o santo; a festa, no caso, a procissão; e o cemitério onde os irmãos ultimamente vêm se enterrando. Desde mocinha participei da festa, e agora, como administradora da Igreja, todos os anos ajudo na organização da missa deste grupo (LOURDES, 2013).

Durante minha busca por documentos, os discursos sobre as práticas da irmandade de São Benedito começaram a aparecer para mim, a partir da memória da administradora da Igreja São Salvador, que acompanhou, durante muito tempo, a trajetória do referido grupo, mesmo não fazendo parte dela.

Outro espaço que foi fundamental para entender o percurso da irmandade foi o Instituto Dom Luciano Cabral, onde ampliei a minha pesquisa de campo. Lá, fui recepcionado pela senhora Carmen, irmã do antigo Bispo da Diocese de Aracaju, Dom Luciano Cabral. Ele foi presidente da irmandade de São Benedito e reformulou, na década de 70 do século XX, o estatuto da irmandade.

Ela me contou um pouco de suas experiências junto a Igreja São Salvador:

Lembro-me da época em que o São Benedito passeava nas ruas de Aracaju. Olhe saíam da Rua Laranjeiras, perpassavam todo o calçadão, e ia, por trás da catedral. Era uma beleza de festa, uma das maiores da capital. Além disso, as pessoas apareciam fazendo promessas. Eu quando era pequena ficava só olhando e apreciando a festa. Minha mãe sempre me levava, lembro-me deste momento (CARMEN, 2013).

A mesma, ainda continuou a relatar:

Meu irmão quem sabe de muita coisa sobre a irmandade, mas hoje ele se encontra debilitado e nem consegue falar. As memórias dele sobre este grupo, do qual foi presidente, são vastas. Mas ele contava da correria que era fazer a missa todos os anos deste santo. Ele disse que vinha gente de todos os lados de Sergipe. Lagarto, Laranjeiras, Maruim, Itabaiana, Porto da Folha, Estância, Divina Pastora e outros. E digo mais, ele ficou muito tempo como capelão da Igreja São Salvador (CARMEN, 2013).

Aos poucos fui fazendo uma pesquisa minuciosa sobre a documentação que se encontrava no instituto<sup>8</sup>. O espaço possui documentações referentes à atuação do Dom Luciano em Aracaju e fora desta cidade. O material abrange a sua atuação dentro da igreja, as obras escritas, as cartas e as alfaias litúrgicas<sup>9</sup>.

Ao chegar neste espaço, tive acesso ao exemplar do livro “Caminhos de Emaús”, nesta obra o referido bispo narra, a partir de suas experiências, as práticas da irmandade de São Benedito, especificamente lança seu olhar para a festa. Assim, traça o perfil dos irmãos e dos devotos que acompanhavam o santo protetor nas ruas da cidade de Aracaju.

Outro material muito importante, encontrado neste espaço, foi uma fotografia que mostrava o percurso da irmandade de São Benedito nesta cidade, em meados do século XX. Tais documentos possibilitaram ampliar o olhar antropológico sobre a irmandade em questão.

---

<sup>8</sup> O instituto Dom Luciano Cabral Duarte é um espaço de ordem privada e não pública.

<sup>9</sup> Designação dada a todos os objetos e vestes utilizados nas celebrações litúrgicas

Outro recinto de grande relevância para o levantamento de dados foi o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Neste arquivo busquei, a partir dos jornais do final do século XIX e inícios do século XX, informações sobre as práticas desta confraria. Encontrei em um único Jornal o anúncio que convidava a população de Aracaju, juntamente com seus membros, a louvar São Benedito, o jornal é do ano de 1911<sup>10</sup> (Ver anexo 01).

Durante minhas idas e vindas, em diferentes arquivos, pude constatar que a documentação sobre a irmandade era escassa, mas, por outro lado, uma única instituição possuía um documento que foi a peça chave para compreender este grupo religioso. Este documento era o estatuto do referido grupo que trazia as diretrizes que a instituição deveria seguir. Estes fragmentos me fizeram refletir sobre a atuação do antropólogo diante do arquivo e as possibilidades do fazer antropológico. Envolvendo documentos e observações diretas.

O trabalho de campo foi crucial para nortear a elaboração de minha pesquisa, instigando novas ideias para trabalhar o objeto. A partir disso, outros vieses foram colocados em cheque. Nesta perspectiva, insurgem meus primeiros dramas pautados na definição de papéis, de representação e reelaboração, bem como de reflexões sobre os discursos. Assim, as documentações levantadas sobre a irmandade de São Benedito são meios materiais de observações; neste caso, os documentos possibilitaram a ampliação e a transformação das qualidades, características ou particularidades do objeto da pesquisa.

Ao mesmo tempo, realizei outro percurso no período de dois anos, inicialmente, em janeiro de 2013. Observei a festa de São Benedito, frequentando as missas nos espaços da Igreja São Salvador e indo à Cúria Metropolitana de Aracaju, onde estabeleci contato com a atual tesoureira e o presidente da irmandade.

Nesta etapa, acompanhei a preocupação da irmandade com a morte (a partir dos pagamentos mensais que eram realizados pelos irmãos de São Benedito na Cúria Metropolitana). Também observei, nesta trajetória, a venda de sepultamento aos não irmãos, ou seja, existe uma economia religiosa que perpassa as atividades de dentro da irmandade em questão. A intenção inicial, ao realizar a observação direta, era buscar um maior estreitamento com o objeto em questão, tais observações se estenderam até

---

<sup>10</sup> FESTA DE São Benedicto. **Folha de Sergipe**. Aracaju. 8 jan.1911, p.1

junho de 2014.

A observação ajudou a entender as relações que são estabelecidas no cotidiano religioso de Aracaju a partir das práticas dos dirigentes da irmandade de São Benedito. As entrevistas nesta pesquisa foram realizadas em forma de diálogos informais com o grupo e com os atuais representantes, irmãos, e participantes da igreja São Salvador, através de conversas gravadas que ajudaram a compor o diário de campo desta pesquisa. Exponho nesta pesquisa o meu empenho de selecionar, captar e reconstruir o que foi possível nesse momento de averiguação e apreensão dessa complexa teia de significados, ou seja, uma irmandade religiosa considerada de homens e mulheres “pretos (as)”, vivendo em um determinado contexto espacial e temporal em Aracaju.

A etnografia aos moldes mais clássicos, como na postura de Malinowski e de outros autores do século XX, é uma etnografia que se dedicava ao trabalho de campo, a sua observação direta ou participante nesse campo e a partir daí, fazia sua descrição e sua análise sobre o fenômeno estudado. Embora no final do século XX o realismo etnográfico tenha sido bastante questionado, outras formas de fazer etnografia foram surgindo, assimilando a crítica de que o fato de se fazer etnografia não garante o acesso à realidade. Partindo desse princípio, entendo a etnografia como um exercício denso de descrição e observação dos significados de uma dada realidade. Estando em jogo nesse processo a subjetividade do pesquisador e a subjetividade dos interlocutores que estão envolvidos. Para isso, respaldo-me em autores como Geertz (1989), Clifford (1998/2011), Wagner (2010) e Marcon (2010). Que, para além do trabalho de campo, também consideram articulação com outro tipo de representação de narrativa. O que estou tentando dizer é que a etnografia pode ser realizada em campo e com pesquisa documental, pois esse momento é uma experiência da trajetória do antropólogo no campo em que ele está envolvido e esse campo inclui a observação direta da comunidade estudada, bem como, a produção simbólica das representações que essa comunidade produziu e das quais produziram sobre ela. Desta forma, esses mecanismos, nesta pesquisa, tornaram-se procedimentos valiosos, com o objetivo de contribuir para o entendimento dos processos cotidianos ocorridos *in loco*.

A dissertação encontra-se dividida da seguinte maneira:

**O capítulo I** partiu da minha experiência e encontro com a literatura acerca da temática sobre irmandade. Deste modo, identifico as principais questões que norteiam a pesquisa; os principais enfoques e suas contribuições teóricas para a leitura e entendimento do tema das irmandades; além de observar os principais conceitos que nortearão o presente trabalho.

**No capítulo II**, entendo como se constituiu a irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju a partir da análise documental do referido grupo. Deste modo, o estatuto da irmandade torna-se uma ferramenta fundamental na compreensão das principais diretrizes traçadas para que esta irmandade funcionasse. A partir desse processo, compreendi suas principais finalidades, a forma de admissão dos participantes, seus deveres e direitos adquiridos ao se tornarem membros dessa instituição; e como sua estrutura administrativa foi configurada pelos eclesiásticos ao longo de sua existência.

**No capítulo III**, estabeleço um diálogo entre a literatura e as experiências de campo, isso através da observação direta na festa e no espaço do cemitério São Benedito. Desta forma, analiso as práticas de sociabilidades e resistências da irmandade a partir da festa de São Benedito, depois me debruçarei sobre o aspecto da solidariedade na hora da morte, observando o auxílio espiritual e material aos membros e familiares da irmandade, sob a proteção de São Benedito; neste momento, procuro perceber o sentido da morte dentro dessa instituição. Para melhor dizer, três são as práticas de sociabilidades que nutrem a existência desta irmandade ao longo do tempo: o plano da celebração de missas ao santo São Benedito; a festa de Reis realizada todos os anos no mês de Janeiro; e a preocupação com uma boa morte dos seus irmãos a partir do sepultamento no espaço do cemitério. Nesse diálogo sobre o referido grupo, pontos convergentes acerca do ambiente em que vivem foram identificados, assim como particularidades e individualidades também são destacadas no desenrolar deste trabalho.

Por fim, indico algumas implicações que identifico sobre os estudos acerca das irmandades e mostro a contribuição que esta pesquisa traz para o campo da Antropologia, mais especificamente, dialogando com as discussões sobre relações interétnicas.



Desta forma, a presente dissertação aborda uma faceta pouco conhecida sobre Aracaju: o mundo das irmandades de “pretos”. Neste sentido, as irmandades nos indicam relevante chave de leitura para se pensar o papel da religiosidade “tradicional”; informam como se davam as socializações da comunidade; e o modo de manifestação de uma fé que desenha laços identitários do grupo. Nos limites deste texto, proponho apontar as chaves de leitura que a documentação apresenta, e oportunamente, tomando como referência a irmandade de São Benedito, pincelar, assim, as discussões que a temática suscita. Deste modo, foi a partir do conceito de sociabilidade que observei as práticas de resistência e solidariedade presentes na irmandade de São Benedito.

## **CAPÍTULO I**

### **1. AS PESQUISAS SOBRE AS IRMANDADES RELIGIOSAS**

Neste capítulo, pretendo situar o leitor sobre o contexto da discussão relativa à produção sobre as irmandades religiosas no Brasil e, no segundo momento, sobre Sergipe. Para isso, fiz uma leitura detalhada de um conjunto de diversos autores, todos voltados para compreensão das irmandades. Além de problematizar a questão do campo de estudo sobre as irmandades, tento verificar como os primeiros trabalhos surgiram e quais as primeiras temáticas que tiveram em voga e como esse campo se desenvolveu. Discuto como tal temática foi analisada e problematizada. E procuro apresentar uma revisão bibliográfica referente aos estudos sobre irmandades no século XX.

Tal capítulo partiu da revisão da literatura acerca da temática sobre as irmandades. Identifiquei que a maioria das pesquisas sobre as irmandades enfatizou principalmente o século XIX, enquanto outras tentaram relacionar as práticas escravocratas dentro das irmandades ao período colonial, sobretudo privilegiando os séculos XVII e XVIII. Assim, constatei que as pesquisas que enfatizam a temática pouco se debruçaram sobre as irmandades na atualidade.

E chego à conclusão que, em relação à literatura do século XX, a produção ainda é pouca ao se comparar com a produção referente aos séculos mais estudados.

De uma forma geral, a bibliografia permitiu situar as questões que têm estado presentes na análise sobre as irmandades, possibilitando sistematizar as preocupações que dizem a respeito ao processo de organização dessas instituições. Além de fornecer o horizonte necessário para pensar a situação da pesquisa em questão, a partir da qual as questões sobre sociabilidade, religiosidade, etnicidade e resistências devem ser colocadas; para tentar demonstrar como pode ser interessante trabalhar com a questão da irmandade em Aracaju no século XX.

## 1.1 O CAMPO DAS PESQUISAS SOBRE AS IRMANDADES RELIGIOSAS

O interesse pela temática das irmandades leigas, bem como sua importância no cotidiano nacional, tem crescido nas últimas décadas entre os pesquisadores das ciências humanas e sociais. O aumento do interesse de pesquisadores, sobre as temáticas religiosas que enfatizavam as irmandades, teve seu auge quando algumas obras pioneiras retiraram o estudo das irmandades apenas do âmbito específico da história da igreja e mostraram seu potencial a partir de outros enfoques, assim como através de outras disciplinas como a Antropologia e a Sociologia.

Durante o levantamento bibliográfico, duas grandes pesquisas sobre irmandades aparecem como referência e fio condutor para quase todos os outros que analisam e discutem esse tema. A obra de Julita Scarano (1976), *Devoção e Escravidão A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII*; e o trabalho de Boschi (1986), *Os Leigos e o Poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*; ambos publicados nas décadas 70 e 80 do século XX.

Nas duas obras, foi possível identificar como temas centrais as relações estabelecidas entre as irmandades com o Estado e com a Igreja Católica, não deixando de lado a pesquisa sobre a composição e a organização dessas instituições.

O trabalho de Julita Scarano (1976), *Devoção e Escravidão A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII*, foi pioneiro na discussão sobre as irmandades religiosas no Brasil, especificamente as ligadas a Minas Gerais. Traçou os contornos das práticas sociais dentro desta intuição, ao discutir o papel e a função da confraria de Nossa Senhora do Rosário, que tinha como membros de seu grupo a presença de escravos. A partir disso, verificam-se as bases religiosas, as relações econômicas traçadas, os direitos e deveres, incluindo os auxílios que a confraria prestava aos seus componentes. Scarano (1976) aponta para uma análise das relações escravistas e observa os conflitos entre senhores e escravos. Para a pesquisadora, o espaço religioso teria tido a função de estimular a divisão entre os escravos. Em relação às confrarias, defende que tais organizações foram fundamentais para inserção eficaz dos cativos no espaço social. A categoria de solidariedade aparece em um dos capítulos de sua obra, quando retrata o papel social das irmandades em Minas Gerais.

As questões apontadas por Julita Scarano prosseguirão na pesquisa de Caio César Boschi (1986), *Os Leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. O autor seguiu a mesma linha de Scarano, ao examinar o papel das irmandades mineiras no período colonial, a partir de uma discussão teórico metodológica quanto a conceituação e tipologia das confrarias leigas, assim como a relação que elas estabeleciam com o Estado português e a Igreja Católica ao longo dos setecentos. Nessa obra, destacou os mecanismos traçados a partir das políticas eclesiásticas e o papel do Estado sobre estas confrarias dissociando-as de seu aspecto político.

Boschi (1986), diferencia-se de Scarano (1976) quando, em sua pesquisa, chama atenção para os prestígios sociais da população escrava e liberta, de pertencerem a uma confraria para homens de cor, e coloca as associações como servindo apenas aos interesses dos senhores. Desse modo, reflete, ainda, sobre a formação de uma consciência de classe por parte dos escravos dentro das irmandades (BOSCHI, 1986).

A crítica de autores mais recentes ao trabalho de Boschi (1986) afirma que ele não vê os irmãos da confraria como agentes de seu meio. Portanto, a religiosidade dos escravos foi percebida como uma acomodação ao catolicismo branco pela população negra, não levando em consideração a sua religiosidade. Essas confrarias eram compreendidas como instituições que, por não se opor ao regime escravista, eram permitidas pelos senhores para que seus escravos se sentissem satisfeitos e trabalhassem melhor.

Em relação a Scarano (1976) e a Boschi (1986), grande parte das críticas dirigidas a eles no campo da análise das irmandades religiosas entre as décadas de 1970 e 1980, provinha de historiadores do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e de Minas Gerais, fortemente influenciados por teorias da “Nova História Social ou Cultural”, rompendo e ampliando a discussão que foi estabelecida nessa época pela teoria marxista e pela visão materialista sobre as irmandades. Tal perspectiva, ainda se faz presente na discussão sobre irmandade entre alguns historiadores do século XXI.

Outra obra interessante que discutiu e revisitou a discussão sobre escravidão foi a obra de Célia Maia Borges (2005), intitulada *Os Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário-Devoção e Solidariedade em Minas Gerais, Séculos XVIII e XIX*. O objetivo central de sua pesquisa foi analisar as confrarias de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais. Assim, percebe o espaço religioso como lugar privilegiado para se

observar as redes de Solidariedade, ou seja, um “espaço de socialização, de trocas culturais entre semelhantes e diferentes, bem como espaços explicitamente organizados em função da solidariedade/caridade” (BORGES, 2005, p.18). Como chamaram atenção Scarano (1976) e Boschi (1986).

Para Borges (2005), as irmandades do Rosário foram as mais numerosas em todo território de Minas Gerais. Constatou-se um total de 63 irmandades distribuídas por toda região mineradora, tendo o início da devoção no século XVII e seu auge no século XVIII, com declínio no século XIX. Para ela, é através dessas organizações que se pode perceber uma riqueza nas relações entre os diversos grupos presentes naquelas formações sociais. Portanto, as relações estabelecidas, intra e extra irmandade, que vão desde a cooperação e ajuda mútua até conflitos, geraram uma dinâmica social própria, nem sempre perceptível ao primeiro olhar (BORGES, 2005, p.21). Borges (2005) problematiza a documentação levantada através da ideia de diferenças e conflitos entre as diversas irmandades em Minas Gerais. Para a autora, as diferenças e os conflitos eram superados nas festas, principalmente no caso da festa do Rosário. Além disso, em sua pesquisa, verificou as formas de participação dos irmãos naquelas organizações, trazendo à tona seus interesses e anseios diante da sociedade em questão.

Tais estudos abriram caminho para vários outros, uma vez que Scarano (1976) e Boschi (1986) trouxeram documentações inéditas para a discussão sobre o campo religioso e o envolvimento da população negra no espaço das irmandades, além de instigar a reflexão sobre o papel dessas associações e o engajamento dos seus membros em torno da devoção. No caso de Borges, ela tenta levantar a discussão relacionada ao aspecto do conflito e diferença nas irmandades mineiras e demonstra que houve uma flexibilidade do controle da igreja sobre as irmandades, o que quer dizer que tais irmandades eram menos controladas do que até então se supunha.

Para além da discussão sobre escravidão, na década de 90 do século XX, surgiram outras temáticas e pesquisas com foco nas irmandades religiosas. Em tal período há certa continuação das fontes históricas, utilizadas nas décadas anteriores, que ampliaram ainda mais o campo de discussões sobre a história da escravidão e da população negra. Destacam-se os batistérios, as fontes judiciais, as cartas de alforrias, a iconografia e as atas eclesiásticas. Essas fontes documentais possibilitaram, também, o aumento da reflexão referente ao papel das irmandades, principalmente ligando os conceitos de estratégias e resistências em torno deste espaço religioso, aparecendo a

discussão sobre etnicidade no espaço das irmandades.

Surge uma nova discussão em torno da temática da morte de africanos escravizados e livres na Bahia, como é o caso do livro de João José Reis (1991), intitulado *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, publicado no ano final da década de 80. Trata de uma questão específica das funções das irmandades perante a morte. O principal elemento interpretativo desenvolvido no livro foi a revolta da Cemiterada, que aconteceu em 1836 na cidade de Salvador-(BA). Tal obra torna-se relevante no tocante à elaboração desse trabalho, tendo em vista que Reis (1991) escreve um capítulo que enfatiza as irmandades religiosas, destacando o seu engajamento neste processo. Para Reis (1991), as irmandades se utilizaram de diferentes mecanismos para evitarem a proibição dos enterros em solo sagrado. A partir da obra em questão, é possível verificar e indagar quais os traços de continuidade que permaneceram na virada do século XIX para o XX, presente nessas instituições, e como elas eram representadas perante a sociedade vigente. O pesquisador Reis (1991, p.55) retrata que as irmandades existentes no período colonial, ligadas à Igreja Católica, eram formadas por homens brancos, mulatos e pretos. Dentre tais irmandades, ele enfatiza que as de pretos era onde vigorava a subdivisão por etnias de origem: a dos jejes, dos nagôs e dos angolas, (REIS, 1991, p. 55).

A obra de Reis (1991) se tornou referência nos estudos sobre a função das irmandades, associando aos cuidados fúnebres, juntamente com a reflexão sobre a manutenção da cultura da morte. Por outro lado, o pesquisador chamou atenção para uma nova forma de sociabilidade entre os negros, o engajamento dos escravos e libertos, por meio das atividades destinadas à prestação de assistência social aos seus membros, como exemplo os auxílios a doença e morte.

Outra pesquisa fundamental para os estudos das irmandades é a dissertação de Anderson José Machado de Oliveira (1995), que apresentou as categorias analíticas de Devoção e Caridade presentes em uma irmandade da cidade do Rio de Janeiro Imperial. Diferentemente da discussão proposta por Reis, ele destacou as tensões entre os leigos e as autoridades eclesiásticas no espaço religioso. O ponto principal de sua obra é a importância do culto aos santos no Brasil Colonial, tendo como foco o culto a Elesbão e a Santa Efigênia. Tal pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira dá ênfase ao culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia, destacando o processo de catequese realizado pela religião católica naquele período. Para isso, refletiu como se estruturou o projeto

catequético com base no culto a esses santos, que se tornaram santos de devoção para a população negra. As principais irmandades destacadas por ele foram as irmandades de Elesbão (Rio) e Santa Efigênia (Mariana). Já a segunda parte da obra observa a difusão destes cultos, estando presentes a mediação do clero e a “apropriação” dos fiéis dessas práticas sociais aos chamados santos pretos.

As devoções exerceram um papel fundamental na construção de identidades mais abrangentes do grupo em questão (OLIVEIRA, 1995, p. 267). Portanto, o autor defende que os atos religiosos são elementos a serem levados em consideração no processo de reconstrução étnica. Foram os cultos religiosos que contribuíram de modo expressivo no processo de identificação das pessoas em torno das irmandades. A diferenciação e igualdade de cada irmandade seguiam pré-requisitos estabelecidos que ora poderiam ser cumpridos, ora burlados.

Na década de 90, outro trabalho que se tornou referência nos estudos a respeito das irmandades e a relação com a análise sobre etnicidade, foi a pesquisa de Mariza de Carvalho Soares (2000). A pesquisa seguiu a linha da discussão sobre identidades e procedências. Tal pesquisa foi concluída em 1997 e lançada em 2000, na qual Soares (2000) estudou a identidade e a religiosidade associada à etnicidade de um grupo africano (Maki), estabelecido no Rio Janeiro no século XVII. Na pesquisa de Soares (2000), *Devotos da Cor*, encontra-se uma riquíssima análise sobre a construção de identidade étnica e religiosa dos africanos Makis, a partir da análise estruturada em um único documento, os “Estatutos da Congregação dos pretos minas no Rio de Janeiro”, datado de 1786. Os autodenominados pretos-minas organizaram uma irmandade na Igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia. É interessante salientar o esforço da autora para entender a pertinência desse documento inédito sobre um grupo africano praticamente ignorado, até entre a historiografia da escravidão. A contribuição da pesquisadora foi levar em consideração as nações de procedência africana presentes em uma irmandade, analisando as várias alternativas de convivência social e religiosa do grupo.

Na mesma linha de discussão, sobre procedências dos membros da irmandade, surgiu a tese de doutorado de Reginaldo (2005) intitulada *Os Rosários dos Angolas: Irmandades negras e experiências escravas e identidade africana na Bahia setecentista*, de 2005, no qual a autora analisou e descreveu as irmandades do Rosário na Bahia a partir das suas primeiras fundações, em meados do século XVII, até o final do século

XIX. Destacou, também, a presença de irmandades controladas por africanos angolas e seus parceiros crioulos. Segundo Reginaldo (2005), tal fenômeno indica uma valorização deste espaço por parte dos angolas, muito mais do que qualquer outro grupo de africanos. A identificação com as confrarias católicas aponta para a importância do catolicismo na África Central e, ao mesmo tempo, ressalta esse elemento como fundamental na constituição de uma identidade particular dentro da comunidade escrava e da sociedade baiana em geral. O trabalho em questão também discute tal identificação na experiência dos escravos, sugerindo uma perspectiva de investigação da história da devoção ao Rosário, das confrarias negras e da identidade angola ao longo do século XVIII.

Para Reginaldo (2005), o catolicismo foi utilizado pelos negros como um espaço de busca de elementos de identificação, independente das diversas situações, no qual os mesmos conseguiram burlar as dificuldades por eles encontradas. Mostra, em sua pesquisa, que existiram duas formas para cristianização dos negros no Brasil durante o período colonial: primeiro por meio da catequização e o segundo pelas irmandades de cor. A autora enfatiza a questão da identidade como fator da formação das confrarias negras no Brasil, fazendo um paralelo entre as confrarias existentes em Portugal que vieram para a América. Este estudo serviu para dar visibilidade a um grupo de africanos esquecidos pela historiografia da Bahia, que são aqueles que cultuam Nossa Senhora Do Rosário. O culto servia para resgatar o elemento fundamental da construção da identidade angola, sendo que esse espaço, de sincretismo com a religião africanizada, ajuda a entender o sincretismo com os candomblés congo-angola, constituindo-se um espaço de construção de identidades (REGINALDO, 2005). Tanto Soares (1997), no Rio de Janeiro, como Reginaldo (2005) na Bahia, estavam preocupadas com a construção das identidades entre os escravos. No caso da primeira, com os Makis, e a segunda, com os Angolas.

Outra temática que aparece na década de 80, e ampliada no século XX, está relacionada às discussões sobre ‘festas no espaço religioso’, como o trabalho de Carlos Rodrigues Brandão (1981), com o texto “*Sacerdotes de Viola: os rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*”. No início da década de 80, ele realizou estudos sobre rituais religiosos e, dentre outros, aqueles direcionados à questão da identidade étnica. O referido antropólogo observa as diferentes expressões do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais e traça uma análise comparativa entre



as festas de Santo Rei, São Gonçalo, São João, Santa Cruz, Divino Espírito Santo e São Benedito. Nessa pesquisa, ele dá ênfase aos ciclos festivos de diferentes santos, destacando principalmente São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, ligados às festas de Reis nas irmandades no Brasil. A escolha dos ciclos obedeceu a mais de um critério: de um lado procurou envolver os rituais religiosos convocados entre os mais significativos, dentro do espaço geográfico compreendido pela pesquisa; do outro lado procurou situações sociais de festa que recobrissem uma série de interrogações de pesquisas que realizou em Goiás. Assim, fez a análise de um ritual em cada ciclo. Procurou fazer uma discussão de um aspecto que se abre da própria narrativa do ritual do depoimento, ou dos depoimentos da sequência de casos como denominou o mesmo.

Martha Abreu pensa de forma parecida sobre as festas no Rio de Janeiro. Assim, fez uma pesquisa intitulada (1999), “*O império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*”, publicada no final da década de 90 do século XX. Esta autora analisa a festa do Divino Espírito Santo ao longo do período oitocentista. O trabalho tem como marco espacial a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Em sua pesquisa, privilegia a análise dos diferentes significados atribuídos por seus organizadores, festeiros, frequentadores e defensores (ABREU, 1999, p.26). Dessa forma, no livro “O Império do Divino”, Abreu (1999) visualiza diferentes mecanismos de apreensão da realidade sob o prisma da festa no campo da historiografia brasileira. A pesquisadora utiliza-se de uma vasta documentação relativa ao cotidiano do Rio de Janeiro Imperial. Em seus resultados, observa-se a sociedade carioca oitocentista e percebe-se, a partir dos dados obtidos, a diferenciação do âmbito religioso, incluídas aí não só as diferenças sociais, mas também as de caráter étnico, com também chamou atenção Brandão (1981), em sua pesquisa.

Diferente de Brandão (1981), Abreu (1999) estava interessada em como se constituíam as tensões dentro deste espaço. Seu objetivo central foi analisar as pesquisas sobre festa popular e apresentar como elas se perpetuaram no Brasil. A pesquisadora adentra as manifestações populares que envolviam as festas dos santos, enfatiza as atitudes de devoção. Também destaca a memória como um elemento crucial para realização de suas pesquisas, partindo dos literatos e memorialistas. Tanto a pesquisa de Brandão (1981) quanto a de Abreu (1999) trataram de forma secundária as irmandades, tendo como objeto central as festas populares. Desta forma, contribuíram nos registros dessas práticas e na problematização desse objeto de pesquisa, chamando

atenção para a devoção dos membros e para as memórias que as pessoas têm sobre as festas.

Os estudos acerca das irmandades, produzidos nas primeiras décadas do século XXI, deram continuidade às temáticas sobre festas e, ao mesmo tempo, apareceram temáticas diferentes das suscitadas na década de 80 e 90. A pesquisa de Glaura Lucas (2002), *“Os sons do Rosário: o congado Mineiro dos Arturos e Jatobá”*, partiu de uma análise etnomusicológica, buscando perceber a música, na condução dos rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, como um dos códigos que traduzem simbolicamente os aspectos e a visão de mundo daqueles que a vivenciavam, bem como construir um meio no qual significados são gerados e transformados. A autora, diferente de Abreu (1999), observa a importância simbólica de instrumentos como tambores e outros. Esses elementos sagrados são, para ela, portadores de uma linguagem igualmente sacralizada que possui sua própria dimensão expressiva e significativa no espaço da festa. Assim, em sua pesquisa, privilegiou os aspectos rítmicos e temporais da celebração das irmandades. Para isso, a pesquisa concentrou-se nos Reinados de duas irmandades: a de Nossa senhora do Rosário, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte; e a de Contagem, composta basicamente pela comunidade negra dos Arturos e Jatobá. Ela finaliza sua pesquisa chegando à consideração de que os rituais do Reinado se cumprem em meio à música, cuja força emana dos sons produzidos nos instrumentos, dinamizando a palavra cantada e os gestos do corpo. Neste sentido, a música revela aspectos da cosmovisão de seus participantes de maneira própria e como interpretam sua realidade.

Estas pesquisas, que enfatizaram as irmandades, privilegiaram as questões recorrentes a devoção, o período escravocrata, o modo de organização, a relação entre Estado e Igreja, a morte, a música, a solidariedade, a festa, o protesto político e a etnicidade em torno da religião e das principais práticas sociais das irmandades até o fim do império. Principalmente, estas pesquisas deram ênfase à questão da escravidão em torno das irmandades. Deste modo, as questões das sociabilidades e resistências foram temáticas pouco observadas na pauta da discussão sobre as irmandades, sobretudo, as ligadas ao período pós – escravista, quando aparentemente o enfoque foram as festas.

Estas leituras e interlocuções posteriores, com novos campos de pesquisa, exigiram ajustes significativos na interpretação sobre as práticas de grupos religiosos,

especificamente no tocante às irmandades religiosas. Além disso, penso que o campo religioso ganhou, dentro do âmbito das pesquisas, novos contornos que demandam uma reinterpretação. Seguindo esta linha, tal investigação, numa perspectiva mais ampla, se aproxima do trabalho que proponho: analisar as práticas de solidariedade e resistência presentes na irmandade de São Benedito, na cidade de Aracaju.

## **1.2 OS ESTUDOS SOBRE IRMANDADES EM SERGIPE**

Os primeiros registros sobre as irmandades em Sergipe foram descritos por Filho (1985/2002) em seu livro: *Festas e Tradições Populares do Brasil*, no qual descreve a festa de São Benedito na cidade de Lagarto no século XIX, a partir dos relatos de Silvio Romero. Para Filho, “a procissão de S. Benedito que se fazia anualmente em Lagarto, em Sergipe, descortinava uma nesga de tela moldurada antiga, a restauração de uma dessas cenas em que se confundiam classes e castas, constituindo um todo harmônico, estranho e significativo” (FILHO, 1985/2002, p. 88).

A partir do relato de Filho (1985/2002), observa-se que a procissão de São Benedito impressionava pela sua grandiosidade, chegava a ofuscar os demais eventos e celebrações que ocorriam na localidade no mesmo período. Como atesta o mesmo, o culto religioso organizado aos santos Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia, modificava e agitava o espaço da cidade de Lagarto, localizada no agreste sergipano. Filho (1985/2002) não estudou as irmandades como um objeto específico, mas é interessante frisar que o autor consegue captar a densidade desta celebração. A partir de suas narrativas, a festa pode ser percebida como um espaço de socialização entre a população negra e a comunidade. Assim, a narrativa de Filho torna-se interessante por trazer fragmentos do mundo das irmandades em Sergipe.

No mesmo rastro, o antropólogo Luis Mott (1986), em sua obra “*Sergipe Del Rey: População, Economia e Sociedade*”, retrata que as irmandades em Sergipe são vistas como um espaço onde a população de cor tinha o direito de se reunir sem pressão do Estado. O autor também descreve as principais cidades de Sergipe onde havia a presença das irmandades do Rosário dos homens pretos. As principais localidades destacadas por ele foram: “Santo Amaro (1817), Divina Pastora (1817) Rosário do Catete (1818) e Brejo Grande (1849) e uma de pardo na cidade de São Cristovão Nossa Senhora do Amparo (S/D)” (MOTT, 1986, p.57). Ele também faz alusão à “irmandade em Propriá de Nossa senhora do Rosário (1817) que agregava homens brancos, pardos e pretos”.

Segundo Mott (1986), existiam rivalidades entre as confrarias de preto em Sergipe. Um exemplo foi a disputa entre as irmandades de Santo Amaro e a povoação do Rosário do Catete, quando esta última pretendeu oficializar sua confraria gerando uma tensão com a irmandade de Santo Amaro, que sentiu seu patrimônio ameaçado por essa descentralização do poder religioso. Mott (1986) ressalta também outras irmandades que não tinham em seus compromissos a designação da cor. As principais foram: “em São Cristóvão, São Miguel Arcângelo (1821); em Santo Amaro, São Miguel e Almas (1814); em Divina Pastora, Santíssimo Sacramento (1818)” (MOTT, 1986, p.57). Em relação à organização das celebrações por parte das irmandades de pretos, Mott (1986) visualiza que elas enfrentavam mais dificuldades na arrecadação financeira, especialmente as destinadas a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. “Assim, observa-se com toda dificuldade que esses irmãos não abriam mão do dia da festa, de usar sua coroa de Reis para festejarem São Benedito, essas práticas eram costume muito antigo que já se realizavam há anos” (MOTT, 1986, p.58).

Tanto Filho (1985/2002) quanto Mott (1986) trazem fragmentos das práticas de algumas irmandades que existiram no período oitocentista, em diferentes cidades do Estado de Sergipe. Demonstram a organização da festa, a composição dos espaços religiosos e chamam atenção para as disputas dentro destas confrarias.

A Antropóloga Beatriz Góis Dantas (1972), em sua obra intitulada *A Taieira de Sergipe: pesquisa exhaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste*, descreve e documenta a dança da Taieira realizada em Sergipe, destacando principalmente as cidades de Laranjeiras, Lagarto e São Cristóvão. A partir da escolha dessas três cidades, traça o seu procedimento metodológico de pesquisa: o primeiro foi a pesquisa de campo na cidade de Laranjeiras, onde a dança é realizada até hoje; o segundo foram as informações colhidas em Lagarto e São Cristóvão, junto às pessoas que organizaram ou assistiram à Taieira em tempos passados e, por último, analisa os escritos publicados e inéditos que descrevem a realização do festejo em outras épocas .

Em Dantas (1972), a representação das Taieiras está ligada às festas de Reis, onde se cultuam louvores aos Santos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Tal comemoração era organizada pelos irmãos das irmandades negras das respectivas cidades pesquisadas. A partir da cidade de Laranjeiras, destaca Dantas (1972, p.18), “a discriminação da sociedade laranjeirense que se estendia a todos os setores da vida humana, atingindo até a religião”. “As irmandades religiosas que ali floresciaam seguiam

linhas de cor” (DANTAS, 1972, p.18). Dantas mostra em sua pesquisa alguns espaços onde foi registrada a presença da Taieira: “no século XVIII no Rio de Janeiro, na Bahia e Alagoas no século XIX e XX, e em Sergipe, destaca que a presença da Taieira nas cidades de Lagarto, São Cristóvão, Itaporanga e Aracaju, dentre outras cidades onde existiu a devoção dos santos dos negros” (DANTAS, 1972, p.74).

Os pesquisadores, Filho (1982/2002), Mott (1986) e Dantas (1972), buscaram em suas pesquisas registrar as documentações, as memórias, a presença e a função em torno das práticas realizadas pelas irmandades. Entretanto, não parece ter sido objetivo deles em estudar as irmandades em suas especificidades. A falta de pesquisa sobre religião, até a década de 90 do século XX, levou a historiadora Maria da Glória Santana de Almeida (1999) voltar sua atenção para as pesquisas no universo religioso, especificamente, no que diz respeito ao papel da Igreja Católica em Sergipe. Para ela, nessa década, havia muito ou quase tudo por se fazer quando se falava das pesquisas no campo religioso no Estado.

Os estudos específicos sobre irmandades em Sergipe foram mais recentemente registrados por pesquisas que deram origem aos textos acadêmicos de: Maria Vaneide de Andrade Oliveira (2000), Claudia Maria Lima Trindade Farias (2004), Luis Borges de Lima (2005), Sérgio Gomes (2006), Vanessa Santos Oliveira (2008), Flávio Santos do Nascimento (2009), João Mouzart de Oliveira Junior *et.al* (2010), Claudefranklin Monteiro Santos (2013), Flávio Santos do Nascimento (2014).

Também destaco o número de artigos<sup>11</sup> científicos nos últimos anos que enfatizam a discussão sobre gênero feminino, etnicidade, fontes religiosas e disputas dentro do espaço religioso. Desta forma, as pesquisas sobre religiosidade em Sergipe, especificamente sobre as irmandades, vêm aumentando a partir de pesquisadores (as)

---

<sup>11</sup> Ver o artigo: NUNES, Verônica. Fontes judiciais para o estudo da Religiosidade. In: **História, Memória e Justiça** – revista eletrônica do Arquivo Judiciário. Ano 1, N. 1, Mar/Jun 2008; SANTOS, Joceneide Cunha. Um olhar sobre as irmandades do Rosário dos homens pretos nas terras sergipanas (1750-1835) Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/13985/7865>. Acessado em: 14 de julho de 2014; OLIVEIRA, Vanessa S; NUNES, Verônica. M<sup>a</sup>. Meneses. A Festa do Rosário dos Homens Pretos na cidade São Cristóvão/SE. **Cadernos de história (UFOP. Mariana)**, v. IV, ano 2, n. 2, 2008, p. 14-24; OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart. **A cor da oração**: as práticas da irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju-SE na atualidade. Disponível em: [http://www.gerts.com.br/seciri/anais\\_III\\_SECIRI/gt04/gt04\\_03.pdf](http://www.gerts.com.br/seciri/anais_III_SECIRI/gt04/gt04_03.pdf) Acessado em: 12 de junho de 2014; MECENAS, Ane Luíse Silva. Entre **o sagrado e os embates**: disputas pela administração das terras e bens da divina, na capitania de Sergipe (1816-1818). Disponível em: [http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art\\_MECENAS\\_terras\\_sergipe\\_OK.pdf](http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_MECENAS_terras_sergipe_OK.pdf) Acessado em: 12 de junho de 2014; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **O Fausto dos negros**: a procissão de São Benedito no Sergipe Oitocentista. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao50/materia04/> Acessado em: 12 de junho de 2014

como Ane Luíse Silva Mecnas, João Mouzart de Oliveira Junior, Joceneide Cunha, Magno Francisco de Jesus Santos, Vanessa dos Santos Oliveira e Verônica Nunes.

As primeiras discussões sobre as irmandades em Sergipe enfatizaram as irmandades ligadas à ‘elite’ branca, no início, retratando o trabalho da pesquisadora Oliveira (2000), com a monografia intitulada *Elite Itabaianense na Irmandade das Santas Almas do Fogo do purgatório da Vila de Itabaiana (1860-1898)*; e o segundo, em posição semelhante com as ideias de Oliveira (2000), foi a pesquisa defendida por Farias (2002), *A irmandade do Santíssimo Sacramento: Expressão religiosa da Elite Sancristovense (1820-1887)*.

O objetivo de Oliveira (2000) foi analisar a composição social da irmandade de brancos em Itabaiana. A autora buscou responder a hipótese de que apenas a elite fazia parte desta associação religiosa. Afirmou que o fator econômico não era determinante e sim limitador para o ingresso dos irmãos na confraria. Constata, a partir de entrevista, que a irmandade em questão possuía um caráter deselitizante. “Fazendo parte da sua atual composição social pessoas humildes, pequenos comerciantes, trabalhadores em geral, e na sua maioria pessoas iletradas” (OLIVEIRA, op.cit., p.39). Assim, a busca pela irmandade não ocorre mais por interesse de afirmação social, mas sim por interesse religioso. Oliveira (2000) chegou à conclusão que as irmandades de branco, que sobreviveram no século XX, tornaram-se irmandades de homens brancos empobrecidos.

Já Farias (2002) parte da análise das fontes documentais, especificamente de dois testamentos, o primeiro e mais antigo do ano de 1820 e outro de 1887. Para Farias (2002), a confraria caracterizou-se por seu papel excludente ao admitir somente membros da elite local de cor branca e possuidores de bens de valor considerável. Mesmo sem encontrar o compromisso de irmandade, ele afirma que foi possível observar a presença da preponderância do poder econômico daqueles que a integravam representada na edificação de sua capela, onde está projetado o estilo barroco, característico nas edificações religiosas, além dos bens e da cultura material católica existentes na citada capela.

Tais pesquisas buscam na documentação das irmandades, especificamente nos compromissos e nos testamentos, os fragmentos da história dessas confrarias mais ‘elitizadas’. A pesquisa de Oliveira (2000) verificou que ao longo do tempo a irmandade em questão foi reconfigurada, inclusive, possibilitando a presença de pessoas mais humildes. Entretanto, Oliveira e Farias entram em consenso quando

alegam que as irmandades no século XIX tinham um caráter excludente, levando em consideração a cor dos irmãos de cada irmandade.

No mesmo rastro de Oliveira (2000) e Farias (2002), a pesquisa de Sérgio Gomes (2006), intitulada “*Análise do Termo de compromisso da irmandade de Nossa Senhora D’Ajuda (agosto de 1840)*”, teve por finalidade fazer uma análise do termo de compromisso da irmandade em questão. A partir da análise deste documento, pode-se ter uma ideia de como eram regidos, quem eram os seus membros e quem podia, ou não, fazer parte desta confraria. Diferente de Oliveira e Farias, Gomes (2006) constatou que esta irmandade era composta por brancos e pardos que faziam valer seus valores no sentido de estatuto social, onde impunham regras, pelas quais, aos negros era negada a participação nesta irmandade. Para o pesquisador, “na irmandade de brancos ricos, não tinha espaço para pretos” (GOMES, op.cit., p.68). Outro ponto importante da análise é o processo de caridade que era desenvolvido por esta confraria aos irmãos congregados na hora da morte. Para o autor, a morte era algo muito caro, assim, era responsabilidade da irmandade financiar seus enterros e zelar por suas almas.

O que se torna interessante na análise de Gomes (2006) é que sua pesquisa amplia a discussão sobre as irmandades de branco, que foram vistos apenas como um espaço de exclusão para pardos e pretos. Ao trazer em sua pesquisa uma irmandade de branco, que se relacionava internamente com a população parda, desconstrói a generalização no âmbito da pesquisa sobre esse grupo, abrindo, assim, um leque de possibilidades para outras reflexões, além disso, outras abordagens acerca da etnicidade, da devoção, da caridade, da morte, da romanização e dos processos de organização.

Duas pesquisas enfatizaram a irmandade de São Benedito em Aracaju, o primeiro, foi o trabalho de Lima (2005), “*Avatares da dor e da saudade: inscrições tumulares do cemitério São Benedito, de Aracaju*”, trata-se de um catálogo que reúne as inscrições tumulares do cemitério São Benedito, em Aracaju. Observa-se no seu trabalho um breve histórico desse cemitério e o contexto social no qual está inserido este patrimônio. Lima (2005) registra 117 inscrições tumulares com suas respectivas referências. Entretanto, o mesmo não realizou, por exemplo, a análise dos dizeres presentes nas lápides do cemitério. A segunda pesquisa foi intitulada “*Negras Raízes: história da irmandade de São Benedito em Aracaju/SE século XX (1904 -1971)*”, que eu mesmo realizei em 2010, analisando a história do processo de organização desse grupo, nesta cidade. Constatei que a irmandade “era o lugar que possibilitava à

população de cor estabelecer um espaço de autonomia dentro da sociedade, pois, ao se inserir nas confrarias negras, as comunidades mais carentes detinham alguns benefícios” (OLIVEIRA JUNIOR, 2010, p, 53). Na ocasião, as irmandades, tanto no contexto nacional quanto local, traziam ainda no século XX características semelhantes às do século XIX. A irmandade de São Benedito, na metade do século XX, mesmo com o processo de modernização, possuía resquícios das características e das regras que corresponderam aos seus objetivos no século XIX, quando existia um maior número de cultos aos chamados santos pretos, como São Benedito. Neste sentido, tal pesquisa ajudou a entender quais continuidades que perduraram do século XIX para o XX, como as características sociais, os dogmas, as festas e os rituais.

Dessa forma, analisando uma das funções exercidas pela irmandade de São Benedito, foi possível perceber um forte apego à celebração da festa e à preocupação com uma ‘boa morte’ para os seus integrantes. Presume-se que essa irmandade possui características semelhantes às de outras irmandades negras, características estas que foram elencadas através das bibliografias do período oitocentista, bem como das fontes como o “estatuto” e narrativa sobre festa, feita pelo bispo Dom Luciano Cabral Duarte, destacada no início. Percebo a importância desta organização para Aracaju no período de modernização já que uma das suas missões, segundo os documentos, era dar assistência às camadas mais humildes desta cidade.

Nesse sentido, os pesquisadores Lima (2005) e Oliveira Junior (2005) buscaram trazer à tona a experiência da população negra da capital de Sergipe. Ambos os pesquisadores usaram diferentes fontes. Enquanto Lima (2005) se deteve às lápides do cemitério São Benedito, Oliveira Junior (2005) se apoiou na documentação disponível sobre o grupo em questão: o Estatuto da irmandade, os registros de óbitos e algumas fichas de inscrições dos irmãos.

Na mesma linha de discussão sobre as irmandades negras em Sergipe, mas com uma perspectiva temática acerca da etnicidade, foi a dissertação de Vanessa S. Oliveira (2008), *A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário: etnicidade, devoção e caridade em São Cristóvão - Sé (século XIX)*, que buscou compreender a importância da etnicidade na definição do espaço sagrado da irmandade dos homens pretos do Rosário, a partir de universos religiosos da cidade de São Cristóvão, no século XIX. Oliveira (2008) procurou analisar como a etnicidade foi utilizada para demarcar as fronteiras que separavam os grupos no campo religioso. A autora verificou que “a cor da pele” já se



configurava como um elemento definidor das fronteiras entre indivíduos, nos espaços religiosos desde o período colonial, ao lado da condição jurídica e social (OLIVEIRA, 2008, p.108). A autora entende o grupo étnico como uma organização social que se forma em situação de interação a partir de contraste com outros grupos, ampliando o olhar sobre os “outros”, ou seja, “os brancos e pardos e suas formas de inserção nos espaços sócio-religiosos da cidade”. (OLIVEIRA, 2008, p.108). Para Oliveira (2008), os critérios étnico-sócio-econômicos estiveram nas bases das fronteiras que separavam os fiéis, criando assim espaços de distinções. A autora enfatiza que foi através da adesão à devoção a Nossa Senhora do Rosário que os irmãos tiveram garantia de assistência espiritual e material para sua família, além da possibilidade de (re) construir suas redes de solidariedade em São Cristóvão - (SE)<sup>12</sup>

Posição semelhante à de Oliveira (2008) foi defendida por Flávio Santos do Nascimento (2009), em sua pesquisa intitulada *Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa do Lagarto (1856-1875)*, na qual constatou que a irmandade em questão é um espaço em potencial de sociabilidade e de circularidade cultural. Em sua pesquisa, procurou entender o funcionamento, a estrutura e o comportamento institucional dos irmãos daquela confraria. Visualizou que o exercício dos cargos administrativos, principalmente o de tesoureiro, não se dava de maneira tão tranquila, havia conflitos e disputas. Neste sentido, o uso de multas poderia ser utilizado para reprimir possíveis caprichos dos irmãos dentro da irmandade. Enfatiza as distinções étnicas acionadas pela “cor”, além de destacar a importância das práticas da irmandade no cotidiano dos irmãos.

Em sua dissertação “*Andando com fé: Os atores e os atos da irmandade do Rosário da vila sergipana do Lagarto em Perspectivas (1850-1880)*”, Nascimento (2014) amplia a discussão ao procurar destacar as relações empreendidas no universo social da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, da vila sergipana de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, entre os anos de 1850 e 1888, realizado através de um conjunto variado de fontes como livros de receitas e despesas, registros de óbitos, lista dos cidadãos qualificados para votar, inventários e cartas de alforria. As fontes foram cruzadas de modo a se complementarem e oferecerem um panorama mais amplo e complexo sobre o perfil dos irmãos e das pessoas que faziam doações para a irmandade.

---

<sup>12</sup> A cidade de São Cristóvão foi a primeira capital da capitania de Sergipe Del Rey. Ver: NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial I**. São Cristóvão: UFS, 1989.

Também se observou o emaranhado de relações desenvolvidas em órbita da irmandade. A pesquisa procurou, ainda, problematizar as principais cerimônias promovidas pela irmandade, notadamente, suas festas e os serviços relacionados à morte. Para Nascimento (2013), as irmandades, no âmbito geral, demonstraram a preocupação com o oferecimento de auxílios em vida e maior ênfase a garantia de um bem-morrer aos irmãos.

Tanto Oliveira (2008) quanto nascimento (2009; 2014) chamam atenção para as disputas em que ocorreriam nas realizações das suas festas religiosas, bem como na realização de construções e reformas nos seus templos e de seus cemitérios, como campos de ação, eleitos pelas irmandades no plano institucional.

No mesmo rastro de análise sobre as irmandades em Lagarto, a tese de Claudefranklin Monteiro Santos (2013), intitulada “*A festa de São Benedito em Lagarto - SE (1771-1928): limites e contradições da romanização*”, levantou outra temática analítica ligada ao processo de romanização em Sergipe, especificamente na cidade de Lagarto, e a sobrevivência das irmandades. Tal pesquisa contribui para os estudos a respeito do processo de romanização ocorrido no Brasil entre a segunda metade do século XIX e os primeiros decênios do século seguinte; mas também colabora com os estudos sobre festas religiosas populares católicas, que marcaram o chamado catolicismo tradicional brasileiro. Para Santos (2013), a romanização esteve longe de ser uma nova colonização em modelos religiosos, mas foi um amplo projeto de poder. De algum modo, o que se sucedeu em Lagarto, em relação à festa de São Benedito foi o silenciamento da irmandade e suas tradições (SANTOS, 2013, p.329).

O autor mostra que São Benedito, pelos idos do século XVIII e XIX, roubou a cena religiosa da Vila de Lagarto, a ponto de secundarizar a Padroeira Nossa Senhora da Piedade e outra representação ainda mais popular que era Nossa Senhora do Rosário (SANTOS, 2013, p.329). Ele conclui que, em Lagarto, ao mesmo tempo em que houve um amadurecimento e auge das devoções tardias ligadas à Irmandade do Rosário, também foi tardio o efeito da romanização, que nem por isso foi capaz de provocar o arrefecimento do culto e da festa a São Benedito. Santos (2013) constatou que o culto a São Benedito foi, ao longo dos anos, se tornando invisível socialmente. Sua invisibilidade era presente no silêncio das pessoas ao longo do tempo. O que o autor propôs foi apresentar um caso singular de esvaziamento cultural, de esquecimento de uma crença lúdica popular do Estado de Sergipe.

Na produção acima observei que, de forma geral, seguiram-se os rastros da discussão que se fazia no Brasil. Os enfoques contemplados sobre as irmandades foram: os modos de organizações, a composição social, a morte, a festa e a etnicidade. Mais recentemente, outras discussões vêm sendo apresentadas a partir da discussão sobre o gênero feminino e o processo de romanização em torno das irmandades. Chamo atenção para o aspecto das sociabilidades e resistências que foram parcialmente problematizadas nas discussões da temática sobre as irmandades, e enfatizo certa escassez de trabalhos referentes às irmandades no período republicano.

Tais estudos apresentam importantes contribuições para pensar o objeto de pesquisa aqui proposto. Suas principais discussões envolvem o âmbito das irmandades de brancos, pretos e pardos. Neste sentido, observando os rumos que as pesquisas seguiram, seja no âmbito nacional ou regional, procuro detectar o caráter das estratégias de manutenção das solidariedades que puderam ser elaboradas na sociedade pós-escravista, os processos de resistências, sua desagregação, bem como seu desaparecimento progressivo.

### **1.3. AS PESQUISAS SOBRE AS IRMANDADES NO SÉCULO XX**

Aqui apresento algumas pesquisas que tiveram como marco temporal o estudo das irmandades no século XX. Início com os estudos da pesquisadora Maria Lucélia de Andrade (2006), intitulado: “*Vitrine das Virtudes: a irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro - CE (1915-1945)*” e da pesquisadora Analia Santana (2013), intitulado “*A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001)*”. Tais pesquisas analisam a inserção religiosa e social das mulheres nas irmandades. A primeira dá ênfase às pertencentes à Pia União das Filhas de Maria, localizada na cidade de Limoeiro, interior do Ceará, no período de 1915 a 1945. Tal grupo de mulheres era conhecido como a irmandade das Filhas de Maria, constituíam-se como uma associação leiga, feminina e de caráter religioso bastante rígido. Segundo Andrade (2006), essa irmandade é um exemplo do modelo romanizado, implantado no início do século XX, que surge como idealizadora do modelo ideal de jovem católica. Já a segunda pesquisa, de Santana (2013), retrata as relações de poder, as resistências e lutas que aconteceram internamente na tentativa de se conseguir uma maior participação política das mulheres na Mesa Administrativa da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, em Salvador - BA, tendo como foco principal a reflexão sobre a luta e resistência interna

empreendida pelas mulheres negras nas divisões de poder na Mesa Administrativa (SANTANA, 2013).

Andrade (2006) salienta o papel importante das irmandades leigas ao longo do século XVIII e XIX, destacando o poder que as mesmas tinham no âmbito da política, religião e da economia. Nesse sentido, naquele período as irmandades leigas no Brasil eram amplamente disseminadas em todas as camadas sociais, fazendo com que tivessem grande popularidade, bem como prestígio social. Mas é importante destacar que as irmandades leigas assumiam o papel de evangelizadoras, ficando responsáveis pelo culto aos santos e pela construção e manutenção de templos religiosos (ANDRADE, 2006). Outro aspecto observado pela autora é o fato de como as irmandades, no período entre 1915-1945, eram espaços reveladores da identidade social dos membros que a compunham (ANDRADE, 2006). Segundo Andrade, aparentemente as razões que levavam um indivíduo a “escolher” e se filiar a uma irmandade e não em outra, estava relacionada à identificação e a suposta devoção ao santo padroeiro daquela irmandade.

A irmandade das Filhas de Maria se caracterizava por ser uma instituição religiosa com forte influência clerical que, pelos seus princípios evangélicos, deveria acolher em sua irmandade todas aquelas que quisessem se integrar ao grupo. Andrade (2006) observou que o espaço da irmandade era um lugar elitizado, seletivo e excludente, que controlava seus membros por meio de regras, normas, códigos, manuais, que ditavam e enquadravam a conduta moral e o estilo das mulheres que delas faziam parte. Por fim, os resultados iniciais do estudo de Andrade revelam como as eleições internas eram objeto de disputas entre as mulheres solteiras de Limoeiro do século XX. Ocupar os cargos de chefia, de maior importância dentro da irmandade, era o desejo dessas mulheres, uma vez que isso dava um respaldo e um status não apenas na irmandade, mas também socialmente e politicamente em todos os âmbitos sociais. Outro resultado destacado pela autora diz respeito à identidade coletiva. Segundo a Andrade (2006), quando se observa a identidade coletiva, a imagem é consensual, no entanto, quando o olhar se desloca para as individualidades, as fissuras se revelam, trazendo à tona todos os conflitos e tensões que permeiam o cotidiano e as relações vivenciadas pelas Filhas de Maria.

Posição semelhante foi defendida por Santana (2013), para tanto, a autora considera alguns elementos que se caracterizaram como fundamentais. Entre esses

elementos, as relações de gênero escamoteadas pelos cânones religiosos. Segundo a autora, o viés sexista esteve presente em diversas edições do Compromisso da Irmandade até o ano 2000. Esse documento vem regulando o funcionamento da Irmandade há quase quatro séculos, no qual se especificava que as mulheres não podiam exercer atos de Mesa pela condição do seu sexo.

A pesquisa de Santana (2013) é uma etnografia rica em detalhes e de experiências de vida das mulheres negras que faziam parte dessa Irmandade, sendo ela, como a mesma ressalta, mulher negra, pobre, vinda da roça e inserida no contexto urbano, mas não deixou de ter conexões com o meio rural. Em virtude dessas condições, a autora conseguiu entrevistar muitas mulheres, o que possibilitou também conhecer a participação política das mulheres negras da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, através de seus próprios relatos e das suas próprias experiências. Diferentemente de Andrade (2006), que buscou entender o papel das mulheres a partir da documentação encontrada na irmandade.

Alguns resultados encontrados por Santana (2013), através da pesquisa, demonstram similaridades com alguns trabalhos já expostos aqui sobre as Irmandades leigas do século XX. Porém, outras são considerações feitas por Andrade (2006). Ela percebeu que a forma da Mesa de Honra feminina, formada por mulheres negras, foi fundamental para a relação dialógica dos papéis sociais de homens e mulheres na Irmandade, com o objetivo de poder, menos machistas e sexistas. Como a autora destaca:

O diálogo constante que a Irmandade do Rosário do Pelourinho construiu com diferentes setores da sociedade foi imprescindível para desfazer estereótipos racistas e excludentes, especialmente na esfera política da cidade de Salvador, e do estado da Bahia. A preservação do seu patrimônio material e imaterial vem sendo assegurado pelo processo educativo interno e externo (SANTANA, 2013, p. 183).

Ambas as pesquisas demonstram que as irmandades em destaque tinham relevância social, que também iam para além das demandas das mulheres negras. Ao reivindicarem maior participação política no interior dessas associações, essas mulheres estavam promovendo mudanças sociais e culturais em sua sociedade. Tanto os estudos de Andrade como o de Santana confirmam que vários estereótipos de machismo e sexismo foram minimizados, no interior das Irmandades, através da luta das irmãs nas diferentes mesas de honra. Outra confirmação interessante do trabalho das autoras é que o fenômeno da dupla pertença religiosa é marcante dentro da instituição, em

contrapartida ao reconhecimento da existência de sincretismo religioso no seio da igreja católica.

Outra temática que aparece nas discussões referentes às irmandades no século XX é a questão da assistência social nas irmandades leigas. Desse modo, o trabalho de Cleide de Lima Chaves (2011), intitulado *“Da Caridade à assistência: o papel da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista (1910-1930)”*, tenta entender, a partir da fundação da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista e de sua inserção como instituição de assistência à saúde, as relações entre a caridade e a saúde pública na cidade de Vitória da Conquista no período entre 1910 a 1930. Neste sentido, Chaves tenta ainda evidenciar a presença de médicos que viriam a se projetar politicamente em todo o Estado, ou seja, como o trabalho nessa instituição serviu de base para alguns médicos se inserirem na política partidária do Estado. Como caso exemplar, a autora ressalta os doutores Crescêncio Antunes da Silveira e Lis Régis Pacheco Pereira, que foram respectivamente, deputado e governador do estado da Bahia.

Chaves (2011) demonstra, a partir das trajetórias de vida desses médicos, a importância dessa instituição hospitalar para sociedade, mas também para a política local e regional, evidenciando, por exemplo, a trajetória política partidária do médico Crescêncio Antunes da Silveira. É com esse foco que o trabalho de Chaves se torna importante, uma vez que o mesmo analisa essa instituição visando compreender não apenas a sua importância na história da assistência brasileira, mas também como f o r a importante para o desenvolvimento e para configurações específicas da política baiana.

Outro ponto interessante que Chaves (2011) destaca é o papel da Igreja Católica na direção desta Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista. Neste sentido, a autora questiona as contradições da nascente República “laica”, que dentro do princípio que pregava, a Igreja Católica se apresentava na fundação, direção e supervisionamento de Misericórdias (CHAVES, 2011). Segundo a autora, essas contradições podem ser explicadas a partir do caso de Vitória da Conquista, haja vista o fato dessa cidade ser pequena e ter poucos espaços de sociabilidade, assim sendo, a única instituição que era capaz de aglutinar pessoas e interesses era a igreja. Em virtude disso, a organização e as características dessa instituição se configuram a partir de uma lógica de caridade cristã, pois suas lideranças eram também lideranças religiosas da igreja católica.

Assim como o estudo de Andrade (2006), que revelou as irmandades como sendo um espaço de disputas e de configurações políticas importantes, no interior da organização, o trabalho de Chaves(2011), a partir do caso das Irmandades da Santa Casa de Vitória da Conquista, revela também configurações políticas interessantes, de forma particular, essa instituição configura um espaço que promove recursos políticos, nesse caso para alguns médicos construírem carreira política, não apenas no interior das irmandades, mas fora dela: na política partidária, como o caso de Crescêncio Antunes da Silveira que se torna deputado.

Estratégia semelhante segue o historiador Mauro Dillmann (2013), com o trabalho intitulado *“Morte e práticas fúnebres na secularizada República: Irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX”*, analisando as práticas fúnebres e cemiteriais que a Irmandade São Miguel e Almas, de Porto Alegre (RS) adotou em seu cemitério, tendo em vista o contexto de secularização dos campos santos e os projetos e as ideias de modernização que a cidade vivenciou, principalmente no que se refere às mudanças urbanísticas, nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, o foco de Dillmann (2013) recai sobre a compreensão das mudanças introduzidas nas práticas fúnebres ao longo da primeira metade do século XX, bem como sobre os aspectos relativos ao gerenciamento do cemitério pela irmandade.

Segundo Dillmann (2013), até o cemitério se configura de uma forma anterior a esse período. Com o apoio da Arquidiocese, o cemitério (privado, católico, com padrão estético e patrimonial moderno) se torna referência para as famílias católicas abastadas da cidade, que viam no campo santo (a igreja e o cemitério), mantido pela irmandade São Miguel e Almas, a garantia da distinção social na vida e na morte e a observância da ritualística fúnebre católica. É importante salientar que a autora acredita que essas práticas fúnebres são representações, ou seja, são formas institucionalizadas de relação com o mundo social, que evidenciam, simbolicamente, as concepções de morte no grupo social que a constituía (DILLMANN, 2013). Enfatizando a pesquisa de Dillmann, que expõe a ideia da função do sepultamento em um local que se apresentava sob a proteção do Arcanjo e que, portanto, não se restringia à cerimônia de consagração e graças do túmulo, como nos demais cemitérios públicos da cidade de Porto Alegre (DILLMANN, 2013).

Portanto, sua tese demonstrou que, além das alterações nas práticas funerárias da tradicional irmandade religiosa de São Miguel e Almas, o cemitério adquiriu importância para uma parte da população católica de Porto Alegre que desejava garantir, para si ou para seus familiares, um funeral realizado de acordo com o ritual romano.

De acordo com isso, tanto a pesquisa de Chaves (2011) como o trabalho de Dillmann (2013), demonstram que a religiosidade se constitui como importante para o desenvolvimento das práticas de assistência à saúde e à morte no caso dos auxílios cemiteriais da irmandade, que demonstram a presença de sentimentos de crença na cura dos irmãos e na salvação das almas.

Na discussão sobre as irmandades no século XX, outras pesquisas enfatizaram o efeito da romanização sobre as irmandades. Desse modo, Michelle Marias Stakonski (2010) produziu a pesquisa intitulada *Tramas da Sacristia, Táticas do Consistório: Modernidade e Romanização na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Florianópolis, 1905-1925)*. Numa perspectiva semelhante, temos também o estudo de Antônio da Conceição Nascimento (2011), denominado *A Irmandade do Glorioso São Bartolomeu de Maragogipe: suas práticas devocionais e a romanização (1851-1995)*.

Stakonski (2010) tentou identificar e analisar as tensões religiosas e as relações de poder forjadas no interior da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, entre o período de 1905 a 1925, na cidade de Florianópolis. É interessante salientar, como enfatiza a autora, que naquele período a igreja católica passava por uma reforma estrutural que a transformou em uma das principais instituições disciplinares da Primeira República. Neste sentido, a autora buscou compreender alguns mecanismos utilizados no projeto de remodelação e normatização das manifestações, das posturas e das práticas devocionais de cunho popular no interior da instituição leiga, tendo como foco a observação das (re) significações decorrentes da Romanização do Catolicismo, na cidade de Florianópolis, como também buscou compreender as mudanças estruturais da instituição leiga.

De acordo com isso, a autora acreditava que a formulação da sensibilidade religiosa se articulava de forma direta a um projeto de modernidade e isso provocou mudanças de postura e prováveis formas de resistências às tentativas de desarticulação das práticas associativas e devocionais. Assim, a tese da Stakonski (2010) é de que o



imaginário religioso associado às problemáticas econômicas, sociais e políticas, possibilitou um campo de disputa para os partidários de uma nova ordem que se articulava às perspectivas do mundo moderno, branco e racionalista. Como demonstrado em outros trabalhos a partir dos estudos de outras irmandades, o espaço da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos também foi palco de tensões. O trabalho da autora revelou que as redes de sociabilidades, forjadas no interior da irmandade, permitiram formas de resistência às tentativas de sua desarticulação enquanto irmandade religiosa. Prova dessa resistência é que a irmandade não foi totalmente desarticulada e como a mesma resiste localizada na mesma igreja em que teve origem. No processo de modificação de práticas devocionais e manifestações religiosas de cunho popular, o estudo de Stakonski (2010) confirma que não houve uma assimilação, pelo contrário, houve a tentativa de homogeneização das práticas culturais e plurais de uma cidade onde passaram a conviver diferentes culturas, no período da Primeira República, entre elas luso-brasileiros, afrodescendentes e alemães (STAKONSKI, 2010).

Na mesma linha de discussão, o trabalho de Nascimento (2011) tenta demonstrar como as transformações, que ocorreram nas Irmandades de São Bartolomeu, estiveram em Maragogipe relacionadas ao posicionamento da Igreja Católica, frente às mudanças políticas que se processavam no país. Neste sentido, ele demonstra a influência e o controle da Igreja sobre a atuação da Irmandade de São Bartolomeu em Maragogipe. Segundo o autor, as igrejas eram o espaço de atuação das irmandades, a organização do espaço era, então, definida pelo lugar ocupado pelo santo. Para compreender como se davam essas demarcações e as fragmentações da identidade religiosas no interior das igrejas, o autor precisou compreender a estrutura da Igreja no período imperial. Os resultados encontrados pelo autor são interessantes para entender as particularidades das irmandades do século XX em diversas regiões do Brasil. Segundo o autor, não se pode entender a congregação em torno da devoção a um santo, apenas como consequência da relação entre os dois poderes instituídos – o religioso e o político – e pelas dificuldades da Igreja católica na realização de seu trabalho pastoral. É preciso explicá-la, também, através das necessidades espirituais e materiais dos fiéis católicos. O autor salienta que um exemplo disso são as distinções sociais que nelas se processaram.

Tanto o trabalho de Stakonski (2010), como a pesquisa de Nascimento (2011), revelaram que no período da pós-abolição se estruturou outra forma de reprodução que

continuava hierarquizando a sociedade. Neste sentido, quando as irmandades começaram a ser administradas pelos próprios leigos, essas organizações foram adquirindo independência e autonomia. Dessa forma, muitas de suas práticas foram se configurando desarraigadas dos preceitos tridentinos, puramente católicos (NASCIMENTO, 2011). Stakonski (2010) salienta que antes, o que diferenciava – mulheres e homens escravos – eram as condições sociais, no entanto, no pós-abolição, o racionalismo era a forma de hierarquização que se apresentava no cenário das cidades, no caso Florianópolis. Outro resultado diz respeito ao papel da “elite local”, juntamente com a Igreja Católica, que impõe regras de moralização e de normatização de posturas para os fiéis da capital catarinense, com o intuito de construir um cidadão preocupado e moralmente bem determinado, como também para normatizar comportamentos tidos como “incivilizados”.

Por outro lado, diferente de Stakonski (2010), Nascimento (2011) percebe que a única alteração ligada a Irmandade de São Bartolomeu foi a proibição dos enterramentos na igreja Matriz, que foram transferidos para o cemitério na década de 1860, chegando à conclusão que tal alteração estava ligada às questões de saúde pública e não à romanização. Sobre a romanização, destacam que ambas as irmandades e confrarias religiosas foram controladas a partir da centralização do poder dos bispos da igreja católica. Tais representantes buscaram modificar e incrementar as ideias romanizadora nas atividades realizadas pelas irmandades.

Outro pesquisador que também se inseriu no debate, sobre as influências do catolicismo tradicional nas irmandades do século XX, é o Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva (2006), com o trabalho intitulado *“Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX”*. O trabalho de Silva analisa as imagens e representações encontradas na literatura e as lutas pelo controle da cultura, tendo como exemplo a Festividade da Irmandade e da Marujada de São Benedito, na cidade de Bragança, Estado do Pará, a partir do ano de 1930, no século XX.

Desse modo, o autor tem como objetivo compreender como se construíram as relações sociais entre os sujeitos históricos da Igreja Católica pela Prelazia do Guamá e da Irmandade do Glorioso São Benedito, relacionando-os através do recurso literário e dos principais teóricos da historiografia, a fim de entender o catolicismo popular e oficial em suas representações, assim como os símbolos que foram sendo construídos no

tempo como sendo elementos da história de tensão entre as ideias de controle eclesiástico católico e a reação popular dos irmãos de São Benedito (SILVA, 2006).

A partir da análise de vários trabalhos produzidos sobre a Igreja Católica, pela Prelazia do Guamá e a Irmandade do Glorioso São Benedito em Bragança, Silva (2006) afirma que a Marujada e suas festividades são importantes contribuições da história, do folclore e da cultura bragantina e que seus rituais são espaços em que essa cultura é envolvida pelo sentimento de pertença do povo mais humilde, de forma particular, o devoto de São Benedito. A autora constatou, ainda, através da sua revisão literária sobre o tema analisado, bem como dos principais estudos dos teóricos da historiografia, que os trabalhos produzidos ao longo de todos esses anos foram de suma importância para construção de uma identidade social de bragantina, para preservar sua história, suas memórias. Além disso, nos últimos anos os trabalhos sobre o tema tem se renovado, procurando entender novos elementos, dentre eles as relações sociais estabelecidas e o papel dos mediadores no interior dessa irmandade.

Outro trabalho bastante significativo, no estudo das irmandades no Brasil do século XX, é o do Antropólogo Bruno Goulart Machado Silva (2012), intitulado: *“Nego Veio é um Sofrer: Uma etnografia da subalternidade e do subalterno numa irmandade do Rosário”*. Silva (2006) tenta compreender como se dão as relações de subalternidade entre os negros do Rosário e as autoridades locais em Seridó – RN. Para tanto, o autor faz um breve histórico das instituições católicas existentes nesse período, como também uma descrição das relações entre os negros do Rosário e as elites da cidade. Além disso, Silva (2012) estuda esse fenômeno enquanto folclore e/ou religião e sob a perspectiva dos vários agentes que intervêm nesse processo. No decorrer do seu trabalho, Silva apresenta as maneiras de como o grupo formula suas próprias representações da história, das formas devocionais e de suas vivências políticas e religiosas (SILVA, 2012).

Para Silva (2012), a aparente valorização da irmandade de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário da cidade de Jardim do Seridó – RN, por parte da elite local, é uma postura que disfarça as relações assimétricas existentes entre os negros do Rosário e as autoridades locais, uma vez que essas relações de assimetrias ficam evidentes no fato de que os integrantes da irmandade ocupam uma posição subalterna dentro da própria irmandade. Essa subalternidade, entre esses dois atores sociais,

configura -se principalmente na esfera pública pois, segundo Bruno Silva (2012), os negros do Rosário não se representam politicamente e nem discursivamente.

Os resultados encontrados por Silva (2012) sobre a irmandade de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário demonstram configurações interessantes sobre como essas irmandades se apresentavam. Segundo o autor, as irmandades negras na região do Seridó, foram contraditórias: de um lado, ameaçavam o discurso da invisibilidade do negro no Seridó e, por outro, foram utilizadas como prova de uma sociedade considerada racialmente “igualitária”, uma vez que era permitido aos membros negros da irmandade expressar sua religiosidade nas ruas da cidade, tendo a permissão da igreja católica (SILVA, 2012). Desta forma, percebe que os membros da irmandade São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário construíram estratégia para sobreviver em uma sociedade que buscava extinguir as práticas relacionadas ao império brasileiro em busca de um país civilizado.

Diante desta revisão de pesquisas, sobre irmandades no século XX, chamo a atenção para o fato de que a maioria dos pesquisadores citados acima se dedica às primeiras décadas da República, tentando trazer para o campo acadêmico o papel das irmandades naquele período, destacando suas experiências, desejos, lutas, solidariedade, sociabilidade e resistência, diante de um processo de arrefecimento da presença das irmandades no Brasil. Tais análises se davam em um período em que a Igreja e o Estado buscam silenciar as práticas que rememoravam a ordem social do Brasil Império. O que se visualiza, daí por diante, é uma grande lacuna na discussão referente às irmandades no século XX e XXI, bem como a resistência delas a este processo de invisibilização, tendo em vista que continuaram produzindo algum sentido social através da sua resistente existência.

## CAPÍTULO II

### 2. A IRMANDADE DE SÃO BENEDITO EM ARACAJU

GLÓRIA AO POETA QUE UM DIA  
ESCREVEU... OBRAS TÃO BELAS  
QUE APRESENTAMOS HOJE NESTA PASSARELA  
DIZIA COMO ERA FESTEJADO O ANO BOM  
NINGUEM DORMIA  
NOS PALACETES GRANDES BAILES  
A LUZ DOS CASTIÇAIS  
ATENDIDOS POR ELEGANTES SERVIÇAIS  
COM PRESENTES DESEJAVA A TODO O POVO  
BOAS SAÍDAS, FELIZ ANO NOVO  
E AO NORDESTE DO BRASIL  
**NO PEQUENINO SERGIPE**  
NUMA FESTA DE COLORIDO SUTIL  
**HOMENAGEAVAM SÃO BENEDITO**  
E SEMPRE A FESTEJAR  
JÁ NO RIO DE JANEIRO  
A IRMANDADE DO REI BALTAZAR  
COROAVA O REI NEGRO  
QUANDO APARECEU NESTA CIDADE O CARNAVAL  
ERA ANIMADO PELA BANDA MARCIAL  
DOMINÓS, ARLEGUINS E PIERROTS  
QUE ENCANTAVAM A FAMÍLIA IMPERIAL  
EH, EH, EH, EH, BOI  
IA O CARRO PELA ESTRADA CANTANDO FELIZ  
LEVANDO O NOIVO PRA O CASÓRIO NA MATRIZ  
NUMA TRADIÇÃO QUE É SÓ NOSSA  
COMO ERA LINDO O CASAMENTO NA ROÇA  
EH, EH, EH, EH, BOI  
FOI NA BAHIA, QUE EM DOIS DE JULHO ACONTECEU  
O GENERAL LABATOUT  
A TIRANIA COMBATEU E VENCEU  
REPRESENTANDO A VITÓRIA  
DO POVO SOBRE A OPRESSÃO  
PARAGUASSU VINHA TRAZENDO  
SOB OS SEUS PÉS FERROZ DRAGÃO  
A CIDADE AMANHECIA ENGALANADA  
NUM COLORIDO FEBRIL  
PARA COMEMORAR COM ALEGRIA  
A INDEPENDENCIA DO BRASIL  
E AO FINAL CANTAVA  
JÁ RAIOU A LIBERDADE (**griffo**)  
(GRANADA ET. AL, 1967)

A proposta deste capítulo é entender como se constituiu a irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju, a partir da análise dos documentos da irmandade. Para isso priorizo, principalmente, os estatutos da irmandade, para logo após examinar as fichas de cadastro dos irmãos, as fotografias e as certidões de óbito. Estes elementos tornam-se cruciais para ampliar as informações sobre o grupo em um dado percurso de tempo. Neste primeiro momento, verifico como essa constituição e essa existência se perduraram em função da etnicidade. No segundo momento, demonstro socialmente quem são os irmãos da irmandade de São Benedito. E, por terceiro, analiso os estatutos da irmandade para compreender os compromissos traçados, a solidariedade e a crença em torno da irmandade.

Neste rastro, o estatuto destaca as diretrizes para o seu funcionamento, suas principais finalidades, a forma de admissão dos participantes, seus deveres e direitos adquiridos ao se tornarem membros dessa instituição, além de destacar as características da estrutura administrativa da irmandade. Já as fichas de cadastro, trouxeram a tona as profissões dos seus membros, o número de matrículas, nome, idade, data de admissão, naturalidade dos irmãos, o pecúlio, o estado civil e a localização das suas residências. Tais dados são fundamentais para analisar quem eram os indivíduos filiados a esta associação.

Em relação às certidões de nascimento, chamou-me atenção a definição da cor da pele desses componentes. Contudo, é necessário problematizar essas fontes, o que implica entender que elas não são uma descrição neutra. Então, essas informações não podem ser colhidas como naturalizadas, tendo em vista que são construídas visando uma dada representação, que expressa relações sociais e políticas e percepções ideológicas de quando e por quem foram produzidas. Para entendê-las, é necessário compreender o contexto nos quais elas foram produzidas, por que, para quem, por quem foram produzidas? Por que as atividades do estatuto do grupo religioso precisavam ser aprovadas por lei? O que eram socialmente tais irmandades no século XX? O que objetivam? Que função elas desenvolveram no meio social em que estavam inseridas? E que elementos de identificação resistiram ao logo do tempo? Presume-se que tais irmandades, após o período escravista, conservaram e reelaboraram algumas práticas de sociabilidades presentes nas irmandades dos pretos, mesmo com a mudança da hierarquia eclesiástica romanizada que, em solo sergipano, tentou eliminar ao logo do tempo os elementos considerados profanos das devoções e instigou os cleros a controlarem a direção das manifestações de culto e das associações religiosas de modo a poder utilizá-las como instrumento de catequese popular.

## 2.1 RELIGIOSIDADE, ETNICIDADE E SOCIABILIDADES NA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO.

A irmandade de São Benedito é uma confraria católica que se diferenciou das outras confrarias de Sergipe, pois não construiu patrimônio arquitetônico, mas se instalou na igreja de São Salvador na cidade de Aracaju desde sua fundação em 1865. Um dos fatores para tal acontecimento foi o esvaziamento das cidades de Sergipe após a fundação e mudança da capital de São Cristóvão para a cidade de Aracaju. Naquele momento, faltavam, em Aracaju, templos para acomodar tantas pessoas. Neste sentido, a igreja São Salvador, desde o século XIX, teve que agregar negros, brancos e pardos no mesmo espaço social, mesmo não sendo a lógica religiosa comungada por todos à época. Destaco que a presente organização situa-se no ponto central da cidade, que hoje é uma área bastante comercial, localizada no calçadão das Laranjeiras<sup>13</sup>.



Figura 1- Igreja São Salvador antes da reforma de 2009. Foto: João Mouzart



Figura 2-Igreja São Salvador após a reforma de 2010. Foto: João Mouzart

<sup>13</sup> A Rua Laranjeiras ainda hoje é um referencial no imaginário urbano de Aracaju. Localizando-se no seu núcleo de desenvolvimento, próxima à esquina com a Rua João Pessoa. O local transformou-se, gradativamente, de uso residencial para comercial; esse processo de adaptação, ao longo de sua história, ocasionou significativas mudanças na malha urbana de Aracaju. Inclusive o cemitério que a Igreja São Salvador possuía, ao longo do século XX, se tornou um espaço comercial.

Como mostra a Historiadora Andrade (2012), muitas vezes esta igreja não é percebida por causa da pressa das pessoas que por ali percorrem diariamente. Porém, é lembrada aos domingos, quando suas missas são transmitidas pela Rádio Cultura<sup>14</sup> e durante o período das festas religiosas. Dentre as festividades que aconteciam destacou: a festa de São Benedito, do Bom Jesus dos Navegantes, Matriz do Santo Antônio e os Comícios (ANDRADE, 2012).

Inicialmente, a irmandade de São Benedito foi formada como a irmandade dos homens pretos, na década de 70 o bispo Dom Luciano ainda afirmava que a irmandade era composta por pessoas pretas, no entanto, também constatei, na observação direta e nas conversas que fiz com os irmãos, que atualmente eles continuam afirmando tal discurso étnico. Antes de discorrer sobre tal fenômeno, pincelarei alguns pontos acerca da ideia de “etnicidade” e “grupos étnicos” que servirão de reforço para melhor compreensão do que está posto neste ponto da discussão.

Como apresentarei adiante, a partir da literatura sobre relações interétnicas e teoria da etnicidade, entendo que a afirmação da etnicidade ocorre pelos adscritores do Fredrik Barth (1998) e que essa manifestação acontece de maneira relacional com aqueles que são considerados os outros. Se existe um adscritor preto, alguma coisa é o antônimo disso. Então, se essa irmandade resistiu no século XX, gostaria de entender como esse marcador étnico continua fazendo sentido diante de um contexto em que as irmandades se diluíram, no qual a própria noção de preto como referência de identificação se diluiu, sendo utilizadas outras formas de definição. Deste modo, estou interessado em pensar como a sociabilidade no espaço religioso pode constituir uma alteridade relacionada a um espaço étnico de sociabilidade. Neste momento, busquei observar os discursos e os elementos étnicos presentes nos atores sociais que transitam no espaço da igreja, nos momentos das reuniões e nas celebrações das missas.

### **2.1.1 A IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA NA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**

A irmandade de São Benedito se define e se legitima em torno da devoção a um santo, especificamente São Benedito, considerado pelo grupo desde o século XIX como o “Santo Preto protetor dos pobres”. Observei que, no presente, o sentido da existência

---

<sup>14</sup> A Rádio Cultura teve sua fundação em 21 de novembro de 1959 pelo Bispo Dom José Vicente Távora tinha como objetivo colaborar no projeto de educação popular do Movimento de Educação de Base, que levava a educação aos camponeses e difundir os princípios da igreja apostólica romana em Sergipe.



da irmandade é nutrido por uma situação demasiada de manutenção de suas práticas, construídas em torno de um ideal de culto e celebração a São Benedito, embora suas atividades se constituam em diferentes espaços e áreas, o que diversifica as possibilidades de alcance discursivo das atividades do grupo.

A entrevistada Francisca relata:

Santo Preto sim! Da época da minha mãe e avô, viva ao santo dos alimentos e ao santo que faz milagre aos descendentes de escravo de Aracaju. Já faço parte da terceira geração de mulheres que igual fisicamente a São Benedito, lutaram por mais justiça amor e respeito de nosso grupo. Respeito que tentamos até hoje conseguir dentro da igreja a partir da manutenção da fé em cristo. Somos pretos e pretas mais para Deus somos todos iguais, é só olha para Benedito (FRANCISCA,2013).

Não é por acaso que o adscritor preto aparece nos discursos dos irmãos dessa irmandade até os dias atuais. Interessante como uma classificação étnica, ligada a uma lógica religiosa e social do império brasileiro, é implicitamente atribuída a São Benedito no presente. Neste caso, a cor de São Benedito torna-se um referencial de identificação do grupo. Outro fator que chama atenção no discurso de Francisca é a manutenção de uma ideia de luta pelo respeito ou pela diferença dentro do espaço religioso. A ideia de diferença e respeito que ela tenta demonstrar está ligada a cor dos membros da irmandade.

Em entrevista com dona Gilvania,

Preta é o meu nome aqui! Desde criança meu apelido é pretinha, um dia desse a mulher me chamou de nega. Oxê disse a ela tu tá louca mulher? Eu não sou nem nega nem negona eu sou preta mesmo. Aqui ou em casa pretinha para todos. Não venha me chamar de nega que fico doida, rodo a minha baiana e todos ouvem, sou assim mesmo, não levo pra casa desacato de ninguém. Como falava minha mãe vai ouvir até a preta no leite sambar (GILVÂNIA, 2014).

Observa-se neste relato que as expressões “nega” e “negona” não foram aceitas enquanto uma referência de identidade e reconhecimento étnico, sendo desprezadas nesse momento, diferente da denominação de “preta” ou “pretinha”, expressão para ela como algo já comum em seu cotidiano. O que pode se observar é uma recusa na denominação negra, nego ou negona, mesmo que essa lógica de identificação faça sentido para a maioria dos grupos no presente, principalmente, os segmentos ligados aos movimentos negros de nosso país.

A entrevista Tatiane relatou que:

Sabia que São Benedito era tão bom que a sua imagem é de um grande zelador do bem está do menino Jesus. Por isso que ele cuida, guarda o protege de todos os males. Contradição não é um Santo preto é que tem o poder de fazer isso tudo. Só Deus sabe o que faz, por isso que são Benedito pode interceder por cada um de nós (TATIANE, 2014).

O interessante no discurso proferido por Tatiane foi o fato de observar o seu estranhamento no porquê de um santo preto estar carregando o menino Jesus em seus braços, para a mesma, isso seria uma contradição da lógica católica vigente. E mostra que a sua imagem sempre esteve relacionada por uma boa atuação e representação, para ela, isso é um dos motivos para São Benedito se tornar um grande intercessor.

No discurso das entrevistadas Francisca, Gilvania e Tatiane, observo a categoria preta sendo acionada para designar um ato de identificação ou auto identificação das pessoas em torno do culto a São Benedito. Entre os membros da irmandade há, evidentemente, uma manutenção diferente de falar sobre a cor no espaço religioso. Na maioria dos casos a cor preta está relacionada a uma ideia de identificação do grupo com o santo e, outras vezes, está relacionada à identificação feita pelos seus pais ao longo de suas vidas, como foi observado a partir das entrevistas destacadas acima.

Na entrevista com Solange ela mostra que:

Antes eu não ia a certos espaços onde achava que a pessoa de cor preta não poderia entrar, pois não éramos bem recebidos. Então quando eu via uma comemoração de uma pessoa branca nunca que eu iria pisar lá. Mas quando eu adentrei ao espaço religioso vi que poderia frequentar tudo que eu quisesse porque eu era igual a qualquer um em Cristo, assim, acabei fazendo bastante amigas e amigos e ia para todos os lugares de preto, de branco de todas as cores. Isso não quer dizer que tudo foi lindo não. Tive que aguentar olhares sobre a minha presença em alguns lugares da cidade, parecia que não podia entrar ali. Mesmo visualizando que a população da minha época igual a mim exerciam as piores funções dentro e fora do espaço religioso (SOLANGE, 2013).

Verifico a partir do discurso de Solange que, para ela, a cor da pele influenciava nos cargos que as pessoas poderiam exercer dentro e fora do espaço religioso. Em suas palavras, percebo o quanto a ideia da cor era um elemento de diferenciação das pessoas nos meados do século XX. Tal memória possibilita captar fragmentos do seu passado, constituído intrinsecamente de uma divisão que abrangia tanto a esfera social quanto a

religiosa dos mesmos. Por isso que a entrevistada traz à tona a dificuldade de transitar em espaços onde frequentavam pessoas brancas, ao longo de suas vivências em diferentes espaços, sendo para ela uma dificuldade de muitos na época. Seu relato traz uma fronteira étnica ligada ao espaço de lazer.

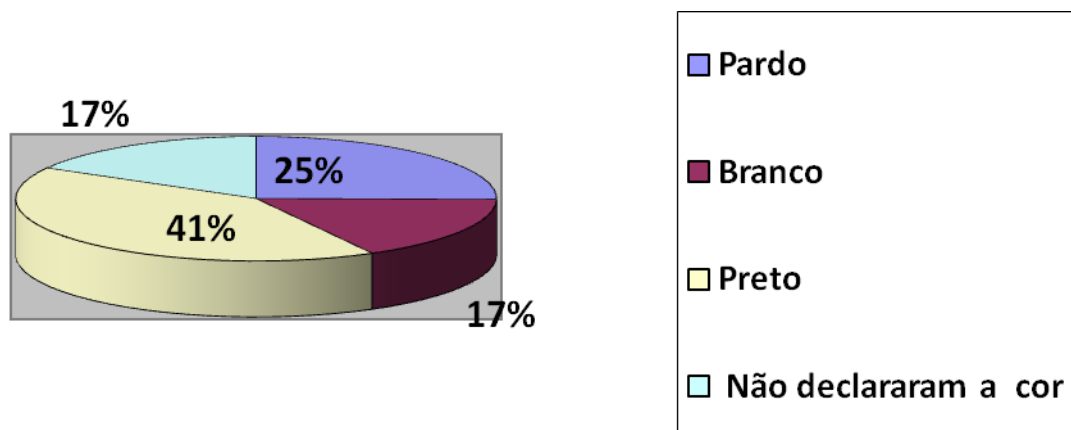
A entrevistada Rosa relata a presente situação:

Tinha umas pessoas escuras que eram danadas de Boa na música. A população parda e preta sempre se destaca nessa parte. Isso é um dom de Deus para eles louvarem o seu santo nome. Faz parte da música de Deus atrair outras pessoas humildes de nossa cidade, para lhe dar conforto e paz. O seu talento e fazia com que se torna-se reconhecido por todos (ROSA, 2013).

O que mais chama atenção no discurso de Rosa é o fato de que o talento torna-se um elemento de amenização da diferença étnica e social no espaço religioso. Por mais que fossem classificados enquanto pessoas escuras, é através do talento que serão diferenciados dentro desse espaço. Assim, tal discurso pode ser pensado a partir de uma demanda expressada por Hebe Maria de Mattos (2004), que ressalta dois pontos centrais: o talento e a virtude. Para a Mattos (2004), estes dois elementos fizeram com que as pessoas de cor diminuíssem o estigma e a diferença que a cor lhes atribui nos espaços que ocuparam e transitaram ao longo de suas vidas. Destaco também uma nova categoria de cor, para designar os irmãos que englobam os pretos e pardos, que é a categoria acionada de ‘pessoas escuras’ como bem relatou a entrevistada Rosa.

A partir desses relatos, algumas indagações surgiram: Por que ainda existem pessoas que são classificadas e se classificam enquanto pretas? O que essa referência pode nos dizer? O que está por trás dessa denominação? Como a própria referência de preto ou preta se reconstitui no espaço religioso? Nesse momento analisarei como tal discurso aparece nas fichas de entrada dos irmãos.

**Gráfico 1: Concepção de cor dos membros da Irmandade de São Benedito**



**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1946-1971.**

Os dados acima partiram da análise das certidões de óbito e da documentação de entrada, presentes na irmandade, as quais apresentam a cor da pele desses componentes, ajudando a entender como eram classificados a partir da cor nessa organização (Ver os anexos 02,03). Também nos possibilita pensar o perfil desses irmãos da irmandade de São Benedito, na cidade de Aracaju, já que a cor é um dos grandes elementos de distinção das irmandades religiosas no Brasil e, especificamente, em Sergipe.

O censo de 1940 mostra que Sergipe possuíam 255.226 pessoas declaradas como brancas 101.493 pretas e 186.391 pardas.<sup>15</sup> Juntando o número de pretos e pardos, que é de 287.884, chega-se a hipótese que a população de Sergipe era composta, em sua maioria, por pessoas pretas e pardas. E quando visualizo a concepção de cor pelos membros da irmandade, observo que a presença de pessoas que se auto declaram pretas é muito grande dentro desta irmandade, diferente do dado oficial do censo, que mostra a população de Sergipe nesse período constituída de brancos, depois de pardos e por último de pretos. A semelhança está na junção dos dados entre pretos e pardos que formavam 66% de todos componentes da irmandade.

Ao perguntar a irmã Josefa sobre a diferença entre pardos e pretos ela relatou:

Não sei diferenciar acho que todo mundo aqui é preto, assim, nós somos os

---

<sup>15</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 1940:** população e habitação. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. v. 2. Série nacional.

mais escurinhos. As pessoas dizem que os pardos são os menos escurinhos, não consigo identificar isso é tudo preto, isso é moda que o povo inventa. Um dia em casa a mulher perguntou a minha cor e me disse que eu era parda, eu disse, eu não sou isso não. Eu sou dona Rita de cássia (JOSEFA, 2014).

Dona Hortência relatou:

Eu sei o que é parda, mais na prática é tudo a mesma coisa. Tem a mesma cor, o mesmo cabelo, o corpo parecido. Como sempre eu falo todo preto se parece. Eu mesma já fui confundida por muita gente com outras pessoas. Pense ninguém merece (HORTÊNCIA, 2013).

Tanto a fala de Josefa quanto a de Hortência não trazem um limite de diferenciação entre a ideia de ser pardo ou preto. É interessante que para elas, tanto a primeira categoria quanto a segunda, são as mesmas coisas, ou seja, tem o mesmo sentido dentro da irmandade em questão.

Isso pode estar ligado ao grau de aceitabilidade dessa categoria nesse espaço, podendo ser um caso específico das irmandades de pretos e pardos que resistiram. Pode-se supor que, não havendo essa fronteira, o participante tem a possibilidade de intercalar sua dita “identidade” para momentos em que pode ser oportuno o uso de uma categoria de identificação como, por exemplo, a resistência da expressão pretos ou pardos para conseguir se auto identificar no universo religioso, através da manutenção de uma lógica das irmandades de homens pretos e pardos.

Seguindo o raciocínio, concordo com Sheriff (2001), que a concepção da cor não pode ser entendida como categoria de classificação racial, mas como um discurso de descrição, ou seja, mais adjetivos do que substantivos que podem gerar significantes de identificação. Quando as cores são acionadas para descrever um grupo ou indivíduo (preto, branco, pardo entre outros), deve-se levar em consideração como estes elementos são fatores fundamentais para a construção dos contextos em que são utilizados, tornando-se fortes indicadores de identificação.

Os dados encontrados nas certidões de óbito dos componentes deste grupo trazem a cor dos irmãos da irmandade de São Benedito. 193 pessoas foram consideradas pretas, 148 pardos e 83 brancas (Ver os anexos 04,05). Nesse sentido, ainda se nota uma presença marcante de pessoas consideradas pretas e pardas na cultuação de São Benedito. Desta forma, observo que a cor torna-se um elemento que é constantemente acionado e que contribui para a formação da identidade de indivíduos e de grupos, como destacados pelos pesquisadores Marcon (2005) e Sherrif (2001).

Para Marcon (2010), ao debruçarmos em uma análise do cotidiano social popular de um determinado período (neste caso incorporo o discurso para o contexto da irmandade de São Benedito no século XX), é possível perceber os argumentos ideológicos de uma região, na qual existiam a diversidade e os conflitos sociais com apelo ligado aos estereótipos presentes no grupo, mas, durante muito tempo, esta diferença foi legitimada pela referência da cor.

Retomei esse discurso para entender como o culto a São Benedito, na igreja São Salvador em Aracaju no século XX, foi descrito por Dom Luciano Duarte, ao trazer algumas referências de etnicidade em seu discurso e se indagar naquele momento da existência da irmandade. Observa-se alguns elementos de identificação e diferenciação destacado por ele como: “Um dos magos eram pretos”, “pessoas de cor”, “pele escura”, “santo preto”, “pretos velhos”, “preto direito” (DUARTE, 2010).

Assim, destaco alguns adscritores étnicos atribuídos para distinguir o grupo nesse espaço religioso legitimados pela referência de cor, como ressaltou Marcon (2010). Sherrif (2001) complementa que a classificação da cor, inicialmente, está ligada à concepção de aparência, mas não se pode confundir o conceito de cor com raça. Também no Brasil o racismo é designado pela expressão do preconceito de cor, sendo fortemente utilizada dentro do universo religioso católico para diferenciar e hierarquizar as pessoas.

Como retrata Marcon (2005), quando se discute identidades a partir das retóricas, deve-se levar em consideração a ambivalência dos signos acionados neste processo. Para ele, tanto as identidades individuais quanto as coletivas são entendidas como fenômenos ambivalentes, múltiplos, inacabados, instáveis, retóricos e experimentais (MARCON, 2005, p.107).

Entretanto, observa-se como a cor torna-se um artifício presente nas retóricas da Igreja e do grupo, mas não só isso, este elemento está presente no imaginário do grupo, sendo constantemente acionado a partir de um contexto social. Outro fator interessante que se pode elencar são as transformações que aconteceram na cidade de Aracaju, em meados do século XX, possibilitando que as práticas da irmandade de São Benedito se modificassem gerando uma invenção da tradição<sup>16</sup> deste grupo.

---

<sup>16</sup> Utilizo a noção de invenção da tradição no sentido de Hobsbawm (1997), que está relacionado com o caráter fictício das tradições, conservada ou desaparecida, mais que se legitimam por um sentido de origem, outras se institucionalizam pela repetição de suas práticas; Para o autor, a invenção das tradições seria um fator importante na formação da identidade dos Estados nacionais na modernidade. A ideia das “tradições inventadas” é pensada como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e

Fica evidente que a irmandade de São Benedito, seja pela fala de suas figuras principais, seja pela apreensão etnográfica realizada, trata-se de um local etnicamente diferenciado. Durante análise dos documentos, produzidos sobre a irmandade e as entrevistas, o tema ligado à identificação pela cor surgiu com muita frequência e designação, tanto no discurso dos irmãos da irmandade quanto nos discursos dos representantes eclesiásticos, como também nas pessoas que acompanham rotineiramente a irmandade no espaço religioso. Embora não sendo perguntado explicitamente sobre a cor dos irmãos, ela apareceu como um dos pontos centrais da fala.

## **2.2 OS IRMÃOS DE SÃO BENEDITO**

Na irmandade de São Benedito, cada irmão, antes de ser aceito pelo grupo, deveria se submeter a alguns critérios: primeiro, ser convidado por um membro, segundo, ter condição para pagar anuidade, terceiro, ter menos de cinquenta anos e quarto, seguir as diretrizes religiosas da igreja católica. Só a partir destes pré-requisitos poderiam se filiar nessa associação católica. Logo após, preenchiam suas fichas de inscrição, nas quais eram detalhadas as informações sobre cada irmão. Tal documento dava uma matrícula aos irmãos que se filiavam, em que continham informações sobre o ingressante, como a sua naturalidade, a profissão que exercia, a sua filiação, o nome completo, a idade, a data de admissão, seu local de residência, seu estado civil, sua assinatura, o valor do pecúlio e a indicação do destinatário (Ver os anexos 06,07). Os mesmos, em uma solenidade de entrada, recebiam um diploma no ato do ingresso na irmandade assinado pelo presidente e vice-presidente. Tudo isso atrelado à constituição do estatuto que definia as condições ou “qualidades” para a entrada dos irmãos.

A partir da análise de 172 fichas de inscrições, apresentarei alguns irmãos de São Benedito, tentando rastrear as suas histórias dentro e fora deste grupo. Observei que os membros da irmandade de São Benedito foram admitidos entre os anos de 1904 a 1971, tais irmãos vieram de diferentes cidades do território Sergipano e também de outros Estados do Nordeste, é o caso de Alagoas, Bahia e Pernambuco.

---

normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade com o passado” (Hobsbawm1997, p. 9). Deixo claro, que o termo inventado não está relacionado com a ideia de práticas falsas, mas com o sentido de transformado, ressignificado a partir das vivências que são estabelecidas no presente entre diferentes atores sociais.

---

**Tabela 1: Naturalidades dos membros da Irmandade de São Benedito (1946-1971)**

<b>Naturalidade</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Quantidade</b>
Colégio (AL)	1	Japaratuba (SE)	10
Penedo (AL)	3	Japoatã (SE)	1
Piaçabuçu (AL)	3	Laranjeiras (SE)	15
Santana de Ipanema (AL)	1	Lagarto (SE)	3
Traipú (AL)	2	Malhada dos Bois (SE)	1
Praia-Sambauma (BA)	1	Malhador (SE)	1
Salvador (BA)	3	Maruim (SE)	9
Caruaru (PE)		Muribeca (SE)	3
Terra Nova (PE)	1	N. Senhora do Carmo (SE)	1
Aquidabã (SE)	1	N. Senhora das Dores (SE)	1
Aracaju (SE)	56	N. Senhora do Socorro (SE)	13
Boquim (SE)	1	Poço Verde (SE)	1
Capela (SE)	20	Porto da Folha (SE)	1
Carira (SE)	1	Propriá (SE)	3
Carmópolis (SE)	2	Riachão do Dantas (SE)	4
Canhoba (SE)	1	Riachuelo (SE)	6
Cedro de São João (SE)	1	Rosário do Catete (SE)	7
Divina Pastora (SE)	7	Santo Amaro (SE)	6
Estância (SE)	2	São Cristovão (SE)	4
Frei Paulo (SE)	1	Siriri (SE)	6
Igreja Nova (SE)	2		
Itabaiana (SE)	3		
Itaporanga (SE)	2		

---

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1946-1971.**



A tabela acima demonstra que cerca de 70% dos membros da irmandade eram oriundos, principalmente, do vale do cotinguiaba, que naquela época correspondia às cidades de Laranjeiras, Santo Amaro, Nossa Senhora do Socorro, Capela, Divina Pastora, Rosário do Catete, Maruim, Carmópolis e Riachuelo. Tais dados tornam-se interessantes por compreender a procedência desses irmãos. A região do Cotinguiaba vem sendo estudada por diferentes pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas, por se tratar de um espaço de extrema exploração escravocrata até o século XIX. E por constituir, no século XX, um espaço territorial que agregou um grande número de residências de africanos.<sup>17</sup> Isto quer dizer que grande parte dos irmãos eram residentes de outras regiões de Sergipe, onde já se tinham constituído muitas irmandades de pretos e pardos.<sup>18</sup>

Neste rastro, a documentação analisada possibilita perceber que a Irmandade de São Benedito, ainda no século XX, exercia um papel importante no processo de assistência social da população. É interessante frisar que a população de diferentes partes de Sergipe e de outros estados, como é apresentado na tabela acima, ainda dá sentido à sua permanência e sua atuação nesse espaço religioso. Assim, eles recriam, em seu contexto, novas táticas para solucionar seus problemas, principalmente aqueles ligados ao aspecto da ajuda mútua.

Entrevistei o Senhor Carlos Teixeira, que disse:

Participo da Irmandade de São Benedito desde quando Morava em Socorro, minha mãe falava que esta Irmandade veio de lá. É interessante que outras pessoas já tinham experiências com tais grupos, em outras regiões, como é o caso de Dona Maria, de Francisca e Carlota, quando visitavam sua terra natal, sempre visitavam as suas irmandades de origem (TEIXEIRA, 2014).

---

<sup>17</sup> Ver: AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe: Cotinguiaba, 1860-1888**. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007; DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988; \_\_\_\_\_. **A taieira de Sergipe: pesquisa exhaustiva sobre uma dança tradicional no Nordeste**. Petrópolis: Vozes, 1972; OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de. **Entre painéis e batuques: Arqueologia da Diáspora e Gênero no sítio da Palha**. Sergipe: Laranjeiras, 2012. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe; SANTANA, Regina Norma de Azevedo. **Mussuca: Por uma arqueologia de um território negro em Sergipe d'El Rey**. Rio de Janeiro. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional/ Mestrado em Arqueologia.

<sup>18</sup> Ver: OLIVEIRA, Vanessa. **A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário: etnicidade, devoção e caridade em São Cristóvão - Sé (século XIX)**. São Cristóvão, 2008. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Sergipe.

Isso permitiu especular sobre a procedência da irmandade de São Benedito e pensar sobre a existência de relações sociais entre as irmandades de pretos de diferentes regiões de Sergipe. Além disso, pode-se pensar também como a Irmandade de São Benedito, ao longo do século, se tornou uma referência para esses irmãos de regiões de fora de Aracaju. Assim, perceber sua inserção no espaço religioso das irmandades na cidade de origem foi importante, tanto para entender o exercício da prática religiosa dos irmãos, quanto para a formação de uma rede de sociabilidade em uma nova cidade, no caso na cidade de Aracaju. Especula-se também que os irmãos poderiam transitar em mais de uma irmandade nesse período.

---

**Tabela 02 - Bairros onde os irmãos residiam**

---

<b>BAIRROS DE ARACAJU</b>	<b>Quantidade de Irmãos</b>
Atalaia Nova	11
B. Brasília	12
B. Castelo Branco	2
B. Centro	21
B. Cirurgia	1
B. Conj. Leite Neto	1
B. Conj. Sol Nascente	1
B.conj. St <sup>a</sup> Tereza	1
B. 18 do Forte	1
B. Industrial	25
B. Grageru	13
B. Inácio Barbosa	3
B. Lamarão	1
B. Manoel Preto	7
B. Novo Paraíso	3
B. Palestina	5
B. Stos. Antonio	5
B. Stos Dumont	9
B. São José	3
B. Siqueira Campos	22

---

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1946-1971.**

A tabela acima traz os principais bairros de moradia dos membros da irmandade de São Benedito. Analisei que 80% dos irmãos moravam fora da malha urbana delimitada à época, os bairros são: Siqueira Campos, Atalaia Nova, Conj. Sol Nascente, Cirurgia, Inácio Barbosa, Manoel Preto, Novo Paraíso, Palestina, Stos. Dumont, entre outros. E cerca de 20% desses irmãos residiam próximo ao centro da cidade. As localidades mais próximas destacadas na tabela são: o Bairro Centro, o B. St. Antônio, o B. Brasília e o B. Industrial, esse último espaço foi relatado pelos irmãos como lugares sem saneamento básico, com muitas vilas de aluguel e casa de taipa. Chega-se à conclusão que os membros da irmandade moravam principalmente no em torno da expansão urbana da cidade.

A formação territorial de Aracaju articulava uma dialética entre a construção material e a construção simbólica do espaço das residências dos irmãos que unifica, num mesmo movimento, processos econômicos, religiosos, políticos e culturais. Tais espaços são simbólicos, porque perpassa pela experiência e pela construção de uma memória afetiva dos irmãos. Nesses espaços viveram a intimidade de suas vidas cotidianas, além de atribuir ao espaço diversos significados, pois é no espaço onde as formas de consciência e de representação se manifestam, onde os discursos retroagem no processo de produção material do espaço, comandado pelos os significados dos lugares. A ocupação do espaço pelos irmãos não significa simplesmente enraizamento, estabilidade, limite e /ou fronteira, incluem ainda movimentos, fluidez e conexões.

Segundo a entrevistada Luzinete:

O bairro industrial na época era o mais violento de todos, faltava toda assistência de água, não tinha calçamento e luz. Os moradores eram muito pobres e viviam em casas alugadas. O que tinha na época era o espaço de lazer da fábrica. Lembro que algumas irmãs iam para missa na fábrica da prainha do bairro industrial (LUZINETE, 2013).

Com os mesmos problemas salientados por Luzinete, destaca-se o Bairro Siqueira Campos, que foi descrito como o espaço de pessoas humildes. Em relação aos outros bairros, nada foi destacado pelos entrevistados. A conclusão que se chega a partir do discurso de Luzinete é que, mesmo fora da irmandade, existiam outros espaços que nutriam suas práticas de sociabilidade, o espaço da igreja da fábrica. Desse modo, a esfera profissional se relacionava com as diretrizes traçadas pela religião católica, assim, a fábrica não era apenas um lugar de trabalho, mais também um espaço de se

afirmar e partilhar suas práticas religiosas. Como as pessoas moravam distantes da sede da irmandade, que se localizava no centro da cidade, apareceram outros lugares onde as reuniões entre alguns irmãos acabavam por se constituir em espaço também de socialização, como foi o caso da participação dos irmãos na capela São João Batista. Embora fosse uma prática comum, nunca deixaram de se reunir mensalmente na igreja São Salvador.



**Figura 3:** Imagem da capela São João Batista da Fábrica Sergipe Industrial – SISA. Fonte: (SANTANA, 2013)

Neste momento, retratarei algumas informações sobre atuação profissional dos membros da referida irmandade, para efeito deste texto, vou me deter apenas nos dados mais gerais da trajetória de vida do grupo, para depois me concentrar nos irmãos que ocuparam os cargos de prestígios na organização administrativa da mesma. Deste modo, os dados coletados tornam-se cruciais para a compreensão dos membros dessa associação.

**Tabelas 3: Profissões dos membros da Irmandade de São Benedito  
(1946-1971)**

<b>Profissões</b>	<b>Nº</b>	<b>Profissões</b>	<b>Nº</b>
Administrador	1	Jornalista	1
Agricultor	8	Lavadeira	6
Aposentados	41	Laboratorista	3
Atendente	1	Marítimo	1
Artista Funileiro	1	Marceneiro	3
Bancário	1	Negociante	66
Cobrador	1	Operário	44
Comerciante	14	Pedreiro	8
Costureira	17	Pintor	3
Dentista	1	Prenda do Lar	13
Doméstica	148	Professor	22
Engraxate	1	Sapateiro	5
Eletricista	3	Salineiro	1
Escrevente de Justiça	1	Servente	8
Estudante	3	Soldador	1
Feirante	5	Tecelã	1
Funcionário Público	20	Téc. Em Contabilidade	1
Industriário	9		
Inspetor de Aluno	4		

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1946-1971.**

Quando reúno os dados referentes às profissões, 70% delas são atividades executadas por sapateiro, engraxate, pintor, marceneiro, eletricista, pedreiro, feirante, negociante, tecelã, entre outros. Assim, pode-se destacar que eles exerceram, na sociedade, uma função de autônomos ligados a duas principais atividades: a primeira relacionada às questões artesanais e a segunda referente às atividades comerciais. Tais dados sobre as profissões dos irmãos nos permitiram conhecer, em certa medida, a posição que os mesmos ocupavam na sociedade e algumas contradições entre as normas estabelecidas pelos estatutos da irmandade, além de perceber as práticas cotidianas desse grupo. Um exemplo disso é o caso da entrada de um irmão que, em 10 de março 1947, é admitido: Sabino José dos Santos, nascido em 04 de julho de 1887, filho de Antônio dos Santos e Ângela Maria da Conceição, natural de Laranjeiras. Encontrava-se

neste período viúvo com 85 anos, cujo nome de sua mulher não aparece na documentação. Era o irmão matriculado no número de 231, nesta época, exercia a profissão de pedreiro na cidade de Aracaju e possuía uma residência na Rua Estância, nº 1419, não sabia ler e nem escrever.<sup>19</sup>

Em relação às profissões, percebe-se, através da tabela, que eram bastante diversificadas, ao mesmo tempo em que há profissões que exigem uma titulação de nível superior, como são os casos dos professores, médicos e administradores, têm-se também profissões ou ocupações que não exigem nenhum nível de escolarização formal (pelo menos no século XX), como são os casos dos pedreiros, os serventes, as domésticas e pintores. Essas diferenças existentes entre os conhecimentos profissionais dos irmãos da Irmandade de São Benedito demonstram, entre outras coisas, como essas irmandades religiosas são espaços ocupados por atores sociais que tinham na sociedade posições diferentes. Pode-se questionar, essas profissões eram hierarquizadas socialmente no século XX? E mais, essa hierarquização era refletida e implicava nas relações ou na organização da Irmandade de São Benedito? A partir da documentação analisada, verifiquei que o status social das profissões implicava, por exemplo, em determinados irmãos a ocuparem posições mais importantes na organização da irmandade.

Analisando o estatuto da irmandade, percebo algumas contradições entre o que se tinha como norma e o que se fazia na prática cotidiana da irmandade. Entre essas contradições, percebi que havia muitos aposentados como membros da instituição. Isso é interessante, uma vez que o estatuto tinha como norma que os participantes da Irmandade de São Benedito teriam de ter menos de 50 anos. Ao considerar o número de aposentados que a tabulação dos dados revelou, identifiquei a forte inserção deste grupo social na irmandade, mesmo que tal estatuto fizesse restrições.

Contudo, a tabela nos permite responder que o nível escolar não era um atributo ou um critério para poder participar dessas irmandades, como também a idade, mesmo sendo uma norma que consta no estatuto, na prática, não era um critério ou aspecto determinante para poder participar de tal instituição. Além disso, outro aspecto é a posição social. Ter mais status socialmente através, por exemplo, da profissão

---

<sup>19</sup> CÚRIA METROPOLITANA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1946-1971.**

pensando na profissão de médico tão valorizada socialmente e consolidada no século XX e a profissão de doméstica que só foi regularizada no ano de 2013, mas ainda é desvalorizada – não era um critério de entrada, no entanto, isso não nos permite dizer que essas diferenças geravam distinções nas relações no interior da irmandade.

A entrevistada Selma retratou,

Durante muito tempo exerci a função de doméstica, não é como hoje, recebíamos na época muito pouco e fazíamos de tudo dentro da casa do patrão. Eu mesmo com os meus 14 anos dormia na casa deles, pois minha família morava em Riachuelo, era um sufoco morar na casa dos outros, só eu sei disso. Hoje tenho 60 anos e consegui sobreviver a toda as batalhas da vida pena que não tive oportunidade de aprender a ler (SELMA, 2014).

É interessante salientar, mais uma vez, que esta diversidade nas profissões dos irmãos, em certa medida, revela a posição social dos mesmos, mas também pode revelar práticas de organização. Apesar da documentação não permitir se aprofundar em determinadas questões, essa fonte permite questionar as diferentes experiências profissionais, ou seja, como as diferentes práticas de conhecimento influenciavam nas formas de organização e atuação da Irmandade de São Benedito na cidade de Aracaju. Isto porque se acredita que os valores, os saberes, o conhecimento prático ou científico dos irmãos podiam influenciar nas práticas e dinâmicas entre eles, diferentes forma de atuação coletiva.

Ao relacionar as profissões exercidas pelos irmãos com os espaços de suas residências, chega-se à conclusão que as pessoas com profissões autônomas, na sua maioria, residiam fora da malha urbana, delimitada para cidade de Aracaju. Tais residências se encontravam nos considerados arrabaldes<sup>20</sup> da cidade.

Em relação ao controle dos cargos da irmandade, parti da análise dos estatutos de 1954, de 1971 e de 2010 (Ver os anexos 08, 09, 10, 11, 12,13), bem como da ata da assembleia extraordinária de 2001. Percebe-se que os presidentes da irmandade foram todos os párocos, bispos e arcebispos de Aracaju. Deste modo, observo que as fichas dos mesmos não foram anexadas na documentação que se encontra presente na irmandade.

---

<sup>20</sup> Que se encontra localizado na periferia de uma cidade, ou seja, fora dos limites espacial traçado.

**Tabela 4: Presidentes da Irmandade de São Benedito de Aracaju**

<b>Nomes</b>	<b>Ano</b>	<b>Cargos</b>	<b>Atividades Exercidas na Irmandade</b>
<b>José Luciano Cabral Duarte</b>	1954	Padre	Presidente
<b>José Luciano Cabral Duarte</b>	1971	Bispo	Presidente
<b>Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida</b>	2001	Padre	Presidente
<b>Jerônimo Nunes Peixoto</b>	2004	Padre	Presidente
<b>Dom José Palmeira Lessa</b>	2010	Arcebispo	Presidente

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Estatuto da irmandade de 1954-1971.**

Entretanto, as informações contidas na documentação são importantes para se aprofundar nos critérios de seleção para formar as comissões, para eleger os representantes da instituição e para perceber a dimensão de poder da igreja católica sobre a irmandade. Acredita-se que a seleção ocorre a partir de alguns critérios, que estariam ligados mais ao âmbito dos valores religiosos e morais dos irmãos envolvidos, mas isso não quer dizer que o status social dos irmãos não exercesse um papel importante quando se trata da escolha dos representantes do seu grupo.

**Tabela 5: Divisão de gênero na irmandade de São Benedito**

<b>GÊNERO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<b>Masculino</b>	54
<b>Feminino</b>	160

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Estatuto da irmandade de 1954-1971.**



É interessante destacar as diferenças que marcam a presença dos homens e das mulheres nas irmandades para perceber como as mulheres, mesmo sendo maioria não ocupavam, por exemplo, cargos de presidência no grupo. Além disso, outro aspecto diz respeito ao caráter assistencialista da irmandade, que também pode ser associado a esse número discrepante das mulheres em relação aos homens.

Del Priore (2007) ressalta que a documentação torna-se fundamental para desabrochar a presença das mulheres em diferentes espaços. Neste sentido, são encontradas nas margens sociais dos seus grupos, mas isso não quer dizer que elas eram invisibilizadas no processo de atuação da irmandade. Desta forma, verificou-se, através do estatuto e das fichas de inscrição da irmandade, que as irmãs de São Benedito não ocupavam cargos como de presidência, e que eram raras as vezes em que elas ocupavam algum outro cargo na diretoria da irmandade, pois como pode-se visualizar, todos os representantes na gestão de 1954 eram homens. Os cargos ocupados pelos mesmos foram de presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, tesoureiro e mesários.

Diante disto, permite-me pensar, qual o papel que essas mulheres exerciam na irmandade? Quem eram elas? Quais eram suas práticas e funções na irmandade? Observando as profissões das mulheres dessa associação, percebo que os níveis de escolarização das mesmas variam, entretanto, predomina a presença de mulheres com um baixo nível de escolarização. Pode-se perceber isso a partir dos números de prendas domésticas e prendas do lar apresentado na tabela de profissões. Além da falta de assinatura das mesmas, constando apenas as suas digitais em suas fichas de entrada. Tais dados abrem um leque para pensar a atuação das mulheres na irmandade. Muitas vezes, elas exerciam o papel e a função de zeladora<sup>21</sup>, na organização da festa de São Benedito, na ornamentação e limpeza da missa como também realizavam quermesses para obtenção de capital financeiro para irmandade. Para a irmã Jurema:

Ser mulher na irmandade não era algo fácil não! Imagine o que os homens pensavam quando íamos para tal reunião? Tínhamos de conciliar o espaço do trabalho, da família e da religião. Nós éramos consideradas as matracas de São Benedito. Lá compartilhávamos e dividíamos algumas tarefas, que passava pelo cuidado e o zelo do espaço, a divisão de tarefas da festa e as organizações das quermesses (JUREMA, 2014).

---

<sup>21</sup> A função de zeladora ou Zelador dentro da irmandade de São Benedito estava relacionada com duas atuações. A primeira estava relacionada com administração do cemitério da irmandade e a segunda com a organização das atividades do espaço religioso que estava relacionada com a missa e com a manutenção da capela.

A entrevistada dona Jurema recorda algumas atividades exercidas pelas mulheres no espaço religioso e nas práticas organizada pela irmandade. Tais informações não aparecem nos registros produzidos pelos irmãos de São Benedito. Mesmo diante disso, algumas mulheres assumiam um papel, mesmo que informal, de administradoras da irmandade.

Nas conversas com os informantes apareceu a presença forte de Dona Dadá, como falou Sr. Júlio:

“Na época de Dadá tudo estava no devido controle, há quem discordasse das suas ideias”. Dadá sempre foi o braço direito da irmandade. Ela organizava atividades dentro e fora. As festas, as missas, participava das reuniões e sempre marcava para nos reunirmos em sua casa. É tanto que tínhamos a grande feijoada da Dáda, ofertada sempre depois da festa de São Benedito em sua casa. Ela não gostava que ninguém levasse nada, mas, as pessoas sempre levavam saladas, bebidas, carnes, doces e outras coisas mais. A música não faltava ia desde música da igreja até as toadas fora delas (JÚLIO, 2013).

Tal entrevista traz diferentes pontos de análise, primeiramente, com essa informação dada por seu Júlio, observa-se a atuação de uma mulher na frente da irmandade exercendo sua função de forma não institucionalizada. Mesmo assim, era atribuída a mesma toda função de presidir e organizar a presente irmandade. Contudo, verifica-se o reconhecimento de tal atuação através das memórias dos irmãos entrevistados, algo que não aparece na documentação analisada. O segundo ponto destacado em sua fala foram os espaços de sociabilidade dos irmãos nas festas, nas reuniões da igreja e na casa de dona Dáda. Gostaria de destacar a feijoada que a mesma organizava, a qual tona-se um espaço de lazer fora do âmbito da igreja. Suponho que esse é o motivo do entrevistado frisar que naquele momento os irmãos poderiam cantar outros tipos de músicas sem serem apenas os de caráter religioso.

É interessante salientar que, a partir dos anos 70, visualiza-se de forma institucionalizada a presença de mulheres exercendo cargos na diretoria da irmandade, encontram-se tais dados nos estatutos dos anos de 1971, 2001 e 2010. Elas ocuparam cargos de vice-presidente, 1ª secretária, mesárias e tesoureira.

**Tabela 6: Funções exercidas pelas irmãs na diretoria da Irmandade  
de São Benedito**

<b>Nomes</b>	<b>Ano</b>	<b>Cargo na Irmandade</b>
<b>Djalma Ferreira de Oliveira</b>	1971	Vice-presidente
<b>Maria Eloísa de Araújo Aragão</b>	1971	1ª Secretária
<b>Maria Pediza dos Santos</b>	1971	Mesária
<b>Rosidete Araújo Oliveira</b>	1971	Mesária
<b>Raynilda Pereira da Silva</b>	2001	Secretária (“Ad hoc”)
<b>Raimunda Pereira Silva</b>	2010	Vice-presidente
<b>Maria Amélia Figueira de Jesus</b>	2010	Secretário
<b>Maria Edênia Texeira Rocha</b>	2010	Advogada
<b>Tânia Maria dos Santos</b>	2010	Secretária (“Ad hoc”) e zeladora do cemitério São Benedito

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. *Estatuto da irmandade de 1954-1971*.

A tabela acima apresenta as principais funções exercidas pelas irmãs na diretoria da irmandade em questão. Desta forma, observa-se que sua inserção nos cargos deu-se a partir de 1971. Nas conversas, pode-se observar que as mesmas exerciam grandes funções no espaço religioso da igreja São Salvador. Essa aproximação com os párocos fazia com que elas fossem escolhidas para tais cargos. Os principais cargos exercidos são de vice-presidente, 1ª secretária, mesárias, advogadas e zeladoras.

Ressaltando o caso de Dona Dadá, novamente a mesma era reconhecida como figura que tinha o controle, sendo respeitada pelos membros da irmandade. Para

entender esse processo de como Dona Dadá conseguiu se tornar uma pessoa tão respeitada, mesmo não ocupando nenhum cargo na diretoria, implica entender suas experiências de vida, suas redes de sociabilidade prévia e sua rede de solidariedade que a mesma estabeleceu na irmandade. No entanto, os documentos analisados, bem como as memórias dos membros que conviveram com ela, não permitem conhecer de forma mais profunda como se deu esse processo.

De uma forma geral, tais dados analisados nos apresentam um pouco sobre como eram os irmãos da irmandade no sentido étnico e social. Assim, ajuda a entender o perfil socioeconômico dos componentes desta instituição, que se encontravam ativamente inseridos dentro do mercado de trabalho dessa cidade, seja no âmbito formal ou informal. Observa-se nas profissões um número muito grande de domésticas, uma profissão exercida por pessoas humildes, o que nos ajuda a concluir que a população mais pobre correspondia à maioria dos componentes desta instituição. Mas, não podemos desprezar as informações que trazem cargos que correspondem também à presença de pessoas letradas e formadas nessa instituição. Ainda que no século XX tenha ocorrido inscrições de irmãos que poderiam ser considerados mais pobres.

Dessa forma, a administração da irmandade permaneceu monopolizada por homens da elite eclesiástica local. Eles controlavam as principais caixas mantidas pela irmandade e tinham o poder de reconhecer, a partir das diretrizes traçadas pelos estatutos, quem eram os irmãos. Para isso, os mesmos tinham de cumprir seus deveres espirituais e econômicos perante a irmandade. Este será o assunto do próximo subcapítulo, onde também mostrarei as finalidades estruturadas a partir do compromisso de solidariedade e crença perante os membros da irmandade de São Benedito.

### **2.3 COMPROMISSOS E SOLIDARIEDADE EM TORNO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO.**

O Compromisso é um rico instrumento de pesquisa, pois trata, em detalhes, de todo o processo organizacional da irmandade de São Benedito. Nele, encontram-se questões referentes às finalidades e às intenções da associação, as condições de admissão e participação, as obrigações e os deveres, a definição do corpo dirigente da irmandade, os rituais ligados à eleição da mesa, tarefas atinentes aos cargos, aos pagamentos, organização de festas, procissões, assistência social e o cuidado com os funerais dos irmãos defuntos, que são por exemplo, objetos de regulamentação nesse

compromisso do culto ao São Benedito. Deste modo, o presente estatuto ou compromisso deveria ser aprovado pelas autoridades eclesiásticas para ser conhecido e seguido por todos os componentes da irmandade” (BORGES, 2008, EUGÊNIO, 2001).

Assim, os estatutos funcionam como as legislações básicas para guiar os “passos” das irmandades e dos seus membros, tudo em sintonia com os mandamentos da igreja católica e seus ritos, dogmas e orientações. Tais documentos possuem um modelo padrão que, como já destacado, estabelece as regras dentro das mesmas.

Os documentos intitulados “Estatutos da irmandade de São Benedito”, datados dos anos de 1954, 1971 e 2010, arquivados na cúria metropolitana de Sergipe, foram fundamentais para compreensão e análise da estrutura da irmandade. Inicialmente, o estatuto era composto de 57 (cinquenta e sete) artigos, cuja segunda publicação deu-se em 1954 e a terceira em 18 de agosto de 1971, sendo ambos iguais. Já o último estatuto, elaborado e reformado, data-se do ano de 2010, composto pelo número de 55 (cinquenta e cinco) artigos, assim, a referida irmandade é regida atualmente por seus ditames.

Nesse sentido, o estatuto desta irmandade pode ser compreendido como um conjunto de normas, acordadas por uma instituição, sócios ou fundadores, que regulamentam o funcionamento do grupo e define as bases e critérios de acesso e integração dos membros a essas associações leigas de caráter religiosas. Deste modo, a referida instituição tinha uma administração própria, formada pelos seus componentes, que exerciam cargos determinados para atender às necessidades de sua organização, assim, sua estrutura administrativa estava figurada nesses compromissos. Prevvia também que a irmandade de São Benedito poderia ser constituída pelo número limitado de até 800 sócios no máximo.

A compreensão do discurso, presente nesses documentos, tornou-se precioso por apresentar as principais diretrizes traçadas para que essa irmandade funcionasse. Ainda nesse sentido, surgem algumas indagações: Quais as medidas que foram traçadas para elaboração de novos Estatutos? Quais os discursos presentes neles? Que tipo de alterações foram feitas? E o que a igreja buscava com essas alterações?

A partir da análise dos estatutos, elaborados para a irmandade de São Benedito, é possível constatar que a irmandade sofreu grande influência do catolicismo

romanizado<sup>22</sup>, no qual buscou a centralização do poder nas mãos dos eclesiásticos, tornando-se mais rígido que o catolicismo tradicional. Tais documentos buscaram controlar as atividades executadas pelos irmãos e vigiá-los. Neste sentido, retomo Oliveira (2008) e, principalmente, Santos (2013) ao afirmarem que em Sergipe o processo romanizado aconteceu de forma tardia. Deste modo, tal compreensão pode ser percebida em Aracaju, quando me deparei na análise dos estatutos, especialmente o último, reformado em 2010, que destaca uma centralização mais visível relacionada ao controle dos bens da irmandade, prevendo a dissolução da mesma após o falecimento dos irmãos, buscando incorporar a entidade à Arquidiocese, bem como todos os seus bens, inclusive o cemitério São Benedito, cuja administração já se encontra a cargo dessa instituição. Outras reformas são previstas para a instituição após o falecimento dos mesmos, como a extinção das caixas da irmandade e, em substituição, criará uma conta bancária, na qual será depositados todos os seus rendimentos e demais movimentações financeiras pertinentes a irmandade (LESSA, 2010). Em razão da extinção das caixas, extingue-se, igualmente, o pecúlio ‘post mortem’, pago à família dos irmãos falecidos, proibindo as propostas de novos sócios na instituição.

A irmandade de São Benedito se diferencia de outras irmandades já estudadas pela literatura acerca das irmandades. Elas destacam que as irmandades se incorporam no início do século XX no Brasil. No entanto, quando me deparo com a irmandade de São Benedito em Aracaju, constato que a mesma só será incorporada à diocese de Aracaju no decorrer do século XXI. Isso possibilita afirmar que tal irmandade sofrerá um processo de romanização tardia por parte da igreja, evidenciando a complexidade e a dimensão do movimento reformador católico e, sobretudo, para que se possa avaliar

---

<sup>22</sup> É nas primeiras décadas do século XIX que as ideias romanizadora foram reveladas nas atitudes da hierarquia católica. Tendo como grande meta a difusão dos ideais do papa executada na pessoa dos bispos. Deste modo, consistia na desvinculação da Igreja a Coroa e submetê-lo às determinações romanas traçadas. Esse momento é chamado por alguns historiadores, como Ralph Della Cava de romanização. Assim, tais atos estão relacionados a um movimento universal da Igreja, estabelecido em todas as dioceses católicas do território Brasileiro. Alguns bispos se destacaram na implantação das ideias romanizadora no Brasil. Na diocese da Bahia destaca D. Romualdo Antonio de Seixas, (1827-1861); Em Mariana destaca D. Antonio Ferreira Viçoso, (1844-1876) e em São Paulo revela-se o D. Joaquim de Melo, (1851- 1861) (SOUZA, 2005 p.93). Acerca do processo de romanização ver as pesquisas de: AZZI, Riolando. **Dom Antônio Macedo Costa e a reforma da Igreja no Brasil**. REB, v. 35, fasc.139, p.683-701, set. 1975; \_ . D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo da Bahia (1827-1860) e o movimento de reforma católica no Brasil. In: AZZI, Riolando & SILVA, Cândido da Costa e. **Dois estudos sobre D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo da Bahia**. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1984; LUSTOSA, Oscar. **Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890)**. REB v.35, n.139, set. 1975; PEREIRA, Nilo. **Conflitos entre a Igreja e o Estado no Brasil**. Recife: Massangana, 1982; RODRIGUES, Afonso. **Igreja e Estado**. Edições Loyola, 1975; SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. 1ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

como o catolicismo romanizado, de certa forma, tentou podar a atuação da presente irmandade.

Visualizando o processo romanizador no Estatuto do século XX, verifico que a irmandade de São Benedito mantinha restrição seletiva à admissão e exigia dos seus membros que fossem íntegros, a fim de poder honrar a irmandade. Desta forma, esse documento faz críticas a outros grupos que não fossem católicos, como praticantes do protestantismo, maçonaria, espiritismo, candomblé e outros seguidores de grupos considerados seitas. Deste modo, surgiam as proibições e punições de seus componentes de fazerem parte de outros segmentos. Tais proibições continuam em vigor no último estatuto aprovado. Essa medida faz parte da construção da moralidade imposta pela igreja aos irmãos. Assim, verifico a preocupação pelo fechamento em torno das práticas católicas. Se existe essa apreensão é porque alguns irmãos podem fazer parte de outras segmentações desprezadas, nesse momento, pela igreja católica ou, pelo menos, visualiza-se uma inquietação para a possibilidade da realização delas fora da irmandade. Nesse universo de possibilidades, é possível destacar dois elementos: a forte repressão e o controle de uma efetivação de um ato diferente. De tal modo, reforçam a exigência, presente no estatuto, de apenas aceitar pessoas que participassem da igreja católica, levando a pensar que a mesma tinha receio do avanço de outras manifestações religiosas que se consolidam em Aracaju.

Na sequência, destaco o artigo que informa sobre as finalidades da irmandade de São Benedito. Deste modo, constitui os seus fins: “incrementar em seus membros a vida cristã desenvolvendo em particular a devoção a São Benedito cujas virtudes deverão ser o modelo a imitar por todos os componentes da Irmandade”; “lutar pela defesa e pela expansão da Igreja de Cristo na medida das possibilidades pessoais de cada membro da Irmandade e da própria Confraria em Conjunto” (DUARTE, 1971; LESSA, 2010).

Ao refletir sobre o discurso acima, observo a preocupação da igreja, no século XX, de expandir o seu campo de atuação, preocupação essa que aumenta no final do século XIX. Deste modo, tentou se utilizar de um discurso oficial presente no estatuto de São Benedito para instigar os membros para tal execução. Sendo assim, manteve-se algumas estratégias para se consolidar nesse período das constantes ameaças construídas pela Igreja. A fé cristã foi enfatizada como princípio de verdade absoluta, e qualquer afirmação só teria valor se estivesse de acordo com as percepções romanas. Também

chama atenção o apelo feito pela Igreja à devoção e imitação das virtudes do Santo Benedito no estatuto. Isso mostra que, ainda no século XX e XXI, faz sentido se utilizar da lógica dos santos das irmandades para envolver e incrementar os irmãos em uma vivência cristã, mesmo que seja de forma vigiada.

Reitera-se que, entre as obrigações dos membros, constam entre outras: fazer solenemente a festa do seu padroeiro e celebrar, no segundo domingo de cada mês, uma missa na igreja de São Salvador por todos os membros da irmandade vivos e defuntos.

É fundamental pensar os aspectos econômicos da irmandade de São Benedito que são mantidas e divididas em 4 (quatro) caixas: caixas da irmandade que estava vinculada às despesas da irmandade e do cemitério de São Benedito, caixa de Pecúlio que era utilizada para auxílio à família dos irmãos por ocasião do falecimento destes, caixas das taxas de festa de São Benedito e caixa das taxas de assistência social.

A manutenção econômica da irmandade está relacionada, primeiramente, ao cumprimento do contrato estabelecido entre os irmãos antes de adentrar à irmandade. O fato dos irmãos cumprirem com o pagamento da mensalidade faz com que mantenha a arrecadação do grupo e realizem o melhoramento dos seus bens, além de contribuir para que seus representantes executassem uma boa administração durante seu mandato. De modo geral, percebo que é em torno da economia que os irmãos conseguem reivindicar a execução dos seus direitos perante a irmandade. Assim, é a própria economia que dá sentido aos atos de solidariedade prestados pela irmandade aos irmãos em suas necessidades pessoais.

Provavelmente só cobriam as despesas com as missas, enterros, batismos ou casamentos. Tal irmandade participava no pagamento de parte das despesas das festas e as outras despesas da irmandade eram pagas através das diversas formas de arrecadação. Então, cada irmandade possuía uma estrutura organizacional diferente, mas na obtenção de recursos para organização de suas instituições e festividades, percebe-se uma singularidade na forma de obtenção dessas “verbas”. Na maioria das vezes, os grupos se utilizam dos mesmos mecanismos no século XX e XXI que são as quermesses, entre outros.

Havia toda uma preocupação com a entrada destes componentes dentro dessa instituição religiosa, mas para isso, como vimos acima, eles tinham que pagar para participar. Depois deveriam cumprir as fidelidades com os preceitos da igreja católica, assistindo as sessões regularmente e tomando parte nas iniciativas promovidas pela



mesma. Observa-se que tais preceitos estão relacionados a uma ideia de vínculo simbólico dos irmãos perante a irmandade.

Depois que adentravam a irmandade de São Benedito, tinham o direito de votar e serem votados para os cargos eletivos da instituição. Outro fator é que eles deveriam propor novos sócios e representar qualquer irmão, presidente ou membro da diretoria em caso de conflitos. O fato dos irmãos votarem e serem votados para os cargos da irmandade, nos faz refletir que essa ação não faz parte da lógica das irmandades no período imperial. Assim, pode-se pensar que esse direito já faça parte do processo romanizado que buscou fazer diversas alterações institucionais dentro do espaço religioso na virada do século XIX para o século XX.

Seguindo as ideias dos estatutos do século XX, o Art. 47 diz que: – Da contribuição mensal dos Irmãos que é de Cr\$ 1,00 (segundo o disposto no art. 13 a) deduzida à percentagem do cobrador de 20%, a Receita da Irmandade registrará líquida Cr\$ 0,80 que divididos irão para as caixas:

**Tabela 7: Caixa de conta da irmandade de São Benedito**

<b>Irmandade de São Benedito</b>	<b>Porcentagem</b>
Conta da Irmandade	40%
Conta de Pecúlio	40%
Conta de Festa	15%
Conta de Assist.	5%

**Tabela retirada do estatuto da irmandade** Fonte: (DUARTE, 1971, p.12).

Essa tabela mostra como estava organizada a divisão da arrecadação por essa irmandade, mostra as porcentagens arrecadadas que são destinadas para cada prática do grupo. Tais informações possibilitam entender as escolhas traçadas para o gasto do dinheiro arrecadado no ano, por tal instituição. Para isso, retratarei sobre as funções dessas caixas. Uma primeira informação, extraída da tabela, está relacionada com o caixa de conta da irmandade, dentre uma das funções que ela exerce, na lógica de organização e da existência da irmandade, é para solucionar os gastos que a irmandade pode ter fora, no ato da morte, da festa e da assistência. Tal caixa serve para o

pagamento dos funcionários em torno do grupo, compras de materiais, água, luz, entre outras funções, por isso que a tabela destina um dos maiores percentuais a essa atividade.

A segunda caixa apresentada na tabela é destinada ao pecúlio, que tinha como objetivo proporcionar às famílias dos irmãos de São Benedito o recebimento de auxílio, em dinheiro, por ocasião da morte dos seus entes. Esta caixa é de extrema importância na manutenção e sobrevivência da irmandade, pois é em torno do pecúlio que a irmandade se reinventa. É ela que envolve outros membros e parentes dos irmãos falecidos. Tal caixa também faz o auxílio funeral do irmão. Deste modo, chega-se a ideia que o pecúlio consiste na devolução, em parcela única, das contribuições feitas pelos seus membros ao longo de suas vidas.

É a partir do pecúlio que a ajuda mútua aos irmãos aparecem por parte da irmandade, estando relacionado aos anos de fidelidade dos membros. Além disso, o recebimento do mesmo colabora na manutenção da lógica de solidariedade diante da presente instituição.

A entrevistada Patrícia, disse:

Acabei entrando na irmandade após à morte de minha mãe dona Tereza, continuei pagando, pois pagar o plano funeral é muito caro, por isso que logo assumir a responsabilidade de minha querida mãe. Aos poucos foi incrementado o respeito e o reconhecimento a São Benedito. Na morte deles, ajudaram com tudo!(PATRICIA, 2013).

Problematizando o relato de Patrícia, percebe-se uma ideia de assistência diante da irmandade que é nutrida pela caixa do pecúlio, como bem retratou a tabela. É o pecúlio que dá sentido a existência desse grupo. Quando os irmãos não recebiam tal assistência, entravam na justiça para obtenção dos seus direitos. Como foi o caso de José Juarez dos Santos, no ano de 1996, que procurou e preencheu um formulário de atendimento na Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor de Sergipe (Ver anexo 14). Afirmando que:

Não recebi o direito do pecúlio “mortio causa” (sic.), visto que sou filho do membro da irmandade bem como participante também da irmandade de São Benedito desde 11/11/1956, juntamente, com a minha mãe falecida. Segundo o estatuto da entidade, no seu artigo 49, o reclamante é o contemplado pelo pecúlio. Mas, infelizmente a entidade supracitada não quer pagar o direito do

pecúlio. Assim sendo, o reclamante recorreu a este órgão para que o mesmo tome as devidas providências que o caso requer<sup>23</sup>.

Este processo revela um pouco das reivindicações dos membros da irmandade, sendo interessante perceber suas atuações para obtenção dos direitos que lhe assistem. Assim, surge uma indagação: O que fez com que a irmandade se eximisse, nesse período, da sua função de assistência ao familiar desse irmão? Deste modo, tal ato quebrava o contrato de confiança estabelecido entre a irmandade e os irmãos nessa instituição. Surge outra especulação, será que a irmandade vinha perdendo sua força econômica? pois nesse período tinham outras instituições como as funerárias e os hospitais que vinham suprimindo a necessidade dos irmãos, não fazendo sentido procurar tais assistências nesse espaço.

A partir da década de 50 a 70 encontrei 25 fichas que mostravam o desligamento de alguns irmãos da irmandade de São Benedito, isto estava ligado a falta de pagamento dos mesmos. Chego à conclusão que isso pode ter desestabilizado o processo de arrecadação da irmandade, dificultando a manutenção das caixas pré-estabelecidas no estatuto. A irmandade, naquele momento, teve que mudar sua diretoria enquanto estratégia para manter-se ativada nessa cidade. Também aparece a entrada de novos sócios na referida irmandade.<sup>24</sup> E a figura de Dom Luciano Cabral entra em cena como o presidente dessa irmandade, buscando melhorar os serviços prestados aos irmãos.<sup>25</sup>

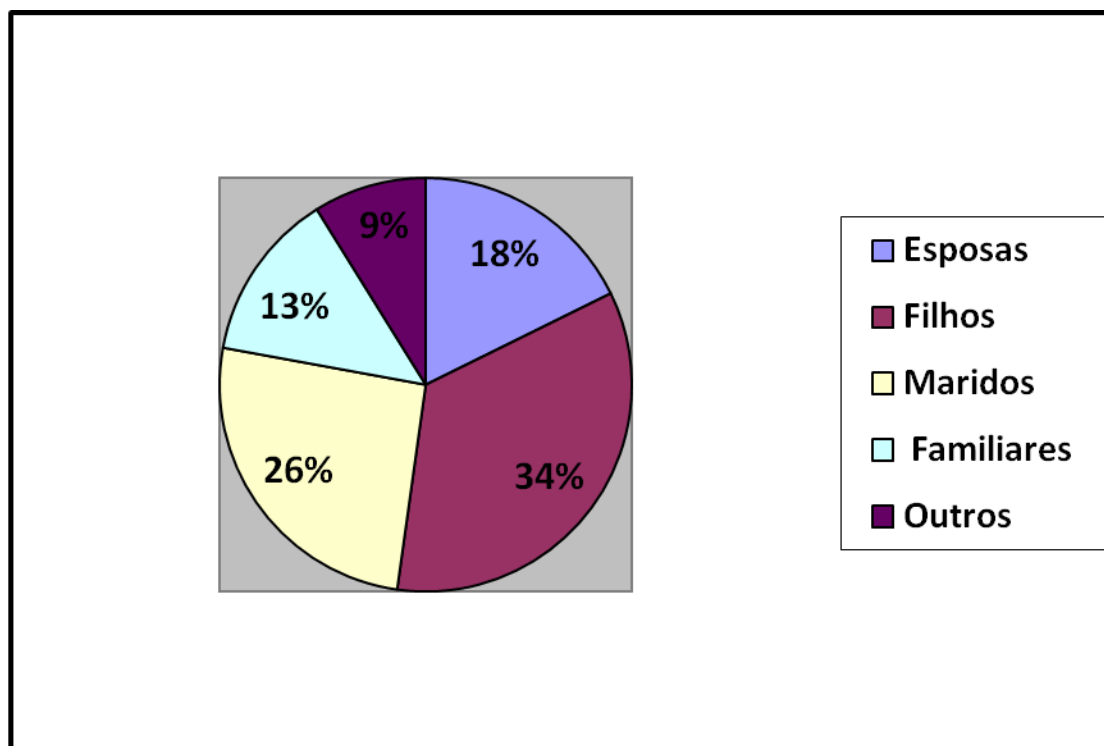
---

<sup>23</sup> SANTOS, José Juarez. **Formulário de atendimento a Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor de Sergipe**. Aracaju. 1996.

<sup>24</sup> CÚRIA METROPOLITANA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1950-1971**

<sup>25</sup> Ver: DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.8.

Gráfico 2: Pecúlio Destinado no ato da Matrícula



**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Fichas de entrada dos irmãos 1946-1971.**

O gráfico em questão foi construído a partir das fichas de inscrições de entrada dos membros da irmandade. Nesse momento os irmãos destinam para quem vão deixar seu pecúlio após sua morte. O que se percebe no tal gráfico é que 78% desses benefícios eram destinados aos filhos e cônjuges dos irmãos, ou seja, a solidariedade se desenvolve em volta do bem estar familiar que circundam os membros da referida irmandade.

A partir dos Art. 48 e 49, verifico que no caso de morte a irmandade pagava à família do irmão falecido a importância de Cr\$100,00 (cem cruzeiros) como pecúlio “post mortem”. Para recebimento do pecúlio, a pessoa interessada deveria fazer um requerimento ao presidente da Irmandade, anexando o atestado de óbito e o recibo que comprove que o falecimento estava em dia com o pagamento da irmandade; o presidente baixava o requerimento para o tesoureiro, mandando-o verificar se realmente a pessoa que estava requerendo o pecúlio era de fato a beneficiária, em caso afirmativo, mandava-se fazer o pagamento. Porém, havia uma exceção para os membros não receberem esse pecúlio, era a falta de pagamento da mensalidade em dia junto à Irmandade. Nesta circunstância, os irmãos não teriam direito ao pecúlio nem à sepultura da Irmandade, assim os irmãos não poderiam ficar com mais de sessenta dias de atraso

no pagamento de suas mensalidades.

Já a caixa de conta para a festa era um elemento muito discutido pelos irmãos (Ver anexo 15). É durante desse fato que eles se confraternizam, disputam com outras irmandades se socializam entre eles.<sup>26</sup> Para isso, desde o século XIX tal caixa tornou-se de extrema importância para uma das principais práticas da irmandade, a organização da festa de São Benedito. É dessa caixa que se compram os principais materiais de ornamentação da festividade, e também é em volta da mesma que os irmãos rememoram as práticas da louvação, da dança ao santo preto, entre outras. Tal aspecto será discutido e aprofundado no terceiro capítulo.

Entretanto, quando me deparei com o estatuto do século XXI, percebi que a igreja busca dissolver as caixas destinadas para o auxílio dos familiares dos irmãos e da manutenção das suas práticas, tendo em vista que tal instituição não tem mais sentido para existir. Do conteúdo geral do estatuto, há todo um compromisso com a caridade, a assistência e a manutenção da fé católica em volta deste, que é considerado o santo dos pretos, São Benedito.

Como analisou Souza (2002, p.47), a eleição de reis negros em Minas Gerais representou um processo de recriação de tradições na qual se mesclaram fragmentos de uma memória africana com elementos da cultura católica europeia.

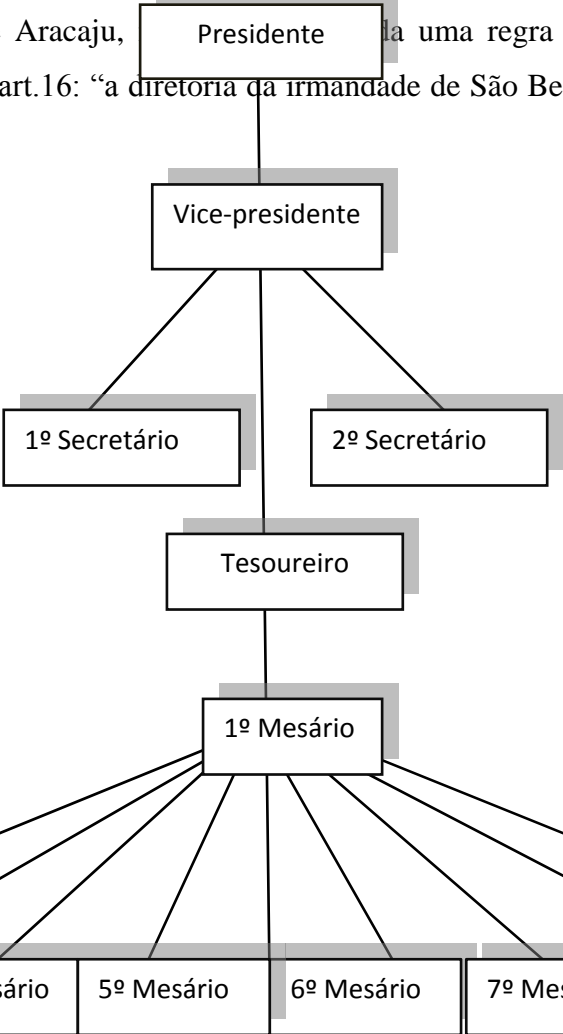
Baseando-se nesse discurso, chego à reflexão de que o compromisso da irmandade de São Benedito não mostra a importância da escolha de reis e rainhas, por isso alguns eclesiásticos não sabiam o porquê desta festa no Dia de Reis. Isso não quer dizer que não exista a coroação de reis e rainhas nesta irmandade. Segundo dona Zuleide:

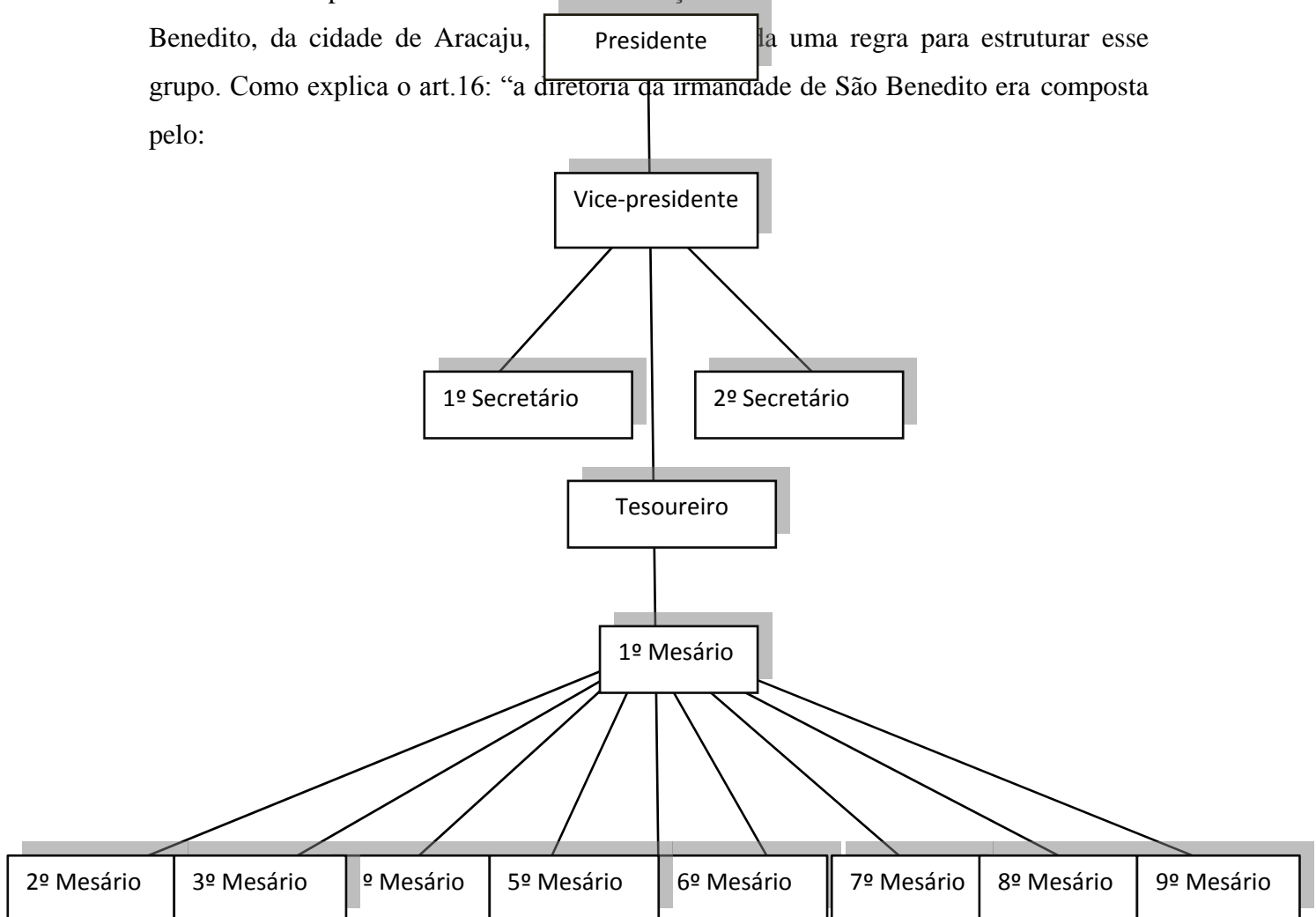
A irmandade de São Benedito sempre teve coroação de reis e rainhas, mas hoje não visualizamos isso mais, mas apenas a procissão que ao longo do tempo vem diminuindo. O que aparece ainda são alguns grupos de Laranjeiras que vêm brincar nesta festa (ZULEIDE, 2013).

---

<sup>26</sup> Oliveira destacou que em Aracaju existiam duas outras irmandades que não consegui rastrear a sua atuação. A irmandade São José dos Artistas e a irmandade de Nossa Senhora da Pureza (OLIVEIRA, 2008, p.38). Não sei destacar se ambas disputavam entre si. É interessante que no relato de Cabral (1971) demonstra que na procissão de Reis São Benedito vinha atrás dos santos brancos. Será que os santos brancos fazia parte das irmandades de Branco em Aracaju? Elas saiam juntas por que a festa era um espaço de prestígio étnico. Tal especulação abriu um leque para pensar como as irmandades no século XX acionava a referência da cor para fins de sociabilidade.

A entrevista acima ajuda a pensar sobre o porquê da irmandade de São Benedito não referenciar em seus estatutos a coroação de Reis e Rainhas. Pode-se especular que tal documento tinha sofrido alteração a partir do processo romanizado no qual outras irmandades sofreram, nesse caso, deu-se a partir da década de 50 já que o segundo estatuto é reformado na mesma década. Isso significa que a igreja buscou apagar os elementos ligados às práticas que rememoravam o império brasileiro. Entretanto, visualiza-se na fala da entrevistada que o ato continuava a ser realizado.

Outro ponto a destacar é a formação da diretoria da irmandade de São Benedito, da cidade de Aracaju,  a uma regra para estruturar esse grupo. Como explica o art.16: “a diretoria da irmandade de São Benedito era composta pelo:



O presidente deste grupo sempre foi uma pessoa indicada pelos eclesiásticos, sendo assim, não havia eleição para o cargo máximo dessa instituição, tornando um indicador da força da igreja sobre esses componentes. Desta forma, o Art.17 diz que “o presidente da irmandade não é escolhido por eleição, mas será sempre o capelão designado pela Autoridade Diocesana para reger a Igreja de São Salvador.”<sup>27</sup> Isso está relacionado ao poder moderador e regulador da igreja que busca centralizar as atividades executadas pela irmandade.

Esses presidentes possuem em suas mãos o papel de representar a irmandade, sendo também responsável por convocar e abrir as sessões, bem como rubricar contas a pagar, as quais não poderiam ser resolvidas sem seus consentimentos. Ele também assinava os diplomas, designava os irmãos que deveriam constituir a irmandade e recebia também as propostas dos novos sócios.

Observa-se que eles também fiscalizam o tesoureiro e o secretário, examinando-lhes quando parecia conveniente. Apresenta anualmente um relatório retratando tudo que havia ocorrido durante o ano na diocese, sendo que esse relatório deveria estar pronto logo após a festa de São Benedito, no dia seis de janeiro, além de estar acompanhado da prestação de contas da tesouraria. Entende-se, com isso, que o poder do presidente estava centrado na moralidade dos irmãos e na confiança mútua do mesmo.

Outro fator fundamental deste representante era procurar saber se os irmãos viviam a sua vida cristã, velando por seus dogmas perante a igreja católica. Era ele quem autorizava o pagamento do pecúlio de “mortis-causas” à família do irmão falecido. Deste modo, existia, por parte dos representantes, um reconhecimento moral da morte.

Existia uma diferença entre o papel do presidente e do vice- presidente, cada um possuía suas próprias competências. O vice-presidente tem que representar a irmandade na ausência do presidente, tendo também outros compromissos como os apresentados no Art. 21, alíneas b, c e d, respectivamente: “b) é dever do vice-presidente presidir a comissão angariadora de donativos para a festa de São Benedito, C) Fiscalizar as obras da irmandade, d) Visitar os irmãos, quando doentes, em nome da irmandade.”<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.8

<sup>28</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.8.

O vice-presidente detém um grande papel junto aos irmãos, procura gerenciar os bens e estar presente quando os irmãos ficam doentes. Já o secretário tem o compromisso de registrar os expedientes gerais da administração, ficando em sua responsabilidade o livro de ata e os termos, além das correspondências da irmandade, devendo lê-los em todas as sessões, bem como apresentar ao tesoureiro a relação dos novos sócios (Ver os anexos 16, 17, 18, 19).

O tesoureiro tem como principal dever tomar conta das finanças da irmandade, sendo o organizador de todo os bens da mesma, não podendo realizar nenhuma tarefa sequer sem a autorização do presidente.

Art. (24 b) – a obrigação de prestar contas no fim de cada mês e no fim de cada ano, perante a Irmandade, e de fazer o mesmo sempre que tal for solicitado pelo Presidente ou pela Diretoria;

c) – fornecer o dinheiro para as despesas necessárias da Igreja de São Salvador, nos termos da alínea f, do art. 3º destes Estatutos, mediante solicitação do Capelão;

d) – extrair e assinar recibos;

e) – escolher uma pessoa de sua confiança para ser o cobrador da mensalidade dos Irmãos, mediante porcentagem sobre o valor recebido;

f) – ter sob sua guarda os livros da tesouraria;

g) – pagar as contas da Irmandade, mediante autorização do Presidente.<sup>29</sup>

Com essa explicação, demonstro a importância destes cargos dentro da irmandade, cada um abrangendo aspecto diferente dentro dessa instituição. Além disso, tem-se uma estrutura simbólica de que os cargos se valorizam na estrutura normativa da irmandade.

É interessante frisar que o estatuto do século XXI extingue os cargos de mesários na irmandade de São Benedito. Pode-se especular que os mesmos exerciam poder de voto nas decisões postas em votação. O fator da extinção dos mesários possibilita a centralização do poder dos eclesiásticos sobre tal grupo. Também é relevante dizer que o estatuto do século XX pouco descreveu sobre a função e atribuição dos mesmos.

As sessões da referida irmandade são realizadas no segundo domingo de cada mês, à tarde, na igreja de São Salvador. Nessas reuniões eram tratados assuntos de

---

<sup>29</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Cúria Metropolitana. Aracaju. Caixa 10. 1971.p.3.



ordem religiosa, bem como matéria que diz respeito à vida e ao progresso da irmandade de São Benedito (DUARTE, 1971).

O texto acima demonstra que a irmandade ainda hoje busca reunir mensalmente os irmãos a fim de instigá-los a cumprirem os deveres da irmandade de São Benedito e também compartilharem as informações decorrentes do funcionamento dessa instituição.

Outro fator crucial é que, no primeiro domingo de dezembro, existe uma reunião que tem como pauta escolher os novos diretores do grupo. “Art. 29 – A Irmandade reunir-se-á em sessão extraordinária no 1º domingo de dezembro, para tratar da eleição da nova Diretoria. E reunir-se-á extraordinariamente, também sempre que isto for convocado pelo Presidente.”<sup>30</sup>

As sessões são abertas e encerradas com orações, inclusive as devoções a São Benedito; outra característica interessante é que essa reunião pode ser realizada com qualquer número de irmãos presentes. A convocação dos irmãos era divulgada através da imprensa, pelo menos com oito dias de antecedência, tendo no mínimo o número de 40 irmãos. (Art. 32 do estatuto). Entretanto, consegui apenas um anúncio de convocação dos irmãos.

Isso nos dá uma densidade de como estava organizada essa instituição e a influência de seus representantes na construção de sua identidade cultural. Sendo assim, a população buscava, nessa irmandade, seus laços e possíveis identificações com o Santo Preto. Observo que os discursos elaborados pelos eclesiásticos, nos estatutos para a irmandade de São Benedito, tentavam incrementar e difundir a mentalidade conservadora da Igreja centrada em Roma. Deste modo, os representantes chamavam a atenção dos fiéis contra os possíveis males que poderiam afetar sua moralidade perante a igreja. Assim, advertiam àqueles que assistiam às missas na igreja São Salvador contra o protestantismo, a maçonaria e o espiritismo, acusando-os de abalar o poder da Igreja.

Através da constatação da similaridade de conteúdo presente nos estatutos, compreende-se que um dos principais objetivos da realização da reforma foi tornar a Igreja resistente à modernização da sociedade, responsável por uma série de transformações sociais que abalara a autoridade da Igreja, como a secularização do Estado, a liberdade de imprensa, o surgimento dos cartórios, o ensino leigo nas escolas

---

<sup>30</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Cúria Metropolitana. Aracaju. Caixa 10. 1971.p.3.

públicas e o aparecimento de novas instituições que desvinculavam o poder centralizado da Igreja.

Suponho que as primeiras iniciativas de reformas das práticas devocionais da irmandade de São Benedito aparecem no maior controle dos presidentes que, em sua maioria, eram os padres e bispos como destacado neste capítulo. Eles buscavam um maior controle sobre a religiosidade dos leigos, sendo assim, os padres da igreja São Salvador estimulavam e incentivavam os fiéis a praticar os sacramentos da penitência e comunhão. E instigavam os fiéis a fazer parte de outros grupos, como foi o caso da difusão do apostolado da oração no século XX<sup>31</sup>, para desestruturação das irmandades, além de estimularem e centralizarem a promoção das missas na intenção das almas do purgatório, e realizar as obrigações para receberem indulgências na figura da intenção dos padres. Essas atividades serviram para reafirmar o poder da Igreja, como detentores de um poder “verdadeiro”. Nesse sentido, os representantes tentavam ser o elo entre os leigos e Deus, e buscavam estabelecer nesse momento um controle mais rígido sobre o espaço sagrado.

---

<sup>31</sup> No meio urbano no século XX a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, cresce através da associação do Apostolado da Oração incentivado pelos Bispos a partir das diretrizes de Roma. Tornando um catolicismo cada vez mais romanizado. Assim buscaram implantar um novo modelo de Igreja de inspiração tridentina. Além das novas devoções, o episcopado procura promover a doutrina através de catecismos. O episcopado preocupou-se muito mais em trazer os fiéis para dentro da estrutura eclesiástica, do que em colaborar efetivamente na defesa de seus direitos na sociedade. “O catolicismo deslocava-se do leigo para o bispo, da religião familiar para a religião do templo, das rezas para a missa, do terço para os sacramentos. Deste modo, este deslocamento “privilegiou o poder sacerdotal e esvaziou as funções do leigo na vida da Igreja. Passa-se da religião comprometida com o debate político e social da nação para uma religião voltada para o espiritual e para o distanciamento das realidades terrenas”(SOUZA, 2011, p.15).

## **CAPÍTULO III**

### **A FESTA E A MORTE NA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**

Neste capítulo, analiso a festa e a morte na irmandade, pois estes fatores me instigaram a pensar as práticas de sociabilidades e resistências do grupo na atualidade. Deste modo, procuro entender quais são as características marcantes desta confraria religiosa, que tem como objetivos possibilitar uma boa morte e cultuar o seu santo protetor, através das festas organizadas por seus membros.

Durante a pesquisa percebi que os aspectos da morte<sup>32</sup> e da festa, por muito tempo, foram pontos fundamentais nas discussões dentro das irmandades religiosas no Brasil e especificamente em Sergipe. Essas manifestações tinham um caráter de ruptura com relação à vida precária na qual a população vivia, pois rompiam com a ordem social estabelecida.

Esses aspectos confirmam que, na irmandade de São Benedito, em Aracaju, havia toda uma programação anual, que lembrava momentos de euforia e contemplação para os irmãos. Neste sentido, no primeiro momento deste capítulo tentarei identificar como se deram as práticas de sociabilidades e resistências da irmandade a partir da festa de São Benedito. Depois, destaco a festa de São Benedito na cidade de Aracaju a partir de minhas observações de campo, realizadas nos anos de 2013 a 2014. E, por último, descrevo e analiso o aspecto da solidariedade na hora da morte, destaco como se dá o auxílio espiritual e material aos membros e familiares da irmandade, sob a proteção de São Benedito. Neste momento, procuro perceber o sentido da morte para os membros da instituição.

---

<sup>32</sup> Deixo claro que o tema da morte foi um tema pouco revisitado pelos pesquisadores de Sergipe. Os pesquisadores neste espaço privilegiaram a festa com o seu principal objeto de pesquisa.

### 3.1 A FESTA DO PADROEIRO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO

O tema da festa esteve sempre presente na vida dos homens e mulheres ao longo dos séculos, também no tocante à religiosidade. As comemorações religiosas atraíam e atraem muita gente. Alguns pesquisadores entendem tais momentos como algo que quebrava a rotina e integrava a população ao espaço católico (ABREU, 1999; BORGES, 2005; DEL PRIORE, 1999; LUCAS, 2005). Deste modo, as festas “aos santos tiveram um papel fundamental no sistema de conversão da população preta no espaço católico” (BORGES, 2005, p.153). Assim, tais festas, organizadas por essas associações em homenagem aos santos padroeiros, ou outros de devoção, tornaram-se momentos muito significativos da vida da própria cidade (ABREU, 2002, p.247). “Essas festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, nas comemorações externas e nas que eram realizadas dentro das igrejas” (ABREU, 2002, p.247).

Para Borges, “São Benedito foi, no Brasil, entre os santos negros, o mais cultuado pelos escravos, isso talvez tenha a ver com o fato de, na sua biografia, constar ser filho de pais escravos” (BORGES, 2005, p.155). A difusão do seu culto data do início do século XVII, na cidade do Rio de Janeiro, quando lhe atribuíram a cura do filho de uma escrava no convento Santo Antônio. A partir daí, ele foi adotado como santo padroeiro dos negros, principalmente, por parte das irmandades de escravos, nas quais sua devoção se espalhou por todo território brasileiro (BORGES, 2005, p.155).

As irmandades, com as suas procissões e festas, despertam também os aspectos do familiar, do grupal e dos laços de solidariedade (ABREU, 1999; DANTAS, 1972). Não é por acaso que desde o início do século XIX, até a década de 70 do século XX, a irmandade de São Benedito era conhecida como a maior festa preta de Aracaju. De antemão, deixo claro que não é meu objetivo fazer uma discussão do tema a partir da literatura sobre festa. Meu objetivo é trazer à tona as experiências dos membros da irmandade em torno da realização da festa.

Fazendo uma reflexão da transição sobre o século XIX e XX, os motivos das lutas cotidianas das irmandades pouco mudaram com a concretização do fim da escravidão. Os auxílios prestados se perpetuaram em alguns casos até os dias atuais, principalmente, sobre o aspecto da morte, a preocupação com as pessoas necessitadas e a festa ao santo padroeiro. No entanto, novos sentidos sejam acionados, pois a festa se

reinventa com os antigos problemas e os novos que surgem nesse momento, ou seja, tal festa ainda serve para os irmãos como uma ‘válvula de escape’ dos sofrimentos e do julgo do dia a dia.

A festa se apresentava e ainda se apresenta como forma de sociabilidade e resistência da vida dos membros. Nesse momento, fortalecem os laços fraternos, promovem a coesão social, religiosa e cultural. É interessante perceber que não é meramente uma ocasião de bebida, comida, fogos, danças e música, é muito mais que isso. É um espaço de solidariedade, esperança e união em torno do santo.

Como destacaram os Estatutos de 1954, 1971 e 2001, a direção responsável pela irmandade organiza uma caixa responsável para a execução da festa ao seu santo padroeiro no mês de Janeiro para coroação dos Reis e Rainhas da irmandade. Em um relatório de prestação de contas da Festa de São Benedito, de março de 1971, referente à festa do corrente ano, João Batista de Oliveira tesoureiro naquele momento, relata um pouco sobre a festa de São Benedito em Aracaju:

“A tradicional festa de São Benedito foi realizada com muita pompa e brilhantismo, pela sua atual diretoria que não passou sacrifício, para apresentar como apresentou uma belíssima festa, destacando-se na santa missa, solene, o sermão de Frei Marcelino que foi uma peça oratória tocada de amor, “DEUS NÃO FAZ DISTINÇÃO DE PESSOAS”, enchendo o coração dos fiéis de piedade, tocante do amor de São Benedito. À tarde a linda procissão saindo da igreja São Salvador percorreu várias ruas de nossa capital, acompanhada de um carro com alto-falante com um grupo de Bandeirantes da Pio X, entoando hinos sacros e, abrilhantada, pela banda de música do corpo de bombeiros, verdadeira apoteose da fé cristã do povo católico de Aracaju a São Benedito. De retorno, o encerramento da procissão, em frete ao adro da igreja São Salvador após ouvirmos o brilhante sermão do cônego Edgar Brito, que numa linguagem empolgante, reviveu Aracaju do passado, de areias brancas, de lindos coqueirais que se debruçam pelas praias e pelos recantos pitorescos da cidade jardim. Disse, com entusiasmo, da tradição das festas religiosas com as festas típicas regionais, já desaparecidas: A chegança, o Cacumbi, o parafuso, os Reisados, a Taeira, os bailes pastoris e os maracatus. Assim, saudando Aracaju, disse com eloquência das virtudes excelsas de São Benedito que tocado pela fé, pelo amor e pela sua piedade aos pés do altíssimo, alcançou a Graça de Deus na plenitude dos céus” (OLIVEIRA,1971).

Observa-se, no texto acima, o sermão de Frei Marcelino que enfatiza que “Deus não faz Distinção de pessoas”. O que o mesmo queria dizer, quando proferiu tal discurso na missa da festa de São Benedito e que tipo de distinção é colocado pelo representante na época? Pode se especular, por exemplo, a distinção motivada por dois fatores: o primeiro ligado a concepção da cor, e o segundo relacionado à questão social dos irmãos. Tais elementos aparecem como um marcador étnico dos membros da

irmandade. De modo geral, traz o olhar da igreja sobre os participantes daquele espaço, deixando claro que os representantes da instituição percebiam as diferenças que existiam dentro dos templos religiosos. Assim, seu sermão ganha sentido em busca de minimizar as diferenças e conflitos que poderiam existir entre as pessoas que transitam nesse espaço.

Além disso, rememora as festas públicas ligadas à igreja católica em Aracaju. Destaca em sua fala que era constante a presença dos grupos como a chegança, o Cacumbi, o parafuso, os Reisados, a Taeira, os bailes pastoris e os maracatus, que teatralizavam no espaço urbano. Tais grupos sempre estiveram associados à cultuação de São Benedito. Visualizo isso quando olho para literatura sobre irmandades. Nos dias atuais, a irmandade deixou de ter os supracitados grupos, mas convida cada ano da realização da festa um grupo ligado a cultuação de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário da cidade de Laranjeiras. Essas práticas rememoram as celebrações promovidas na época pela Coroa, assim “os rituais e as danças dramáticas, incorporadas aos festejos permitem interpretar as embaixadas e os cortejos de reis e rainhas africanos” (LARA, 2002, p.81).

Em uma prestação de contas referente ao ano de 2012, João Tadeu Palmeira Lessa, o atual presidente e administrador, à época, da irmandade de São Benedito, deixava clara a divisão dos recursos utilizados para a realização da referida festa.

---

**Tabela 8: Despesa da Procissão de 2012**

---

<b>Material</b>	<b>Valor</b>
<b>Flores</b>	R\$ 120
<b>Som</b>	R\$ 120
<b>Santinhos</b>	R\$ 100
<b>Cartazes</b>	R\$ 100

---

**Fonte:** CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU. **Despesa da Procissão de 2012.**

Aqui, aparecem as principais evidências dos gastos efetuados para organização da festa. Conforme documentação encontrada, as flores compradas serviam para

ornamentação da charola<sup>33</sup> de São Benedito. Naquele ano, a compra ficou por conta da Dona Conceição Ludovice, que passaria para a irmã Sara, a responsável pela ornamentação. Para isso, um mês antes da festa, eram divididas as tarefas para organização da solenidade a partir da divulgação na Rádio Cultura, com carro de som e panfletos.

Analiso então o discurso de Duarte sobre a festa:

A festa de São Benedito coincide, sempre, com o Dia da Epifania, e a festa dos Reis Magos. Não sei bem por quê. Talvez por que um dos Magos era preto? Esta festa é a mais popular expressão religiosa de Aracaju. A palavra “popular”, aqui, é tomada para englobar a parte mais humilde, mais desprovida de recursos, mais desamparada da gente de Aracaju. E, sem dúvida, esse grupo humano a que me refiro, apesar da não-segregação racial existente (legalmente) no Brasil, é composto, na grande maioria, das pessoas de cor (DUARTE, 1971, p 60).

Observo, neste relato, o quanto a festa de São Benedito é importante, existe toda uma preocupação dos eclesiásticos com a realização da festividade da irmandade e, também traz à tona, em seu discurso, a importância da camada popular na cultuação do santo preto. Deste modo, percebo que a maioria dos participantes da festa vinham de classes populares, sendo que em sua maioria eram formadas por afro-brasileiros. Assim, fica patente um reconhecimento da Igreja sobre o fato de haver uma divisão racionalizada e popular da fé católica. Neste sentido, o ponto central em seu discurso é a identificação étnica da festa relacionada à comemoração de São Benedito. Naquele momento procurou-se atribuir uma identificação ao grupo sobre a realização de tal prática, além de acionar outra categoria de identificação ao grupo, as denominadas pessoas de cor. Suponho que as pessoas de cor são os pretos e pardos que se identificam com a festa de São Benedito, que era socialmente a população pobre de Aracaju. Mesmo assim, não foi possível identificar se todos que participavam da comemoração pertenciam a essa irmandade.

Dentro dessa explanação, tento olhar para a festa como o principal indício da presença de uma população atuante, que se volta para cultuação de um santo preto, e deposita nele todas as suas angústias, alegrias e devoção.

---

<sup>33</sup> Artefato utilizado para transporte de imagem de santo manualmente ou nos ombros dos fiéis



**Figura 4:** Foto da São Benedito. Foto: João Mouzart

Em relação a imagem da irmandade de São Benedito em Aracaju, saliento que ela é representada nessa iconografia com um hábito preto de irmãos leigos franciscanos, carregando a imagem do menino Jesus. “Há, no entanto, outras representações como é o caso da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, onde a sua imagem é retratada com uma abóbora entre as mãos” (BORGES, 2005, p.156).

Atualmente, a festa de São Benedito se constitui entre as principais práticas da irmandade. Nela, pode-se observar o engajamento dos irmãos para a realização da cultuação deste santo. A preparação da festa na maioria das vezes começa logo após a festa de Reis, no final de janeiro, já com o agendamento na missa de São Benedito para o ano que sucederá. Observei que, nesta organização, seus membros se articulam para conseguirem da administração pública a liberação das principais ruas onde passará o cortejo (Ver anexo 20). Dessa forma, a presença dos agentes de trânsito nesse momento se torna crucial para a realização da mesma. Outra preocupação apresentada como pauta foi o aspecto da caridade para pessoas humildes desta cidade, assim, o grupo pensa na arrecadação de cestas básicas para entregar aos mais necessitados no dia da missa a São Benedito, ou seja, a beneficência é uma das características da festa.

Segundo Reginaldo (2005), as festas organizadas por essas associações não se



resumiam aos atos litúrgicos, mas em ocasiões para manifestações de alegrias menos contidas e solenes. Essa comemoração ocorria fora do âmbito da igreja, as atividades executadas eram com música, danças e comilanças, porém, elas dificilmente são mencionadas nos registros oficiais das irmandades. Durante os festejos do santo de devoção, os devotos pretos tocavam seus instrumentos, cantavam e dançavam a seu modo, e com muita alegria.

Fazendo um paralelo do que é descrito pela autora, percebo que, na Aracaju do século XX e XXI, temos uma continuação e semelhança no tocante à irmandade de São Benedito. Há uma preservação dos atos da festividade. De fato, a festa religiosa ocorria em razão de comemorações alusivas ao padroeiro da irmandade. Exigia-se, de seus membros, investimentos a ponto de sacrificar o cumprimento de outras obrigações.

Observo que no nordeste o ciclo religioso é composto de grandes representações que aparecem sempre carregadas de aspectos lúdicos, teatrais e alegóricos, enfatizados pela espontaneidade do popular na formação cultural e histórica de um povo. Isso nos mostra o quanto a irmandade é carregada de simbologias e significados; e que a festa de São Benedito de Aracaju traz aspectos cruciais identificadores da sua população. Destaca que a maioria das irmandades de São Benedito comemoram suas festas no Dia de Reis.

Souza (2002) chama a atenção para o fato de que não são todos os compromissos de Irmandade de homens pretos que fazem eleições de reis e rainhas e que, apesar da maioria dos aspectos da festa não estarem regulamentados nos compromissos, a coroação não fazia parte do conjunto de atividades não plenamente aceitas pelas autoridades eclesiásticas, mas toleradas nas comemorações religiosas.

As ideias apontadas pela autora ajudam a entender que na cidade de Aracaju também não era diferente, pois, apesar de não estarem regulamentados nos compromissos, os irmãos acabavam introduzindo suas crenças e manifestações culturais dentro do que era proposto pela mãe Igreja. Então, observo que, para o povo, as festas eram expressões importantes na sua vida cotidiana, pois contribuíam para afirmar sua identidade religiosa e cultural preta. A festa constituía o espaço de resistência de manutenção de suas crenças.

Seguindo a narrativa de Andrade (2008), a festa de São Benedito era comemorada no Dia de Reis e a igreja convidava os membros da irmandade e todas as associações a participarem dos festejos ao santo considerado protetor dos pobres. Pela

manhã era realizada a missa solene com pregação do evangelho e à tarde, por volta das 15 horas, iniciava-se a procissão pelas ruas enfeitadas pelos próprios moradores.

Como retratou Dona Tereza:

A festa iniciava-se com a missa celebrada por 1 ou 4 párocos; assim, ocorria a coroação do Rei e da Rainha. Após a missa e a coroação saía-se em cortejo, e ao longo do trajeto, dançava-se, bebia-se, batucava-se, tudo em louvor ao Santo e ao Rei e Rainha recém-empossados. A festa terminava em frente à igreja, onde se continuavam às comemorações (TEREZA, 2013).

A entrevista de dona Tereza Cristina rememora as práticas ligadas à história da população afro-brasileira. Destaca em sua fala a ideia de coroação e cortejo que sempre esteve relacionado aos elementos das festas de preto, iniciadas no período Colonial e Imperial do Brasil, chegando até os dias atuais. Por último, investigo a concepção de batuque, expressão destinada à produção de música nas festas. Tal expressão foi fortemente repreendida no período Imperial e na República<sup>34</sup>. Constatei que a coroação, o cortejo e os batuques sobrevivem enquanto elementos de identificação da festa na irmandade de pretos.

Fazer parte da festa era fundamental, pois essa comemoração tinha o caráter de envolver os participantes dentro da sociedade aracajuana, para que a população experimentasse a condição transgredida à ordem e aos preceitos difundidos pelo Estado e pela Igreja. A festa é representada pelos irmãos como um momento de devoção ao Santo Benedito. Nesses espaços, eles encontram amigos e parentes, entre outros, que se utilizam das músicas e das danças para homenagear o seu santo protetor. Essas comemorações permitem que a celebração possua um caráter coletivo, representado por um e por outro, possuindo significados comuns a serem celebrados.

A festa e a procissão de São Benedito seriam um viés muito rico para considerações sociológicas e profundas que não cabem aqui. Lembro só que, durante o trajeto triunfante do santo humilde pelas ruas da capital, muitos irmãos nossos de pele escura experimentaram muito mais uma espécie de desrealização, que de caráter de participação coletiva. Ali vai o Santo Preto fechando o glorioso festejo; enquanto vão a sua frente, como uma guarda de honra, abrindo a marcha, aos outros Santos brancos. Eu mesmo ouvi certa vez uma observação de um cidadão preto que ia junto à imagem de São Benedito “ele hoje é o rei” (DUARTE, 1971, p. 62).

---

<sup>34</sup> Ver as pesquisa que sobre Batuque: BRAGA, Reginaldo Gil. **Batuque Jêje-Ijexá em Porto Alegre**. A música no Culto aos Orixás. Porto Alegre: FumProarte, Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 1998. CORREA, Norton. **O batuque gaúcho**. História Viva. Cultos Afro. Porto Alegre, 2007. p. 56-57. OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de. **Entre panelas e batuques**: arqueologia da diáspora e gênero no sítio da Palha. Sergipe: Laranjeiras, 2012. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe

No trecho acima, o Bispo Dom Luciano classifica São Benedito como o santo humilde e o associa aos irmãos de pele escura de Aracaju. É interessante observar em sua fala a posição que o mesmo ocupa em relação aos outros santos que participavam da procissão. Os santos brancos na frente e o santo preto no fundo. Qual era a lógica para a organização dessa procissão? Por que o santo preto vinha fechado à procissão? Isso pode estar relacionado pelo grupo que acompanha tais santos?

Suponho que a cor seja um elemento expressivo da organização da procissão, articulado com a questão social dos irmãos e participantes que a acompanhavam. Não é por acaso que o bispo destaca a fronteira entre os santos brancos e pretos. Assim, torna-se fundamental perceber a reflexão tecida pelo bispo sobre a festa, ao relatar que esse momento é rico para fazer diferentes considerações sociológicas. Chego à conclusão que a procissão se constitui como um espaço de disputas e conflitos, nos quais os grupos reafirmam suas diferenças, sendo elas religiosas e sociais.

O compromisso de São Benedito, datado de 1865, estabelece no seguinte artigo: “Art.3º - a) fazer solenemente a festa de seu padroeiro”<sup>35</sup>

Esse artigo nos ajuda a entender o quanto a festa é importante para manutenção da existência étnica, religiosa e social da irmandade. Então, organizar essa celebração era mostrar a todos da sociedade aracajuana a sua forma de ser e viver. De tal modo, retorno a Del Priore (1999, p.32) para mostrar que a alegria da festa ajuda as populações a suportarem o trabalho, o perigo e a exploração. No entanto, reafirma, igualmente, locus de solidariedade ou permitem aos indivíduos marcarem suas especialidades e diferenças. Com isso, ela nos revela o quanto a festa é fundamental para esta organização enquanto grupo e, por isso, esta comemoração festiva esteve sempre presente no compromisso da irmandade.

---

<sup>35</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.3.

### **3.2“ELE HOJE É O REI”: ENTRANDO NA FESTA**

A partir de minhas observações de campo nas festas de 2013 e 2014, constatee alguns discursos lançados acerca da festa da irmandade de São Benedito. A primeira, mostra que durante muito tempo a festa de Reis foi a maior expressão católica de vários homens e mulheres de pele escura de Aracaju. Relacionando este discurso com o campo, observei que, ao longo do século, esta comemoração vem passando pelo processo de esvaziamento e de invisibilidade dentro do cenário urbano da cidade em questão.

No transcurso dos anos, o dia 06 de janeiro, tem sido sempre salientado no calendário festivo da cidade de Aracaju, publicado pelos presidentes em exercício. Aí se celebra a festa do ‘santo preto’, cultuado pelos membros da irmandade e pelos moradores do trajeto da festa. Nesse cenário festivo se apresentam espetaculares manifestações externas da fé expressas no empolgante culto ao santo e nas grandes procissões que, ao longo dos séculos, passou pelo processo de transformação das suas práticas comemorativas.



O trajeto da festa da irmandade, como destacado no mapa acima, teve seu ponto inicial na Igreja São Salvador na Rua Laranjeiras. Tem por coordenada Sul 10° 54'41.66" e Oeste 37° 03'56.93". Logo após, os irmãos perpassam pelas Ruas: Itabaiana, Divina Pastora, que dá acesso ao terminal da Rodoviária Velha, adentraram a Rua Capela, perpassando toda a Rua em questão que dá acesso ao fundo da Catedral metropolitana de Aracaju - a Igreja Nossa Senhora da Conceição. Passaram pela Rua Maruim, até chegar a Rua Capela em sentido a Igreja São Salvador que foi o ponto final da Festa.

Em Aracaju, antes da efetivação da festa, ocorre uma reunião extraordinária com o corpo diretório da irmandade que tem a preocupação com a realização da solenidade. Que traçam a divulgação do evento nos programas de rádio, revistas, blog e cartazes (Ver Anexo 21). Também identifiquei a produção de lembranças para serem entregues aos fiéis, como a produção de calendário e santinhos com a imagem e oração a São Benedito. Eles pensam na organização da missa, que vai desde a escolha dos leitores (da primeira leitura e da segunda, do salmo, das preces e de um comentarista para conduzir a missa), até a definição do coral (que também é outra peça fundamental para realização deste ato), passando pela escolha dos participantes do ofertório<sup>36</sup> (que levam os objetos litúrgicos da entrada da igreja até o altar para o pároco, além de levar os objetos da irmandade para serem entregues neste momento) e finalizando com a escolha dos grupos folclóricos para entrar no espaço da igreja, rememorando a partir da música e da dança o culto a São Benedito. Logo após a diretoria prepara um ofício para a liberação das ruas onde será realizado o cortejo de São Benedito. Neste caso, a festa organizada pela irmandade de São Benedito, torna-se um dos momentos mais significativos da vida da própria cidade. Tal festa, em homenagem ao santo desta comunidade, apresenta uma estrutura e uma sequência no roteiro do festejo a seguir.

---

<sup>36</sup> Rito da missa com o caráter de entregar e doação.



**Figura 5:** Cartaz da Festa de São Benedito. Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana

Como se pode perceber, para realização da festa é fundamental preparar uma logística de produção: as compras para irmandade, o comércio, a mão de obra dos irmãos para a decoração do andor<sup>37</sup>, a preparação de pessoas responsáveis pelos fogos e o engajamento dos irmãos na seleção das músicas para conduzir o momento da procissão, além dos utensílios comerciais ligados ao sagrado por parte de vendedores externos, vendendo réplicas do santo, chaveiros, velas, terços e comidas.

Um dia antes, todos os membros da irmandade se reúnem em torno da ornamentação da charola para o santo, Sendo alguns irmãos responsáveis pela condução desse momento. Depois de tudo isso, sinaliza-se o começo da festividade. No outro dia inicia-se a inauguração da celebração maior em volta do andor, colocam-se flores, preparando para colocar o São Benedito, com o intuito de deixar mais pomposo o ato de sua coroação no ritual da missa.

---

<sup>37</sup> O andor tem o mesmo significado de Charola. Designar o artefato de transportar a imagem de um santo em procissão.



**Figura 06:** Charola de São Benedito. Foto: João Mouzart

A homenagem a São Benedito ocorre no primeiro domingo, dia 06 de janeiro, o Dia de Reis, quando é comemorado em vários municípios sergipanos, através de missas, procissões, cortejos de grupos folclóricos e grandes festas, em homenagem a São Benedito. Verifiquei na festa de 2013, logo pela manhã, vários anúncios na televisão sobre estas comemorações nas cidades de Japaratuba, Carmópolis, Ribeirópolis, Laranjeiras, São Domingos e Pirambu. Em relação à festa de Reis de Aracaju, percebi que existe pouca visibilidade na mídia, se comparada com as outras festas de Reis dos outros municípios sergipanos. A festa tem um caráter mais restrito aos fiéis do santo e irmãos em Aracaju.





**Figura07:** Feira exposta próximo à festa de Reis. Foto: João Mouzart

Em 2013, no dia da festa, a cidade de Aracaju amanheceu nublada, saí às 05h00 do Bairro Coroa do Meio em direção à igreja São Salvador para a festa de Reis desta capital. Ao chegar, comecei a pensar sobre o uso deste espaço pela irmandade ao longo do tempo. Quando cheguei à Rua Laranjeiras, ainda não se encontrava ninguém. A Rua estava vazia, apenas eu e uma amiga. Logo após, por volta das 06h05, chegaram os primeiros representantes para abrir a igreja São Salvador. Ao longo do dia, os fiéis chegavam para participar da celebração antes da procissão.

Quando comecei a procurar os festeiros e suas famílias para perguntar se sabiam de algo relativo aos outros participantes da irmandade, vi-me diante da situação de silenciamento de alguns e do incômodo de outros diante de tais indagações. Alguns achavam que por eu estar com uma máquina e um gravador, poderia ser repórter. Assim, ficavam com certo receio de falar comigo. Num primeiro momento, negavam-se conhecer outros irmãos. Tentei conversar com a senhora Carla, que foi bem simpática, mas ao falar inicialmente com ela perguntei se fazia parte da irmandade, ela toda tímida disse: “não faço parte e não conheço caro jornalista” (CARLA, 2013). Continuei conversado com ela, disse que não era jornalista, mas sim estudante que pesquisava sobre a irmandade de São Benedito. Assim, vi que aos poucos ficou mais relaxada na conversa.

A entrevistada explanou,

Conheço algumas pessoas com quem tive contato ao longo do tempo que vem à igreja São Salvador. Lembro-me de Dona Tereza, Priscila, Valéria, Dona Zica da Rua do Bode, no Bairro industrial, Dona Marieta do Aribé, lá no Siqueira, Dadá e João Batista. Hoje nem sei quem faz parte mais, mudou tudo. Só sei que não falto à festa todos os anos (CARLA, 2013).

Perguntei se ela se lembrava de outras festas de São Benedito:

Lembro-me de uma festa onde participei com minha mãe, ela era da irmandade. Ela fingia chorar na frente da procissão, com mais umas 10 mulheres, não entendia, mas lembro. Essas mulheres eram chamadas “as mulheres de frente de São Benedito”. Dançavam, choravam e cantavam, com os Reis e Rainhas. Além disso, era tão grande essa festa, pois tinha outras procissões que saíam da igreja São Salvador, no mesmo momento. Minha mãe morreu e deixei de pagar a irmandade, hoje sou do apostolado da oração (CARLA, 2013).

A conversa foi interrompida por causa dos fogos, que soltaram antes de iniciar a missa, logo o diálogo ganhou outros rumos e ela começou a falar que tinha esquecido as velas para colocar para o santo e que viria naquela semana em outra missa, acendê-las. Mas as informações dela trouxeram à tona outras experiências ligadas às práticas da irmandade em questão.

Observei que, conforme passavam as horas, aumentavam os fiéis dentro do templo. Aos poucos, as pessoas entravam e começavam a fazer suas orações; ao lado direito da igreja São Salvador tinha um altar lateral com uma grande iluminação de copinhos de velas colocados para outros santos. Pessoas que se encontravam com amigos, algumas sentadas e outras em pé. O espaço da igreja não deu para acomodar a quantidade de pessoas que foram à missa promovida pela irmandade. Ainda antes de iniciar a celebração começaram a rezar um terço para São Benedito, puxado por diferentes grupos da igreja São Salvador.

No espaço interno visualizava-se o preparo do espaço pelos irmãos para a realização da missa. Pessoas ficavam na frente da igreja recepcionando os fiéis que chegavam. A todos era entregue o folheto da missa e a folha de cântico, preparados para o festejo. Ainda na frente da igreja encontravam-se três mulheres pedindo esmolas em clemência ao santo protetor. Observei que estas mulheres, todos os dias da semana, encontram-se na frente da referida igreja. Assim, a clemência a São Benedito contagiava a todos que se encontravam naquele espaço.

Em seguida, visualizava pessoas correndo de um lado para o outro, para concretização do início da festividade. Deste modo, a festa iniciava com a celebração da missa, quando assim visualizei na prática o processo de socialização entre os irmãos com a comunidade. A zeladora da irmandade, juntamente com o presidente do referido grupo, faziam cordialmente a recepção de todos dentro do templo. Em seguida, iniciou-se a celebração da missa com a entrada de São Benedito, todo adornado<sup>38</sup>. Logo após, entrou o padre pedindo para que todos clamassem pelo santo em questão.

No desenrolar da celebração, escutei duas senhoras falando: “ainda hoje tem muitos pretos na festa”. Fiquei refletindo sobre este aspecto levantado pela senhora, mas não tive tempo de perguntar a ela o porquê desta observação. Esta observação mexeu comigo de tal modo que comecei a observar a todos que se encontravam naquele templo, inclusive a minha presença enquanto um homem negro dentro daquele espaço.

A missa continuou. Na hora do ofertório entraram alguns membros da irmandade e o grupo folclórico Bom Jesus dos Navegantes, da cidade de Laranjeiras, que viera prestigiar a festa, dançando e cantando a São Benedito. O grupo em questão era composto por dançarinas que vinham entrando com uvas, pão e objetos litúrgicos (cálíce<sup>39</sup>, galheteiras<sup>40</sup> e ostensórios<sup>41</sup>).

Com relação ao ofertório, observei que naquele momento o grupo folclórico rememorou as práticas do padroado. Para este ritual, as guardas, em cortejos, buscam os reis e as rainhas que levaram o manto e a coroa de São Benedito, conduzindo-os em procissão ao ofertório<sup>42</sup>, em direção ao altar do ‘rei preto’.

A música torna-se o elemento de conexão do cortejo, não podendo ser interrompida durante o percurso em que se conduzem tais objetos. A coroação ao santo constitui o momento de muita importância e de grande emoção. Todos os participantes se levantam para ver o ato de coroar e o grupo folclórico, a dançar no altar, realimenta a ideia de força divina. Depois disso, os fogos de artifícios tornam-se o grande elemento de anúncio deste grande momento. Nesta ocasião, os irmãos colocam no altar, em forma de doação, alimentos destinados aos necessitados. O que está ligado a fama de São Benedito realizar milagres, ele é sempre visto como aquele que diminui a fome e cura as

---

<sup>38</sup> Adorno está relacionado aos enfeites.

<sup>39</sup> É um objeto litúrgico utilizado para a consagração do vinho no ato da missa

<sup>40</sup> Recipientes onde se coloca a água e o vinho para serem usados na Celebração Eucarística

<sup>41</sup> Objeto utilizado para expor o Santíssimo, ou para levá-lo em procissão.

<sup>42</sup> Ato litúrgico da celebração da missa que são apresentados as oferendas materiais e são colocados os objetos litúrgicos no altar.

doenças dos oprimidos.

Percebo que a irmandade em questão ainda rememora uma prática ligada a uma verdadeira corte imperial, guardando alguns dos principais símbolos litúrgicos da festa portuguesa: as folias, a coroação, as comemorações profanas junto aos atos religiosos, a fartura de alimentos dados, vendidos ou entregues no altar e uma preocupação com as pessoas humildes da cidade.

Após o ato de comunhão, o grupo folclórico fez homenagens a São Benedito, dentro do espaço, com músicos e dançarinas. Dançaram em torno do Santo e em cima do altar da igreja, tornando visível a todos.



**Figura 08-** Dança ao redor do São Benedito na igreja São Salvador. Foto: João Mouzart



**Figura 09-** Grupo folclórico Bom Jesus dos Navegantes de Laranjeiras louvando a São Benedito na igreja São Salvador. Foto: João Mouzart

A maioria dos participantes da missa tiravam fotos e aplaudiam de pé a ação do grupo. Em seguida ao término da dança, todos repetiram as palavras proferidas pelo padre Diógenes: “Salve a São Benedito”, “Salve ao Santo Rei”, “Viva a este Santo”.



**Figura10-** Foto do cortejo reverenciado São Benedito no altar da Igreja São Salvador Foto: João Mouzart



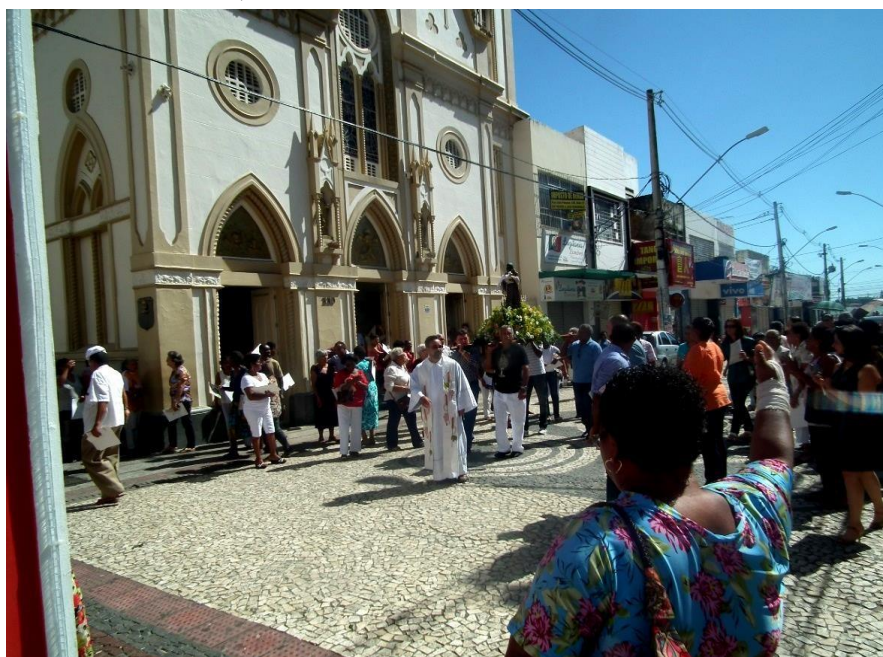
Após o final da missa, realizaram a oração a São Benedito:

“Glorioso São Benedito, grande Confessor da fé, com toda confiança venho implora vossa valiosa proteção. Vós, a quem Deus enriqueceu com os dons celestes, impetrai-me as graças que ardentemente desejo, para maior glória de Deus. Confortai o meu coração nos desalentos! Fortificai minha vontade para cumprir bem os meus deveres! Sede o meu companheiro nas horas de solidão e desconforto! Assisti-me e guiai-me na vida e na hora da minha morte, para que eu possa bendizer a Deus nesse mundo e gozá-lo na eternidade. Com Jesus Cristo, a quem tanto amastes. Assim seja”.

E depois, saiu o cortejo pelas ruas da cidade em louvor ao santo, com músicas e danças. A população acompanhava o cortejo com muita alegria. Como Falou Francisca, “os risos, a alegria e a partilha são fatores fundamentais na festa de reis” (FRANCISCA, 2013).

A partir do discurso de Francisca, percebo que o tripé, riso, alegria e partilha são características fundamentais para entender o momento da festa. Tais elementos são colocados em jogo em suas ocasiões de sociabilidade e solidariedade em torno do grupo.

A procissão é composta na primeira ala pelos representantes da diretoria da irmandade, que vão abrindo o cortejo. No início vem a bandeira da irmandade, e em seguida vem atrás o grupo folclórico abrindo a ala antes do santo. Depois, vem São Benedito e sua charola carregada por quatro irmãos. Logo após, vêm os fiéis em louvor, promessa e adoração. A procissão aos sons das caixas acordam os moradores que vão à janela para ver a procissão passar. A reação dos moradores, que viam naquele momento a festa, era de curiosidade.



**Figura 11-** Início da procissão de São Benedito. Foto: João Mouzart



**Figura12-** Cortejo da procissão a São Benedito na Rua Laranjeiras. Foto: João Mouzart



**Figura13-** Grupo folclórico de Laranjeiras louvando a São Benedito nas ruas do centro de Aracaju. Foto: João Mouzart

Aos poucos, a irmandade foi ocupando a Rua Laranjeiras que, a partir de sua devoção, ressignificava o espaço comercial. Desta forma, as pessoas vivenciavam a festa, como é o caso do Reisado<sup>43</sup> de Bom Jesus dos Navegantes, que abria o cortejo do Santo ao som dos fogos. Este grupo rememora a coroação dos Reis na Festa de São Benedito, e recriam a tradição da coroação dentro das irmandades religiosas.

Os fogos são fundamentais dentro do espaço da festa, eles fazem parte do momento da grande atração dos membros e da sociedade aracajuana envolvida. Como relatou Verônica: Ao lembrar tal festa no século XX: “É no embalo dos fogos e da música que o grupo folclórico se diverte em torno da procissão de São Benedito”.

Ela continuou:

O Batuque me faz requebrar ao ritmo religioso, ao ritmo de São Benedito que venha o barulho dos músicos nesse ar livre”. Gosto da chamada rabada é lá que desfilo, longe do meu querido padre. Lá pega fogo!(VERÔNICA,2013).

É interessante salientar na fala de verônica duas expressões: batuque e rabada. Tais termos são interessantes para pensar os elementos culturais de resistência presentes na festa de São Benedito e o lugar dos irmãos na festa. O primeiro termo torna-se significativo para o grupo para referir-se ao lúdico na festa. O segundo elemento possibilita entender que no fundo da procissão os irmãos se sentiam mais à vontade para realizar suas danças e brincadeiras na festa. Por isso, que o riso e a alegria são elementos daquele momento.

Também eles percorrem as ruas da cidade sonorizando sua presença nessas manhãs com os cantos e ritmos “antigos”. Ao retornarem, é distribuído lanche para os membros e para o grupo folclórico convidado.

Com isso, verifiquei que, para a realização da festa, é necessário o engajamento de todos os envolvidos para concretização da tal esperada organização, que articula desde a liberação das ruas na prefeitura, ou seja, a preocupação com o espaço é uma constante.

Em relação à festa, Carla diz:

A festa para mim é um ambiente familiar, é o ambiente de rememorar a liberdade à luta a vida. A festa é o momento da religiosidade católica em nós. Saudamos a todos a partir da música e da dança, é o nosso momento [...] Não posso esquecer-me dos grupos folclóricos, assim, gosto do colorido das roupas, dos chapéus, todos se deslocam dançando em fileiras (CARLA, 2013).

Os discursos proferidos pela entrevistada possibilitam verificar o reconhecimento da festa pelo grupo. Nesse momento festivo, é partilhado e comungado por todos um sentido

---

<sup>43</sup> O Reisado ou Folia de Reis é uma dança popular profano-religiosa, de origem portuguesa instalou-se em Sergipe no período colonial. Corresponde ao ciclo natalino de 24 de dezembro a 6 de janeiro onde se comemora a coroação dos Santos negros, principalmente São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.



em comum de espaço familiar, e não só isso, pois trata-se de uma ocasião na qual se rememora a ideia de liberdade diante do culto, por isso que a entrevistada destaca que a festa é o momento dos mesmos. Além de se identificar o colorido do grupo folclórico como características das festas de homens pretos, tais elementos destacados são referências étnicas de reconhecimento do grupo.

Nota-se o engajamento dos irmãos para a realização da festa de São Benedito no espaço da igreja São Salvador, perpassando as principais ruas de Aracaju. Deste modo, as conjunturas de sobrevivência da festa pressupõem um processo sempre renovado e inventado de ‘dominação’ que os mantinha despojados, estando ligada à renovação de suas táticas de sobrevivência que determinavam o ritmo do processo de ressignificação do espaço em questão. Neste sentido, dá para perceber como são construídos seus espaços de sociabilidades nesta cidade.

A mobilidade no espaço urbano é característica essencial de sobrevivência, a contínua mudança espacial do roteiro da festa, a par da contínua transformação ou improvisação dos costumes, inclusive a transitoriedade da organização familiar dos novos membros da irmandade. Ao mesmo tempo, são empurrados pela necessidade e pelo recurso de resistência ao controle social dos religiosos e das autoridades policiais.

A festa de São Benedito torna-se uma das práticas que, ao longo do tempo, conseguiu resistir, mesmo com todo o processo de romanização que passou o espaço religioso católico de Aracaju. Suas práticas festivas são elementos cruciais para o processo de socialização da irmandade no presente.

### **3.3 O SENTIDO DA MORTE NA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**

As irmandades são uma dessas organizações que se preocuparam com uma boa morte dos seus participantes, assim, desde séculos passados serviram para o reconhecimento dos lugares sociais de cada um no seio da sua comunidade e eram locais para o exercício de uma série de prerrogativas, inclusive o direito de se desfrutar de um funeral digno como chamou atenção Furtado (2001).

Tais preocupações com o ‘bem morrer’ faziam parte das pautas de diversas irmandades, sejam elas: brancas, pardas e pretas. Deste modo, a assistência à morte parece ter se tornado uma das principais justificativas para a grande adesão dos negros a estas associações, uma vez que a formação destas são comumente associadas à obrigação de assistir seus mortos com funerais dignos (PAGOTO,2004; REIS,1996). Assim, uma parte importante da vida das irmandades estava relacionada a consagração e aos cuidados a

ter com os mortos, por falecimento de qualquer dos irmãos (BORGES, 2005). Para a mesma, o sacristão ficava encarregado de anunciar a morte pelo toque fúnebre dos sinos da igreja, percorrendo as principais ruas com a campainha e uma cruz na mão, sinal que o morto era irmão (BORGES, 2005, p.165).

Segundo Reis (1991), no século XIX a morte foi tomando novas formas e novos sentidos, estimulando a preocupação com uma boa morte. As concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, a maneira como se esperava a morte, o local da sepultura, o destino da alma, e a relação entre vivos e mortos eram todas questões sobre as quais muito se pensava, falava, e escrevia; e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos, movimentavam-se devoções e negócios.

Para Reis (1991), o surgimento dos cemitérios está ligado a diferentes motivos de acordo com os séculos em que os mesmos surgiram, atendendo, assim, às demandas culturais da época. No século XIX, por exemplo, inicialmente, a sociedade se recusava a aceitar a construção dos cemitérios, contudo, estes surgem como forma de organização da morte, enaltecendo uma nova forma de pensar a morte, aumentando o apego em relação a tudo que lembrasse seus mortos, daí a preocupação em construir, delimitar e ornamentar os cemitérios (DILLMANN, 2013). Neste contexto, Aracaju passa por um processo de higienização, principalmente por medidas que visavam a controlar epidemias, contribuindo, assim, para fortalecer o surgimento dos cemitérios nesse espaço. A postura em relação aos mortos se modifica, uma vez que a população teria que se separar de seus entes, pois os mesmos ficariam mais afastados, descansando agora em cemitérios<sup>44</sup> (OLIVEIRA & CALLIAN, 2005).

Deste modo, foi necessário incorporar dentro dos estatutos as novas alterações e preocupações ligada a ideia de boa morte, já que durante muito tempo a morte foi uma constante dentro da pauta de discussão das irmandades. No século XIX, a irmandade cria todo um mecanismo para auxiliar os irmãos que não detinham recursos para gerir os rituais fúnebres de seus familiares, pois a morte sempre foi algo muito caro em todas as sociedades, inclusive nos dias atuais.

Na hora da morte, os irmãos das irmandades poderiam ter uma cerimônia de âmbito particular, com os familiares e amigos, e pública, com a presença da irmandade no

---

<sup>44</sup> Essas modificações não foram aceitas ao mesmo tempo em todas as regiões brasileiras, tendo em vista que as suas particularidades (condições econômicas, culturais, sociais) contribuíram para que fossem aceitas ou não. Inicialmente, como na Europa a construção de cemitérios não foi aceita, em Salvador aconteceram sucessivas revoltas, já em São Paulo e no Rio de Janeiro eram notáveis cemitérios com características similares aos da Europa, com construções que enalteciam as condições sociais e principalmente a crença cristã dos mortos.

cortejo (REIS, 1997). Assim, a organização ficava por conta dos seus familiares, amparados pelos membros da irmandade que ofereciam as cabíveis assistências nesse momento. Tais “grupos procuravam garantir as condições para que os membros falecidos tivessem um excelente “bem morrer” (AGUIAR, 1993, p.225).

O momento da morte era precedido por todo um ritual que ia para além dos sacramentos litúrgicos para marcar passagem do ente querido, assim a preocupação ia desde a organização do cortejo, da escolha da mortalha, do ato da celebração da missa até a definição da sepultura (REIS, 1997; PAGOTO, 2004). A pompa podia faltar durante a vida, mas era essencial no último momento da existência. A cerimônia do morto contava com certas convenções que deveriam ser expressa solenemente. As irmandades eram detentoras dos aparatos e do saber necessário para uma cerimônia devidamente pomposa. Elas zelavam para que, na morte de um associado, os irmãos saíssem “em pompa” e “em corpo de comunidade” com muita compostura.

Neste sentido, a irmandade de São Benedito, durante o século XX, criou todo um mecanismo de auxílio. Deste modo, uma boa morte dependia da solidariedade dos vivos ou do contrato estabelecido entre a irmandade e os irmãos que em vida buscavam cumprir o pagamento que era estabelecido pela instituição católica. Assim, a morte de um membro da irmandade mobilizava toda a comunidade religiosa em torno de seu cortejo fúnebre.

### **3.3.1A MORTE NA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO NO SÉCULO XX**

Ainda no século XIX na cidade de Aracaju, especificamente, na Rua Laranjeiras, na Igreja São Salvador, os enterros eram feitos dentro e fora do referido templo, tal forma de sepultamento ainda era a única conhecida e obrigatória aos aracajuanos católicos. É tanto que, ao lado da referida igreja, tinha-se um cemitério “em solo sagrado”. Alimentado com a ideia que tal alma estaria protegida se estivesse dentro desse espaço. Nesse mesmo século, começa uma alteração no espaço público das igrejas ligadas as medidas higienistas do final do oitocentista, que proibiram o enterramento no espaço das igrejas<sup>45</sup> (PAGOTO,

---

<sup>45</sup> Em busca de ambientes salubres e de medidas que prevenissem o contágio dessas doenças, médicos e sanitaristas apoiavam a construção de cemitérios, para que assim, os males ficassem restritos a apenas um local e não mais tão próximos da população, esta que por sua vez, temia cada vez mais as constantes epidemias, portanto, devido a essa situação, brasileiros precisavam desapegar de seus mortos e apoiar a construção de cemitérios, que serviam em sua ideia principal como forma de prevenção de epidemias, porém, a distinção de poder se faz presente quando os mesmos começam a serem ocupados e até mesmo construídos, no momento em que se constroem cemitérios para pretos, pobres e escravos e cemitérios para ricos

2004; NASCIMENTO, 2006; REIS, 1996). Com essa proibição, surge o cemitério São Benedito, que é mantido pela irmandade, voltado para negros e escravos. Sua construção se deu através de recursos obtidos pelas irmandades<sup>46</sup> dedicadas às pessoas mais humildes, e o Santa Isabel, ligado à população branca e rica dessa cidade, ligado a associação Beneficente de Aracaju.<sup>47</sup> O cemitério São Benedito localiza-se na Praça Princesa Izabel no Bairro industrial.



**Figura 14:** Entrada do cemitério São Benedito de Aracaju. Foto: João Mouzart



**Figura 15:** Fachada da entrada do cemitério São Benedito. Foto: João Mouzart

---

e brancos, essas construções colaboram para a diferenciação social na morte (CHAVES, 2011; DILLMANN, 2013, REIS, 1997).

<sup>46</sup> O Testamento de Pedro Homem dos Santos deixa claro a doação feita pelo mesmo para a construção do cemitério de São Benedito em Aracaju e para obra da capela do Santíssimo Sacramento da Matriz Conceição da capital. Ver SANTOS, Pedro Homem dos. **Construção do Cemitério São Benedito**. Arquivo do Judiciário. Livro de testamento. Cx 01/2143. Aracaju, 1887

<sup>47</sup> Ver: CARVALHO, Fernando Lins de. **Vizinhos, sim; enterros à parte. Os Cemitérios Santa Isabel e São Benedito. Aracaju, SE (1862-1933)**. Dissertação. (Mestrado) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

Chamo atenção que as construções dos cemitérios acabaram mudando o modo de se pensar a cidade, eles são espaços de significados, tornando-se referência espacial de um determinado lugar. Seguindo as ideias de Pagoto (2004), “os cemitérios a céu aberto, longe do seio dos vivos, tornou-se, nesse momento, sinal de progresso e de higienização, considerado um equipamento urbano necessário nas cidades mais desenvolvidas e modernas” (PAGOTO, 2004, p. 106).

No século XX, a morte ganha outros significados através dos avanços da modernidade, de tal modo, os cemitérios são construídos dentro das cidades e essas organizações, que se preocupavam com a morte, criam também seus próprios cemitérios. Este é o caso da irmandade de São Benedito, que também vai se preocupar com a morte dos seus irmãos. Contudo, o ato de enterrar os mortos era colocado na mesma condição de caridade que outras atividades realizadas pelas irmandades, como o ato de alimentar os necessitados, acolherem os peregrinos, visitar os doentes e os encarcerados (ARIÈS, 1989).

Essas transformações possibilitam criar algumas indagações: Como a população viu essa nova medida de sepultar seus entes? Quais preocupações surgiram no momento da criação do cemitério São Benedito? O que acharam do distanciamento dos enterros dos seus membros? Quais garantias tiveram que os corpos dos seus entes receberiam um tratamento digno? O que denunciaram nesses primeiros momentos? Como se deu a relação entre os enterramentos novos e tradicionais? Contudo, não foi possível explorar tais indagações. Em resposta, a partir da literatura, tanto de Reis (1991) como Pagoto (2004), que observaram em jornais da Bahia e de São Paulo a presença de várias denúncias relacionadas aos novos enterramentos, preocupadas com essa nova conduta por parte da igreja. Tais irmãos encontravam nestas medidas o comprometimento de sua salvação, devido a ganância de alguns. Chega-se à conclusão que, inicialmente, tal medida não foi aceita pelos cristãos causando vários conflitos em seu meio. Para Pagato, qualquer motivo, por mais peculiar que fosse, era suficiente para ser usado contra os cemitérios (PAGATO, 2004, p.116). Desta forma, surgiu uma nova maneira de tentar entender a morte.

O art. 3<sup>a</sup> da irmandade traz como outros deveres dois pontos fundamentais que são: “c) – dar sepultura, gratuitamente a todos os irmãos no seu cemitério; d) –

manter uma caixa de pecúlio para auxiliar a família do irmão por ocasião do falecimento deste.”<sup>48</sup>

Sabe-se que para entrar na irmandade de São Benedito era necessário pagar uma taxa, então, esse artigo 3º C mostra uma ideia contraditória, pois o irmão para se tornar membro deveria pagar uma taxa e só assim conseguiria ter uma boa morte; sendo assim, se o componente atrasasse de 6 a 12 meses perderia todo o direito que a irmandade lhe dava, recebendo assim uma penalidade.

O art.15 diz que:

- 1 – Ficam sujeitos à penalidade de suspensão durante a vigência, na qual o irmão perderá todos os seus direitos na irmandade, os irmãos que incidirem nas seguintes faltas:
  - a) – atrasar de 6 até 12 meses o pagamento da mensalidade;<sup>49</sup>

Nesse contexto da morte, verifica-se toda uma estrutura para conseguirem receber os direitos que eram transcritos no compromisso, no qual os componentes que não cumprissem com o que foi proposto, não receberiam os benefícios, e sim as penalidades como explica o artigo acima.

Retomo o caso de José Juarez dos Santos, que citei no capítulo II, o qual reivindicou o pecúlio que tinha direito com o falecimento de sua mãe. O tal foi impossibilitado de receber tais verbas. Isso está ligado ao controle exercido pela igreja de dificultar o recebimento do mesmo. Neste sentido, a igreja criava estratégias para burlar suas próprias regras.

A morte é um fator importante de formação da identidade da população aracajuana dentro da irmandade, pois representa uma das principais fontes de arrecadação do cemitério São Benedito. O sepultamento era o momento em que se externavam uma das obrigações da irmandade e confrarias, a urna, o local, as homenagens, preces, missas, orações e encomendas, compunham o cenário em que a morte era objeto de prestígio dos membros das referidas associações. Tais sinais podiam ser notados por alguns aspectos como a “previsão” do momento da morte e a aceitação com resignação do fim próximo. As ideias de prestígio podem ser visualizadas nas artes tumulares, dentro dos espaços de enterramento. No caso do cemitério Santa Izabel, visualiza-se com maior expressividade, já o cemitério São Benedito, são inexistentes tais elementos.

---

<sup>48</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.3.

<sup>49</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.3.



**Figura 16:** Arte tumular do cemitério Santa Izabel  
Benedito Foto: João Mouzart



**Figura 17:** espacial do cemitério São  
Foto: João Mouzart

Na irmandade de São Benedito, a morte se constituía em um momento de grande importância, porque mostrava o cuidado que os irmãos tinham ao enterrar os seus mortos. Conforme estabelece o compromisso, entre outras obrigações, cada irmão devia rezar pelos falecidos, além de serem obrigados a participarem das missas dos irmãos.

Art.3º b) – fazer celebrar no segundo domingo de cada mês uma missa na Igreja de São Salvador, por todos os membros da Irmandade vivos e defuntos;<sup>50</sup>

Existia toda uma preocupação com a alma dos falecidos, por isso todos os irmãos tinham como dever cumprir a obrigação de rezar por todos que morreram.

Como nos relata o estatuto, todos os irmãos tinham o dever de reservar algum dinheiro para os custeios de seu sepultamento, como também de membros de sua família. A boa morte era uma das preocupações dos membros da irmandade, pois havia uma organização em cima disso, para quando chegasse esse momento. Neste sentido, verifico o relato do Senhor João Batista de Oliveira que ao se referir em

<sup>50</sup> DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito**. Aracaju, 1971.p.3.

carta ao então senhor Arcebispo D. Luciano diz:

Dentro do meu programa de trabalho procurei melhorar as condições da parte térrea do cemitério, [...], já se encontram bem frondosas, dando ao cemitério uma nova feição. Construí mais de quarenta carneiras durante todo período da minha gestão, sem se quer ter lançado mão em nenhuma dessas carneiras... Construí também mais de cem usuários, o que tem produzido a maior parte das rendas da irmandade em apreço.<sup>51</sup>

Pode observar com esta afirmação, que no século XX, o cemitério constituía a grande parte da arrecadação da irmandade, até mesmo por conta da tradição dentro da própria instituição que era a de oferecer a seus membros um sepultamento cheio de adornos e ornamentações (Ver anexo 22). Contudo, demonstra também o quanto era importante a organização do cemitério para irmandade. Observa que o cemitério São Benedito, nos dias atuais, continua sendo o principal meio de arrecadação, além de ser o único patrimônio da irmandade. Por isso, no estatuto de 2010, a igreja buscou incorporar esse bem para a Diocese.

Outro dado importante, que esta carta de João Batista traz, são as informações da sua atuação dentro de outros cargos da referida irmandade, como de tesoureiro, escriturário e administrador do cemitério. Continuo a analisar seu discurso: “Dentro de um programa de trabalho procurei melhorar as condições da parte térrea do cemitério, calçando, plantando algarobas, dando uma nova feição”.<sup>52</sup>

Para obtenção do lucro desta irmandade, o administrador usou como ferramenta melhorar as condições do cemitério, para possibilitar uma maior arrecadação. Esse discurso mostra um pouco do valor sentimental do administrador para com as atividades exercidas por ele dentro da irmandade.

Para tanto, existia um envolvimento, um apego muito grande da população dentro da Irmandade de São Benedito, onde seu culto possibilitava tanto a celebração da vida através das festas, como também a preocupação com a alma de seus fiéis.

A partir da documentação encontrada, no arquivo da cúria Metropolitana, observei que o cemitério de São Benedito contratava funcionários para atuarem no

---

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Batista João. **Carta dispensa do cargo de administrador do cemitério São Benedito**. Aracaju, 1971. Cúria Metropolitana. Pacotilha.8. Aracaju, 1971.

<sup>52</sup> OLIVEIRA, Batista João. **Carta dispensa do cargo de administrador do cemitério São Benedito**. Aracaju, 1971. Cúria Metropolitana. Pacotilha.8. Aracaju, 1971.



melhoramento e na organização das práticas de enterramento dos membros da irmandade. Exemplo disso foi a atuação do coveiro Manoel dos Santos, que morava na Rua São Mateus, no bairro Olimar, na Barra dos Coqueiros-SE. O mesmo atuou na irmandade durante onze anos como funcionário do cemitério e foi afastado por problemas de saúde, atestado pelo médico de ter Miocardiopatia Dilatada, com importante disfunção sistólica, que vinha evoluindo com os esforços que fazia no cemitério (Ver os anexos 23, 24 e 25). Conseguiu, no ano de 2006, a sua aposentadoria por invalidez e seu afastamento do cargo, além de obter, com sua atuação, o direito de ser enterrado no cemitério São Benedito. O mesmo não sabia ler e nem escrever. A partir das suas experiências, verifica-se que a irmandade não se constituía apenas pela atuação dos seus irmãos, outras pessoas se envolviam no andamento de suas atividades.

Percebi, a partir de alguns recibos presente na irmandade, o aumento das vendas dos ossuários que, na grande maioria, eram vendidos por parte dos seus familiares, mas também identifiquei a venda por alguns irmãos (Ver anexo 26). As evidências desses atos se deram a partir dos anos de 1989, e é uma constante até os dias atuais. Assim, surgiu uma preocupação por parte dos irmãos de demarcar, de uma forma mais precisa, o espaço da morte.

Destaco agora a declaração do presidente da irmandade Pe. Jerônimo Nunes Peixoto, em 2004 que diz:

Declaro para os devidos fins que o ossuário de piso, localizado na ala antiga do cemitério São Benedito, onde se encontra-se sepultado José Anacleto dos Santos, falecido no dia 18.10.1955, é de propriedade da senhora Lima de Oliveira, residente à Av. Pedro Calazans Centro, nessa cidade. O citado ossuário tem como limites: Direita: Ossuário de Eufrásia Maria da conceição; Esquerda Júlia Barreto de Jesus e Frente José de Oliveira (PEIXOTO, 2004).

Torna-se interessante, neste documento, olhar para a delimitação do espaço do cemitério que, desde a década de 1950, era dividido por duas alas espaciais: ala antiga e nova (Ver o anexo 27). Com o aumento das vendas dos ossuários da irmandade para outras pessoas que não faziam parte da mesma, aumentou, por parte dos irmãos, o controle de seus bens, buscando, perante o presidente, o reconhecimento e a demarcação de suas heranças. Percebe-se que, nesse momento, a irmandade cria novas atividades para se manter ao longo do tempo. Uma das suas estratégias foi aceitar o enterramento de pessoas que não faziam parte da irmandade. Tal ato gerou nos irmãos um maior cuidado

e apuração sobre a efetivação de seus direitos, por parte da irmandade perante sua morte.

Já em campo, fiz algumas visitas ao espaço do referido cemitério em busca de conversar com alguns irmãos que poderiam se encontrar naquele espaço. Encontrei o filho de um casal de irmãos da irmandade que, quando indagado sobre sua presença no espaço do cemitério disse:

Aqui foi onde meus familiares repousaram; tenho aqui meu pai e minha mãe, enterrados neste espaço. Fiquei muito triste com o falecimento deles, eram muito especiais em minha vida. O sentimento que tenho sobre a morte é de algo que transmite aflição, tristeza e solidão. Entretanto, venho buscando revigorar a partir das lembranças que tive ao lado deles. Neste lugar, busco ficar mais próximos deles, e reflito sobre a importância da vida. Deixaram para mim como representante do zelo desse espaço (MESSIAS, 2014).

A partir da entrevista acima, ficou claro que o espaço da morte é de assistência familiar, havendo um reconhecimento pelos representantes dos mesmos. Percebo, a partir de sua fala, que o sentimento que eles têm é de separação, que causa aflição, tristeza e solidão, características da morte instigada pelo cristianismo. Outro elemento importante em sua fala é a ideia de uma herança da morte, que é alimentada pela transferência dos deveres dos irmãos ao receber o pecúlio deixado por eles, é tanto que o mesmo continuou a pagar as taxas deixadas para seus pais, em busca de garantir para ele e seus familiares uma boa morte.

Friso que pensar em uma herança da morte, a partir da irmandade de São Benedito, é se atentar como tal espaço ganha sentido para diferentes componentes e familiares da irmandade, tornando crucial a herança desse espaço que é alimentado por duas categorias dentro da irmandade, a primeira é a ideia de moralidade da morte e a segunda é a economia em torno da morte.

A Moralidade da morte se constitui ao longo da vida dos irmãos, ao cumprirem certos preceitos traçados para uma ideia de um bom irmão. Aqueles que não cumprirem, não são dignos de serem enterrados nesse espaço, além de ser uma moral compartilhada e construída etnicamente atrelada ao jogo de identificação, com os preceitos seguidos por São Benedito, existindo, assim, um sentido simbólico de fazer parte dessa irmandade na hora da morte. A segunda categoria a ser analisada é o sentido econômico da morte, pois, o critério que lhe garante uma boa morte perpassa pela fidelidade dos mesmos no pagamento da taxa mensal à irmandade. A falta desse pagamento faz com que a irmandade não cumpra o acordo realizado com o irmão antes da hora de sua

morte. Assim, tais deveres são elementos cruciais para o reconhecimento dos irmãos, primeiro a ideia compartilhada de cumprir os seus deveres para com a Igreja e contribuir financeiramente com a irmandade, sendo que só após esses critérios serem verificados pelos representantes, são prestadas as assistências aos mesmos.

Os componentes da irmandade eram responsáveis por gerir os ritos católicos e assegurar a boa prática cristã para os associados, buscando seguir “ao pé dá letra” as regras que eram impostas para eles, e destaco o controle de seus atos pelos religiosos da época. A irmandade de São Benedito assumia um papel importante dentro da igreja junto aos clérigos, através da organização, das procissões, festejos e rituais fúnebres, além de manter a fé cristã em uma dinâmica social e culturalmente construída de ritualização da fé e da devoção.

De tal forma, os ritos fúnebres e as festas dedicadas a São Benedito contribuem para a manutenção das sociabilidades no espaço urbano. Pelo exposto, ficou evidente que os aspectos da morte e da festa são as principais pautas de sociabilidade discutidas dentro da irmandade de São Benedito de Aracaju na atualidade. Neste sentido, os irmãos não só encontravam assistência material e espiritual, como dispunham de um espaço de socialização para troca de experiência mútua e reforço das suas identidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do campo antropológico nos espaços dos arquivos na Festa de Reis nos anos de 2013 a 2014 e no espaço do cemitério, possibilitou ampliar as balizas e gerar novas indagações para o entendimento das práticas de sociabilidades que constituem esta irmandade, assim, os dados colhidos ajudaram na realização da dissertação em questão. De acordo com as leituras e com a pesquisa de campo, foi possível analisar a constituição e permanência das práticas da irmandade de São Benedito em Aracaju – SE durante o século XX. Deste modo, verifiquei como se deram os laços de solidariedade e como foram ativados os discursos de identidade étnica para fins de sociabilidades.

Debruçar sobre os depoimentos dos membros da irmandade de São Benedito e dos acompanhantes na hora da festa, da morte e da missa, captar as nuances de suas vivências e, sobretudo, resgatar suas visões próprias, no máximo das possibilidades oferecida pelo campo e pela documentação, foram os focos principais desta análise. Deste modo, incorporaram-se, com isso, alguns ritmos e reflexões característicos à organização da vida cotidiana dessas irmandades ao longo do século XX e XXI. Ao buscar detalhes do seu cotidiano, esquivou-se também de determinadas facetas da movimentação social da cidade que, com certeza, acabariam por interferir na reconstituição intentada, levando a pesquisa a compreender o uso e significados que eram atribuídos ao centro da cidade ao longo do tempo. Assim, as suas sociabilidades se davam em diferentes espaços que eram ressignificados a partir de suas vivências.

Embora única, a condição de membros das irmandades revestiu-se de múltiplas formas. O culto ao santo foi essencial para diferentes períodos do Brasil Colônia, Império e República. Suas relações no espaço religioso eram extremamente relacionadas às exigências que eram colocadas para o mesmo. Isso não quer dizer que tais membros cumpriam tudo que era solicitado pelo Estatuto, eles tinham suas escolhas e se envolveram e alteraram o sentido básico das irmandades, por mais que reivindicasse a ajuda mútua, que era a marca dessas associações. Assim, modificaram a fisionomia da cidade, diversificaram os padrões religiosos e as condições de vida

propiciadas pelo seu meio, e conferiram equilíbrios diferenciados nas relações mantidas entre irmãos e igreja.

Percebi que as estratégias de sobrevivência da irmandade de São Benedito, no universo católico aracajuano, perduraram-se em função da etnicidade. A partir da referência da cor, que se tornou um elemento aglutinador de um grupo religioso, majoritariamente, reconhecido e autodeclarados pretos. Os discursos étnicos ativados pela irmandade também ajudaram a redimensionar algumas discussões sobre a questão racial no Brasil no século XX. O que fica exposto, a partir desta pesquisa, é que a irmandade refletia as regras sociais estabelecidas no século XIX que foram transpostas para o universo sagrado. Assim, duas categorias como fundamento ficaram visíveis na igreja católica nesse período, a relação direta entre o ‘Estatuto social’ e o ‘Estatuto étnico racial’. Com isso, observei que no espaço religioso existiu uma sobreposição desses dois estatutos. Isso está relacionado com um modelo estratificado, tanto do ponto de vista fenotípico e do ponto de vista do estatuto social, pensado no século XVIII e XIX. Fatores que classificaram e dividiram as irmandades em espaços de brancos, pretos e pardos.

Verifiquei que os espaços das sociabilidades étnicas da irmandade de São Benedito foram compostos pelas procissões, pelos préstitos fúnebres e as festas dedicadas ao Santo, contribuindo para a manutenção das sociabilidades no espaço urbano de Aracaju. Nesses momentos, perpassavam pelos prestígios dos irmãos pretos nas festas e pelas solidariedades na hora da morte, que era legitimada a partir de uma construção moral e econômica em torno do reconhecimento dos irmãos no ato da morte.

Ao inferir o conceito de identidades na irmandade, percebe-se que ela está entrelaçada a vários aspectos sociais, culturais e políticos, estando relacionados a uma concepção polissêmica, tanto no âmbito objetivo, quanto subjetivo do indivíduo e do grupo, ligando-se ao sentimento de pertença, neste caso, de pertença étnica e religiosa.

A experiência religiosa da irmandade torna-se um fenômeno ao mesmo tempo peculiar e particular, cada irmão da irmandade de São Benedito tem suas especificidades, tornando-as extremamente significativas nos âmbitos às quais pertencem. É na vivência que os componentes começam a entrar de fato no universo do sistema religioso que optaram em conhecer.

Estas práticas, dentro deste grupo, se configuram na construção de uma

identidade que é acionada no processo de identificação a São Benedito. A partir do momento que um indivíduo passa a fazer parte da experiência religiosa coletiva, o mesmo é levado a construir uma identidade ligada a esta experiência, incorporando regras e normas para se enquadrarem nesta manifestação que se torna uma grande tradição (mesmo que inventada) no âmbito da religiosidade.

Pode-se elencar que as transformações sociais e econômicas ocorridas a partir do século XX modificaram, profundamente, toda estrutura da sociedade brasileira, onde a urbanização favoreceu o surgimento de novas práticas sociais e culturais. Contudo, a maioria dos valores, crenças e manifestações culturais populares foram constituídas nos séculos anteriores à urbanização e à industrialização. A sobrevivência de elementos culturais desses grupos está ligada à conservação de suas identidades, revelando a disposição da população vinculada a essas práticas, como observei na irmandade de São Benedito.

O estudo da história da irmandade de São Benedito, em Aracaju, pode revelar como as práticas de sociabilidades, solidariedades e resistências do período contemporâneo expressam o impacto das transformações sociais, particularmente nos hábitos e valores difundidos mediante a religião católica. Antropologicamente, os elementos da cultura popular não são eliminados, mas adquirem novos significados, preservando traços herdados do passado e agregando novos elementos. Existe uma plasticidade histórica fundamental que caracteriza as constantes renovações.

Observando o processo histórico da irmandade de São Bendito, no século XX, na cidade de Aracaju, percebe-se que a força da “cultura erudita”, da ciência, da igreja e da modernidade não foram capazes de acabar com a cultura de massa, mesmo com o dinamismo lento, mas seguro, da vida popular que se estrutura em micro escalas, no interior da rede familiar, comunitária e religiosa, apoiadas pela socialização do parentesco, e dos grupos religiosos desta cidade.

Ao pensar a identidade étnica das irmandades em Sergipe e em Aracaju, reporta-se a construção destas organizações religiosas, que se dava na cultuação de dois principais santos: a primeira e mais cultuada era Nossa Senhora do Rosário e o outro era São Benedito que, no século XIX, os negros e pardos se identificavam mais por possuírem características semelhantes. Viam neles a solução de seus problemas. No século seguinte, ainda temos uma população afro-brasileira com uma mesma alusão a

esses santos. A irmandade de São Benedito, da metade do século XX, mesmo com todo o processo de modernização, possuía características e regras que correspondiam às ideias do século XIX, onde existia uma maior alusão a este santo, utilizando-se deles para interceder na melhoria de suas vidas.

## **REFERÊNCIAS**

### **ENTREVISTAS**

**CARLA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**FRANCISCA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**GILVÂNIA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**HORTÊNCIA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**JOSEFA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2014.

**JÚLIO. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de set.2013.

**JUREMA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**LOURDES. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**MESSIAS. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de mar.2013.

**PATRÍCIA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de out.2013.

**ROSA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 26 de abr.2013.

**SELMA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2014.

**SOLANGE. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2013.

**TATIANE. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de jan.2014.

**TEXEIRA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 21 de mar.2014.

**TEREZA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de mar.2013.

**VERÔNICA. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 06 de mar.2013.

**ZULEIDE. Entrevista Concedida a João Mouzart de Oliveira Junior.** Aracaju 16 de mar.2014.



## FONTES DOCUMENTAIS

ALMEIDA, Marco Eugênio Galvão Leite de. **Ata de posse da diretoria da irmandade.** Cúria Metropolitana. Aracaju. Cx.03. Aracaju, 2001.

CÚRIA METROPOLITANIA DE ARACAJU **Fichas de entrada dos irmãos.** Cx. 8. Aracaju 1946 1971.

\_\_\_\_. **Registros dos óbitos dos membros da Irmandade de São Benedito.** Cx.15.Aracaju 1940-2002.

DUARTE, Cabral Luciano Dom. **Estatuto da irmandade de São Benedito.** Cúria Metropolitana. Aracaju. Cx.10,1971.p.3.

FESTA DE São Benedicto. **Folha de Sergipe.** Aracaju. 8 jan.1911, p.1.

GOMES, Dom Fernando. **Estatuto da irmandade de São Benedito.** Cúria Metropolitana. Aracaju Cx 11,1954.

LESSA, José Palmeira. **Estatuto da irmandade de São Benedito.** Cúria Metropolitana. Aracaju. Caixa 18, 1996.

OLIVEIRA, Batista João. **Carta dispensa do cargo de administrador do cemitério São Benedito.** Cúria Metropolitana. Pacotilha.8. Aracaju, 1971.

\_\_\_\_. **Festa de São Benedito.** Cúria Metropolitana. Cx.16, 1971

PINTO, Amália Andrade. **Solicitação do pecúlio.** .Cúria Metropolitana. Aracaju. Cx.10, 1987.

SANTOS, José Juarez. **Formulário de atendimento a Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor de Sergipe.** Cúria Metropolitana de Aracaju Cx.10. ,1996.

SANTOS, Pedro Homem dos. **Construção do Cemitério São Benedito.** Arquivo do Judiciário. Livro de testamento. Cx 01/2143. Aracaju, 1887.

SANTOS, Pedro Primo dos. **Solicitação do pecúlio.** Cúria Metropolitana. Aracaju. Cx. 10. ,1985.

## BIBLIOGRAFIAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino:** Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro: 1839-1900. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

- ANDRADE, Santo Dênia. **As faces culturais de uma rua**: Aracaju – 1920 a 1940. Horizontes, v. 26, n. 1, p. 57-58, jan/jun. 2008.
- ANDRADE, Maria Lucelia de. **Vitrine das Virtudes**: a irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). X Encontro Estadual de História: Experiências e Saberes 24 a 28 de julho de 2006, Uece/Campus do Itaperi.
- AGUIAR, Marcos Magalhães de. **Vila Rica dos Confrades**: a sociabilidade confrarial entre negros e mulatos no século XVII. São Paulo, 1993. Dissertação ( Mestrado em História)- Programa de Pós Graduação em História, Universidade de São Paulo.
- AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe**: Cotinguiba, 1860-1888. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996.
- ALMEIDA, Ivânia Maria. **“Irmãos de Cor e Crença...” Análise do compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Vila Nova Real de El Rei do Rio São Francisco**. Sergipe: São Cristóvão, 2005. Monografia(Graduação em História). Universidade Federal da Sergipe.
- AVÉ-LALLEMENT, Robert. **Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)**. Editora Itatiaia/EDUSP. 1980.
- AZZAN Jr, Celso. **Antropologia e interpretação**. Explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz. Campinas: Ed Unicamp, 1993.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**: textos selecionados. Organização de Celso Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário – Devoção e solidariedade em Minas Gerais (séculos XVII e XIX)**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**: Irmandades Negras e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.
- BRUM, Ceres K. “A invisibilidade indígena no Rio Grande do Sul: por uma Antropologia das circularidades entre mito, diversidade cultural e educação”. In: **Anais do 37º Encontro Anual da ANPOCS, (ST 25 Relações raciais identidades e políticas públicas)**, 2013.
- CALAZANS, José. Aracaju, **Contribuição à história da capital de Sergipe**. Aracaju: Regina, 1942.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

CARVALHO, Fernando Lins de. **Vizinhos, sim; enterros à parte. Os Cemitérios Santa Isabel e São Benedito. Aracaju, SE (1862-1933).** São Cristóvão, 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade:** Uma história das últimas décadas da Escravidão na Corte. São Paulo: CIA das Letras, 1990.

CHAVES, Cleide de Lima. **Da Caridade à assistência:** o papel da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista (1910-1930). Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa, Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq): os sertões da Bahia. Caetité, v. 1, nº 1, out. 2011.

CORDEIRO, Graça Índias. **Uma certa ideia de cidade:** popular, bairrista e pitoresca. *Sociologia* (13),2004.

CORRÊA, Mariza. **Morte em Família.** Rio de Janeiro, Graal, 1983

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Tradução José Reginaldo Santos Gonçalves. – 4. Ed – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1985.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco:** usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A taieira de Sergipe:** pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional no Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo. Editora Brasiliense. 1999.

DILLMANN, Mauro. **Morte e práticas fúnebres na secularizada República:** Irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX. São Leopoldo, 2013. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

DUARTE, Dom Luciano Cabral, **Estrada de Irmãos.** Ed. 1. Editoras Vozes limitadas, Petrópolis Rio de Janeiro, 1971.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EUGÊNIO, Alisson. **Tensões entre os visitantes eclesiásticos e as irmandades negras no Século XVII Mineiro.** 2001. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10909.pdf> acessado em: 12 de junho de 2013.

FARIAS Claudia Maria Lima Trindade de. **A irmandade do Santíssimo Sacramento:** Expressão Religiosa da Elite Sancristovense 1820-1887. Sergipe: São Cristóvão, 2005. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe.

FILHO Mela Moraes. **Festas e tradições populares do Brasil.** Brasília-DF: Senado Federal, 2002.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Aracaju:** Estado e Metropolização. São Cristóvão: UFS, 1999.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes /Governo do Estado de Sergipe, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mocambos.** 2º tomo. 4ªed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mocambos:** decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano. 15-ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

FURTADO, Júnia Ferreira. Transitoriedade da vida, eternidade da morte. p. 402. In: JANCÓS, István, KANTOR, Iris. **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa.** vol.I. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2001

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Obras e vidas:** o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Saber Local. Novos Ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOMES, Sérgio. **O Preço da Fé:** análise do termo de compromisso da irmandade Nossa senhora D Ajuda (Agosto de 1840). Sergipe: São Cristóvão, 2006. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe.

GINZBURB, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 2001

\_\_\_\_\_. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. (1ª impressão revista) Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2006.

HANNERZ, U. “Being there... and there... and there! Reflections on multi-site ethnography”. *Ethnography*, 4 (2), 2003.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**: Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

LARA, Silvia Hunold. Significados cruzados: um reinado de congos na Bahia setecentista. In: LARA, Silvia Hunold. **Carnavais e outra f(r) estas**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

LIMA, Luís Borges de. **Avatares da dor e da saudade**: inscrições tumulares do cemitério São Benedito, de Aracaju. Sergipe: São Cristóvão, 2006. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe.

LUCAS, Glauro. **Tempo e música nos rituais do Congado mineiro dos Arturos e Jatobá**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os sons do rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARCON, Frank Nilton. **Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola**. Florianópolis. Letras contemporâneas – Oficina Editorial LTDA, 2005.

\_\_\_\_\_. **Visibilidade e resistência negra em Lages**. Letras Contemporâneas, 2010

\_\_\_\_\_. *et.al.* Mobilidades africanas em Sergipe: discursos e práticas de solidariedades e diferenças. **Revista Pós Ciências Sociais**. v.6, n.12, 2009.

MARCUS, G. E. “Ethnography in/ of the world system: the emergence of multi-sited ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, 1995.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000 (Coleção Descobrimos o Brasil).

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: anos 40 e 50. 2. Ed. Aracaju, SE: UNIT, 2001.

MELLO e SOUZA, Marina de. **Catolicismo Negro no Brasil**: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. In Afro-Ásia, Salvador, 2002.

MOTT, Luiz. **Sergipe Del Rey**: população, economia e sociedade. Aracaju: Fundesc, 1986.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa**: entre a capela e o calundu. In: MELO E SOUSA, Laura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997;

NASCIMENTO, Flávio Santos do. **Andado com Fé: os atores e os atos da irmandade do rosário da vila sergipana do Lagarto em perspectivas (1850-1888).** Rio de Janeiro: NITERÓI, 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense.

\_\_\_\_\_. **Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa do Lagarto (1856-1875).** São Cristóvão, 2009. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe.

NASCIMENTO, Antonio da Conceição. **A Irmandade do Glorioso São Bartolomeu de Maragogipe: suas práticas devocionais e a romanização (1851-1995).** Santo Antonio de Jesus, 2011. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Pós Graduação em História, Universidade do Estado da Bahia.

NUNES, Maria Thétis, **Sergipe Colonial I.** Aracaju, Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sergipe Provincial I: 1820-1840.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2000.

\_\_\_\_\_. **Sergipe Provincial II (1840/1889).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Aracaju, SE: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

OLIVEIRA, A. J. M. **Devoção e Caridade: irmandades religiosas no Rio de Janeiro Imperial (1840-1889).** Niterói: UFF, 1995. Dissertação (Mestrado em História).

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de, *et.al.* **Negras Raízes: a história da irmandade de São Benedito em Aracaju/SE século XX(1946-1971).** Sergipe: Aracaju, 2010. Monografia de História da Universidade Tiradentes.

\_\_\_\_\_. **Entre painéis e batuques: arqueologia da diáspora e gênero no sítio da Palha.** Sergipe: Laranjeiras, 2012. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe.

OLIVEIRA, Maria Vaneide. **Elite Itabaianense na Irmandade das Santas Almas do Fogo do Purgatório (1834-1851)** Sergipe: São Cristóvão, 2000. Monografia de História. Universidade Federal da Sergipe.

OLIVEIRA, Marcos F., CALLIA, Marcos H. P. **Reflexões Sobre a Morte no Brasil,** São Paulo: Paulus, 2005.

OLIVEIRA, Vanessa. **A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário: etnicidade, devoção e caridade em São Cristóvão - Se (século XIX).** São Cristóvão, 2008. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Sergipe.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850/1860).** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

PORTO, Fernando. **A Cidade do Aracaju 1855 – 1865**. 2ª ed. Aracaju: Fundesc, 1991.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão**. Tempo. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1996.

\_\_\_\_\_. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. Campinas, SP: [s.n.], 2005

SANTANA, Analia. **A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001)**. Salvador, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Pós Graduação em Educação - Universidade do Estado da Bahia.

SANTANA, José Lima. **História do Saneamento Básico em Sergipe**. Aracaju: DESO, 1999.

SANTANA, Regina Norma de Azevedo. **Mussuca: Por uma arqueologia de um território negro em Sergipe d'El Rey**. Rio de Janeiro. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional/ Mestrado em Arqueologia.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização**. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 2013.

SANTOS, Francisco José Alves dos. **Igreja Nossa Senhora do Rosário de Estância, notas para sua história**. São Cristovão. UFS/SE. CECH. 1986.

SANTOS, Joceneide cunha dos. Um olhar sobre homens e mulheres africanos: indícios da vivência africana nas terras sergipanas (1790-1850). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**/ Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. N. 40 Aracaju, 2010

SANTOS, Maria Nely. “Aracaju na contramão da “Belle Époque”“. In: Revista de Aracaju, n. 9, ano LIX, 2002.

SAHLINS, Marshal. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção”. In: *Mana - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro**. Belo Horizonte: UFMG/Centro de Estudos Mineiros, 1963 (Coleção Estudos 1).

SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII**. São Paulo: Nacional (Coleção Brasileira), 1976.

STAKONSKI, Michelle Marias. **Tramas da Sacristia, Táticas do Consistório: Modernidade e Romanização na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benito (Florianópolis, 1905-1925)**. Florianópolis, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina.

SEBRÃO, Sobrinho. **Fragmentos da História de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1972.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006

SILVA, Bruno Goulart Machado. “**Nego Veio é um Sofrer**”: Uma etnografia da subalternidade e do subalterno numa irmandade do Rosário. Natal, 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Rubens Alves da. **Atualização de tradições: performances e narrativas afro-brasileiras**. 1ª edição. São Paulo: lcte Editora, 2012.

SHERIFF, Robin. “Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num carioca”. REZENDE, Claudia Barcellos e MAGGIE, Ivonne (comp.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p. 213-237.

SOARES, Mariza de Carvalho, **Devotos da Cor**. Identidade étnica, religiosidade e. Escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello. Reis **Negros no Brasil Escravista: História da festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 2 v. Brasília: UnB, 1999.



## ANEXOS

# ANEXO 1- Anúncio da Festa de São Benedito no Jornal Folha de Sergipe em 1911

## Tobias Barreto

O talentoso e extinto pintor sergipano, sr. Ozéas Santos, teve uma feliz ideia em buscar perpetuar em uma obra prima, o grande amor que dedicamos à memória do extraordinário sergipano, cujo nome pomposa no alto desta notícia. Assim é que aquele illustre e proveito professor de desenho, esta pintando, em tamanho natural, na parede mais artística possível, o retrato do saudadíssimo mestre, o brilhante lapidário dos Dias e Nôdes, retrato este que é destinado Escola Modelo em criação.

Tobias no retrato será visto como o escriptor que ergueu a pena e poz-se a meditar: é o philosopho, que pensa e estuda!

Nossos applausos ao genial artista por sua feliz leubrança.

## O bravo Anjo Marcellino José Jorge

envia-nos as seguintes linhas:

**Torpeza.**

Selecção de que o sr. Administrador da Recolhedoria deste Estado havia apprehendido duas pequenas caixas, contendo um duxão de garrafas e vinho do Porto, que meu filho Marcellino José Jorge, praxeiro tenente da Armada, trouxera na ultima viagem do lris ao porto desta capital, resolvei protestar na forma da lei, afirmando que contra o acto, do meu protesto resultasse a prova da violencia criminosa, e resultasse todo o desprezo, que um semelhante deslize me inspirou e continha a me inspirar.

Assim o fiz. Não me submetti á uma extorsão e nem consenti que o nome de meu filho, que tem um futuro a zelar, fosse arrolado como contrabandista.

Hoje, por ordem do dr. Juiz Seccional, recebi os caixotes que lhe quiseram tomar...

Quisera, digo eu, porque, além do sr. José Sotero, está envolvido neste emburlo o sr. Rodrigues Doria, cuja rudeza eu conheço infelizmente de ha muito, e, agora mesmo, acaba de se manifestar nojamente, ordenando ao Thezouro que não pague ao dr. Prado Sampaio os seus vencimentos de lente do Athenaeu Sergipense, pelo facto de ter sido advogado no feito esse nosso amigo e parente muito distincto.

Já é descer muito e por demais acanallar a administração de um Estado.

Que miséria...

Marcellino José Jorge.

Araçá 5-1-11.

## D. Nazinha Nobre

Do norte da Republica, chegou a esta Capital a bordo do paquete *Marahú*, acompanhada de suas graciosas filhas, a ex-sr. d. Anna de Moura Nobre, virtuosissima esposa do nosso querido amigo capitão dr. Carvalho Nobre, medico do exercito nacional.

Á distincta viajante e ás suas queridas filhas apresentamos as nossas boas vindas.

Medalhas com o effigie do mancebal Hermes da Fonseca, vendem-se na Casa Xavier.

## Frida Horn

Depois de alguns dias de encalhe fora da barra, conseguiu peticionar em nome do encalhado interior, o vapor alemão *Frida Horn*. Esta é a terceira vez, que os vapores da acreditada companhia (Horn), possem por esse contratempo, sem que possamos deitar a razão de semelhantes encalhes.

Cremos dizer melhor que já não é só para reparos, mas para todo o facto bem significativo de vermos encalhar na nossa barra tres vapores successivos daquella companhia, e em lugares onde só essas barcas que frequentam o nosso porto podem ter acesso, fustas os bancos e curbas por todos conhecidos allí, e bem á vista.

Parece que muito deixo a decodir o facto de se metterem por allí acima esses vapores, sem mais, nem menos, para depois lançarem o descredito sobre o nosso já pobre Estado, que tem tido a perder com incidentes desta ordem.

Criminar a nossa barra, seria uma condemnação injusta, porquanto os vapores estrangeiros que tem dado entrada em nosso porto, accusam maior calado, e seguem que nada lhes succede.

Não é nossa intuito accentuar supletos em detrimento desta ou daquela parte, mas é do nosso de ver investigar o motivo de tão prejudicial ao commercio da nossa praça, pois diversas são as companhias de seguros que se negam a aceitar, sob sua responsabilidade, a segurança de artigos e mercadorias para o nosso Estado.

A nossa barra, ainda ha pouco tempo, sondada, por profissionais, garantia franco acesso a toda e qualquer embarcação de calado igual, ao que consta dos manifestos dos vapores da companhia alemã.

Que tudo se devesse, fique tudo de clara, pois só assim se apparecia a impressão que a praça fora sequestrada, e a sua liberdade da nossa barra, em prejuizo, não pequeno, da laboriosa classe commercial.

## Addido

Folgamos em registrar que por ordem do sr. ministro da Marinha, ficará servindo na aluna desta Capital, o nosso estimado amigo, o distincto moço Antonio de Carvalho Nobre.

Ao illustre patriótico e sincero amigo o nosso leu parabem, que claramente comprova a immensa estima que de longa data lhe testemunhamos.

## Hospedes illustres

Vimos nesta cidade durante as festas do *Novo Anu* os sr. coronéis Adolpho Rollobenberg e Gonçalo Rollobenberg, que o proprietário da grande uzi na *Escorial*, no municipio de Itaporanga e este do grande estabelecimento assucareiro S. Joaquim no de Maróim.

## A RUA

Pedem-nos os moços directores da *A. Rua* tornar publico que devido a transformação por que estão fazendo passar o espirituoso jornalzinho, deixa este de sair hoje, o que fará no proximo domingo.

Da illustre directoria do *Club Sportivo Sergipe* recebemos delicado convite para assistir á regata que será hoje realisa da por aquella distincta sociedade em regosio pela inauguração da sua *garage* no arrabalde da Fundação.

Gratos á amabilidade do convite, nos faremos representar.

## Dr. JOSINO MENEZES

É com intenso jubilo que registramos o franco restabelecimento da preciosa saúde do nosso querido amigo dr. Josino Menezes, que ha' dias guardo o leito, presa de leveir incommodo.

A residência do illustre democrata tem fluido innumeros amigos e admiradores, que pressurosos vão saber noticias acerca do passageiro incommodo.

Nossos parabens ao distincto amigo e eminente sergipano.

## Senador Coelho de Campos

A bordo do paquete *Marahú* chegou na quarta-feira ultima a esta capital, o ex-olr. José Luiz Coelho de Campos, em parte senador da Republica.

O desembarque do distincto representante do nosso Estado foi grandemente concorrido.

S. ex.ª tomou hospedagem no *Hotel Brazil*.

A *Folha de Sergipe* envia ao illustre parlamentar seus votos de boas vindas.

## A HISTORIA DO CONTRABANDO

*Xarque-Vapor Guarany*

Tendo o sr. Inspector da Alfandega de accordo com o delegado fiscal do Phseouro Federal, mandado apprehender pelo interior do Estado varios xarques de xarque, classificados por s. como contrabando, aqui chegados no pa'zete municipal Guarany, a firm. e exportadora Procopio Olive & C. por intermedio do ex-olr. Lucindino Filho, negociante, nesta praça, roqueou ao dr. Nobre de Lacerda, digno Juiz Seccional deste Estado, mandado de manutenção, que foi deferido incontinenti, uma vez que ficou provado ter vindo o xarque sujeito á cabotagem.

Em frente de taes medidas auctoriaes, auctoriaes mandaram suster a apprehensão da referida mercadoria.

## Incendio a bordo

**Navio submergido — Tripulação salva.**

O anno que começa iniciou o seu nascimento com desastres que vieram profundamente abalar o nosso espirito.

Após a péssima colisão dos dois barcos, 3-1 do corrente, incidente em que perderam a vida varias pessoas, deu-se o desastre na *Empresa Curris Urbanus* do qual, ia sendo victima o empregado daquella companhia Francisco dos Santos, que ainda se acha no leito.

Agora temos a registrar o incendio a bordo do vapor de carga *Paralibá*, pertencente á Companhia Navegação e Commercio, facto que se deu a 3 do corrente, em pleno mar, entre as barras do Penedo e Estância.

Felizmente, devido ao sangue frio e coragem do bravo commandante doquelle vapor, foi toda a tripulação que chegou a esta capital depois de incessante luta, na quinta-feira ultima.

Os naufragos em numero de 36, acham-se hospedados na Pensão São José.

Hontem mesmo o commandante do vapor incendiado lavrou perante as autoridades o seu protesto, afim de evitar responsabilidades futuras.

## 8 de Dezembro em Campos

Escrevem-nos desta cidade:

A Rosecense seranção digna de Campos, o herde da philosophia da poesia, do direito, dos condoreos, — onde a terra tem mais vida, e a vida mais amor, — não esqueceu nem renegou das suas crenças, e no dia 8 de dezembro, consagrado á Immaculada Conceição de Maria, — mostrou que da sua corecção jamais arrefecerão os sentimentos por into quanto envolve a igreja catholica.

E uma festa annual e por assim por não ser common, por não ser de todos os dias, aqui, nesta pittoresca cidade, da qual pode-se repetir:

«Não ha depois do ceagalmas forte (outra) residência genuinamente sã, puros angelicos, e que nessas occasiões tomam a ardua tarefa de providenciar para que, mais feliz a esplendor e de belleza, para as homenagens do sublime culto.

E porque o sentiamos, e porque todos virmos, pedimos permissão para deslizar os nomes dos exornados d. Maria Amado do Oliveira, d. d. Mariquinhas, como a tratam os auxilia do digno paracho, o padre Virgilio de Montalvão, que tem estado captar a estima e a consideração que ali sempre gozaram os seus miltidões propenitores e a sua respectiva entidade.

A cidade realga, tinha o amavel aspecto de uma campozinha.

Os seus esforços foram secundados pela ufanoza acção do povo, e tambem, pelo consenso e auxilio do digno paracho, o padre Virgilio de Montalvão, que tem estado captar a estima e a consideração que ali sempre gozaram os seus miltidões propenitores e a sua respectiva entidade.

A cidade realga, tinha o amavel aspecto de uma campozinha.

## Portugal Republicano

O jornal *Paz* publica um artigo no qual diz que o governo procura de consolidar a Republica entre os republicanos.

«A *divida flutuante* é de 81.938 mil contos.

«Os socialistas declaram apoiar o governo, meosna campanha eleitoral.

«Os jornais publicam a carta do sr. dr. Manuel dirigida ao conselheiro Teixeira de Souza, no momento de partir.

«Dr. Manuel que embarcou fardado pelas circunstancias, e mais que foi e será portuguez convicto, tendo a consciencia tranquila de haver cumprido o seu dever de rei com pureza de coração.

«Accrescenta que está disposto a servir á patria e termina com um tin a Portugal.

«Seguir-se-á a accorção para Peniche, afim de salvarem-se os tripulantes do vapor brasileiro *Mucuri*, que se achá perdido em consequencia dos temporais.

«A familia real portugueza pazou todas as suas dividas.

«Congregaram-se os partidos monarchicos, no intuito de trabalhar pela restauração do throno.

«O tribunaal absolue, ausimamente o sr. João Franco e seus compaheiros do gabinete ministerial.

«A Sociedade de geographia elegue presidente o dr. Bernardino Machado, ministro das relações exteriores.

«O governo resolveu melhorar a situação dos sargentes que tomam parte no movimento de janeiro de 1908 (assassinato do rei dom Carlos e do príncipe dom Luiz Filipe).

## Arrematação nulla

O sr. desembargador futeadente do municipio, por acto de 31 de Dezembro, declarou nulla a arrematação do imposto municipal, mencionada na tabellela K, do orçamento.

S. ex.ª assim procedeu, por entender ser inconstitucional o imposto, que refere-se ás mercadorias catradas no municipio por mar, — porque assim seria manter o tributo sobre mercadorias importadas, o que é vedado fazer aos municipios; e tambem porque, crendo o imposto para o fim especial da construção do jardim «Olympia» Campos, este, desde 1907 está preparado, e por lei desas alegrias, porque tudo passa, masse ainda tranqueado ao povo.

ANEXO 2- Ficha de inscrição

**IRMANDADE SÃO BENEDITO**  
Fundado em 1865  
IGREJA SÃO SALVADOR - ARACAJU

123



Matricula n.º ~~168~~ **MARINA VITAL DE SOUZA** Admitido em 08/09/1946

Nome ~~Nº 168~~

Idade 70 anos Nascido em 1º de Outubro de 1915

Pai **JOÃO VITAL DE SOUZA**

Mãe **MARIA JÚLIA DE SOUZA**

Natural de **Aracaju** Estado Civil **SOLTEIRA**

Residência **RUA PIRES WINE, 126 - CONJ. AMINTAS GARCESº 126**


Profissão **FUNC. P. FEDERAL - APOSENTADA**

Pecúlio a favor de **THIAGO LISBOA MACHADO**

Assinatura do Sócio *Marina Vital de Souza*

**IRMANDADE SÃO BENEDITO**  
Fundado em 1865  
IGREJA SÃO SALVADOR - ARACAJU

120



Matricula n.º 732 Admitido em 10/11/57

Nome **MARIA JOANA DOS SANTOS**

Idade 81 anos Nascido em 02 de agosto de 1903

Pai

Mãe **MARIA DOS SANTOS**

Natural de **CAPELA/SERGIPE** Estado Civil **SOLTEIRA**

Residência **RUA D, nº 60 BAIRRO SÃO CONRADO** N.º 60

Profissão **DOMÉSTICA**

Pecúlio a favor de **ANA LÚCIA DE OLIVEIRA**

Assinatura do Sócio *Ana Lúcia de Oliveira*



ANEXO 3- Ficha de inscrição

**IRMANDADE SÃO BENEDITO**  
Fundado em 1865  
IGREJA SÃO SALVADOR - ARACAJU

59

Matricula n.º 83 Admitido em 11/08/68

Nome GEDALVA SANTOS

Idade 42 anos Nascido em 01 de Fevereiro de 1931

Pai João Horácio dos Santos

Mãe Adolphina Elias Santos


Natural de Aracaju - SE Estado Civil Solteira

Residência Rua Ouro Preto, D. Industrial N.º 238

Profissão Auxiliar de Enfermagem

Pecúlio a favor de Mãe

Assinatura do Sócio Gedralva Santos



**IRMANDADE SÃO BENEDITO**  
Fundado em 1865  
IGREJA SÃO SALVADOR - ARACAJU

49

Matricula n.º 536 Admitido em 14/08/55

Nome ELVIRA DOMINGOS SANTOS

Idade 72 anos Nascido em 17 de Agosto de 1901

Pai José Domingos dos Santos

Mãe Afra Domingos Nascimento


Natural de Divine Pastora - SE Estado Civil Casada

Residência Av. Pedro Calazans N.º 889

Profissão Doméstica

Pecúlio a favor de Espôso

Assinatura do Sócio Elvira Domingos Santos



ANEXO 4- Ficha de inscrição

**IRMANDADE SÃO BENEDITO**  
Fundado em 1865  
IGREJA SÃO SALVADOR - ARACAJU

136



Matricula n.º 419 Admitido em 18/04/54

Nome MARIA DE LOURDES AMORIM

Idade 42 anos Nascido em 02 de Maio de 1912

Pai Elias Amorim

Mãe Anelise Gabriel Amorim

Natural de Japaratuba - SE Estado Civil Solteira

Residência Rua de Estancia N.º 1418


Profissão Professora Particular

Pecúlio a favor de Maria José Amorim

Assinatura do Sócio X Maria de Lourdes Amorim

**IRMANDADE SÃO BENEDITO**  
Fundado em 1865  
IGREJA SÃO SALVADOR - ARACAJU

105



Matricula n.º 728 Admitido em 10/11/57

Nome MARIA TEREZA SANTANA COSTA

Idade 23 anos Nascido em 03 de Março de 1934

Pai

Mãe Mariana de Santana

Natural de Santa Luíza do Itap. Estado Civil Casada

Residência Av. Hermes Fontes, 664 N.º 664


Profissão Doméstica


Pecúlio a favor de Ana Maria Santana Costa

Assinatura do Sócio X Maria Tereza Santana Costa



ANEXO 5- Registro de Óbito

  
ESTADO DE SERGIPE  
CARTÓRIO DO 7.º OFÍCIO  
TABELIÃO E OFICIAL DO REGISTRO CIVIL  
JOÃO ALVES BEZERRA  
Subst. MARY FONSECA  
PALÁCIO DA JUSTIÇA  
Fone - 22-43

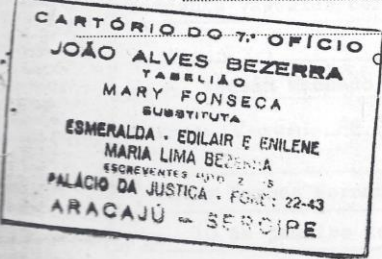


MUNICÍPIO DE ARACAJU 2.º DISTRITO DE ARACAJU

**CERTIDÃO DE ÓBITO**


Certifico que no Livro C n. 22 às fls. 203v, consta o óbito


n. 31.636 de PEDRO RODRIGUES DOS SANTOS  
falecido em 13 de JANEIRO de 1970 às 16:00 horas,  
filho de LEANDRO RODRIGUES DOS SANTOS  
e de D. LUIZA DOS SANTOS LIMA  
Idade 66 ANOS sexo MASCULINO cor PRETA  
Estado Civil CASADO  
Profissão COMERCIANTE  
Naturalidade ARACAJU - SERGIPE  
Residência RUA SIRIRI - 783  
Lugar onde faleceu EM O DOMICILIO  
Causa da Morte CARCINOMATOSE, CÂNCER DO ESTOMAGO  
Médico atestante DR. FERNANDO SAMPAIO  
Lugar de enterramento CEMITÉRIO SANTA ISABEL  
Foi declarante MARIA ISABEL DE MENEZES TELES  
Deixou filhos? SIM  
Deixa bens? SIM Deixa testamento \*\*\*\*  
Observações:



O referido é verdade e dou fé  
ARACAJU, 16 de JANEIRO de 19 70  
Oficial do Registro Subst.  
*Helena Lima Bezerra*

ANEXO 6- Registro de Óbito

  
ESTADO DE SERGIPE  
**CARTÓRIO DO 7.º OFÍCIO**  
**TABELIÃO E OFICIAL DO REGISTRO CIVIL**  
**JOÃO ALVES BEZERRA**  
Subst. MARY FONSECA  
PALÁCIO DA JUSTIÇA  
Fone - 22-43



MUNICÍPIO DE ARACAJU 2.º DISTRITO DE ARACAJU

**CERTIDÃO DE ÓBITO**

Certifico que no Livro C n. 22 às fls. 203v, consta o óbito

n. 31.636 de PEDRO RODRIGUES DOS SANTOS  
falecido em 13 de JANEIRO de 1970 às 16:00 horas,  
filho de LEANDRO RODRIGUES DOS SANTOS  
e de D. LUIZA DOS SANTOS LIMA  
Idade 66 ANOS sexo MASCULINO cor PRETA  
Estado Civil CASADO  
Profissão COMERCIANTE  
Naturalidade ARACAJU - SERGIPE  
Residência RUA SIRIRI - 783  
Lugar onde faleceu EM O DOMICILIO  
Causa da Morte CARCINOMATOSE, CÂNCER DO ESTOMAGO  
Médico atestante DR. FERNANDO SAMPAIO  
Lugar de enterramento CEMITÉRIO SANTA ISABEL  
Foi declarante MARIA ISABEL DE MENEZES TELES  
Deixou filhos? SIM  
Deixa bens? SIM Deixa testamento \*\*\*\*  
Observações :

**CARTÓRIO DO 7.º OFÍCIO**  
**JOÃO ALVES BEZERRA**  
TABELIÃO  
MARY FONSECA  
SUBSTITUTA  
ESMERALDA - EDILAIR E ENILENE  
MARIA LIMA BEZERRA  
ESCRIVENTES CDD 2-3  
PALÁCIO DA JUSTIÇA - FONE: 22-43  
ARACAJU - SERGIPE

referido é verdade e dou fé  
ARACAJU, 16 de JANEIRO de 19 70  
Pel Oficial do Registro Subst.  
Helenalva Lima Bezerra

Anexo 07 - Solicitação do Pecúlio

Aracaju, 24 de janeiro de 1985.

Ilmo. Sr.

Presidente da Irmandade de São Benedito

N e s t a


Presado Senhor.

Amália Andrade Pinto, portadora da cédula de Identidade número 685.222, do Estado de Sergipe, vem por meio desta pedir a V.Sa. que se digne de mandar pagar o pecúlio deixado pelo ex-irmão de São Benedito, seu esposo, Antônio da Rocha Leite, matriculado sob número 249 e falecido em 20 de janeiro de 1985, conforme consta o Atestado de Óbito número 4.516 do Cartório do Sexto Ofício de Aracaju.

Sem mais para o momento, com protestos de estima e consideração.

Atenciosamente

Subcrevo-me



---

Amália Andrade Pinto.



Anexo 08 - Solicitação do Pecúlio

Aracaju, 25 de fevereiro de 1985.

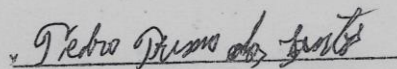
Ilmo. Sr.  
Presidente da Irmandade de São Benedito  
N e s t a.

Presado Senhor.

Pedro Primo dos Santos, portador da Cédula de Identidade número 12.020 do Estado de Sergipe, vem por meio desta pedir a V. Sã. que se digne de mandar pagar o pecúlio deixado pela ex-irmã de São Benedito, sua esposa Francisca Carias dos Santos, matriculada sob número 394 e falecida em 31 de dezembro de 1984, conforme consta o Atestado de Óbito número 13.509 do 7º Ofício de Aracaju.

Sem mais para o momento, com protestos de estima e consideração.

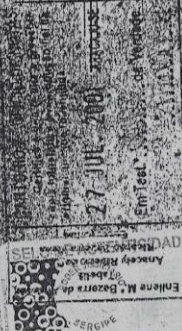
Atenciosamente  
Subcrevo-me

  
PEDRO PRIMO DOS SANTOS.

ESTATUTOS

DA

Irmandade de SÃO BENEDITO



AA576670

Igreja de São Salvador

Aracaju - Sergipe

1954



Da Immandade

Art. 1.º — A Irmandade de São Benedito, fundada em 1865, e instalada na Igreja de São Salvador em Aracaju, capital do Estado de Sergipe, é uma confraria católica, e como tal, se rege pelo disposto no Código de Direito Canônico, artigos 707 a 719. A Igreja de São Salvador é a sede onde está instalada a Irmandade, que nenhuma atribuição tem sobre a referida Capela.

Art. 29. — Constituem os fins da Irmadade

a) — incrementar em seus membros a vida cristã, desenvolvendo, em particular, a devoção a São Benedito, cujas virtudes deverão ser o modelo a imitar por todos os componentes da Irmandade;

b) — lutar pela defesa e pela expansão da Igreja de Cristo, na medida das possibilidades pessoais de cada membro da Irmandade, e da própria Irmandade em conjunto.

Art. 3º. — Constituem os deveres da Irmandade:

a) — fazer, solenemente, a festa do seu Padroeiro

b) — fazer celebrar, no segundo domingo de cada mês, uma missa, na Igreja de São Salvador, por todos os membros da irmandade, vivos e defuntos;

c) — dar sepultura, gratuitamente, a todos os irmãos, no seu  
mitério,

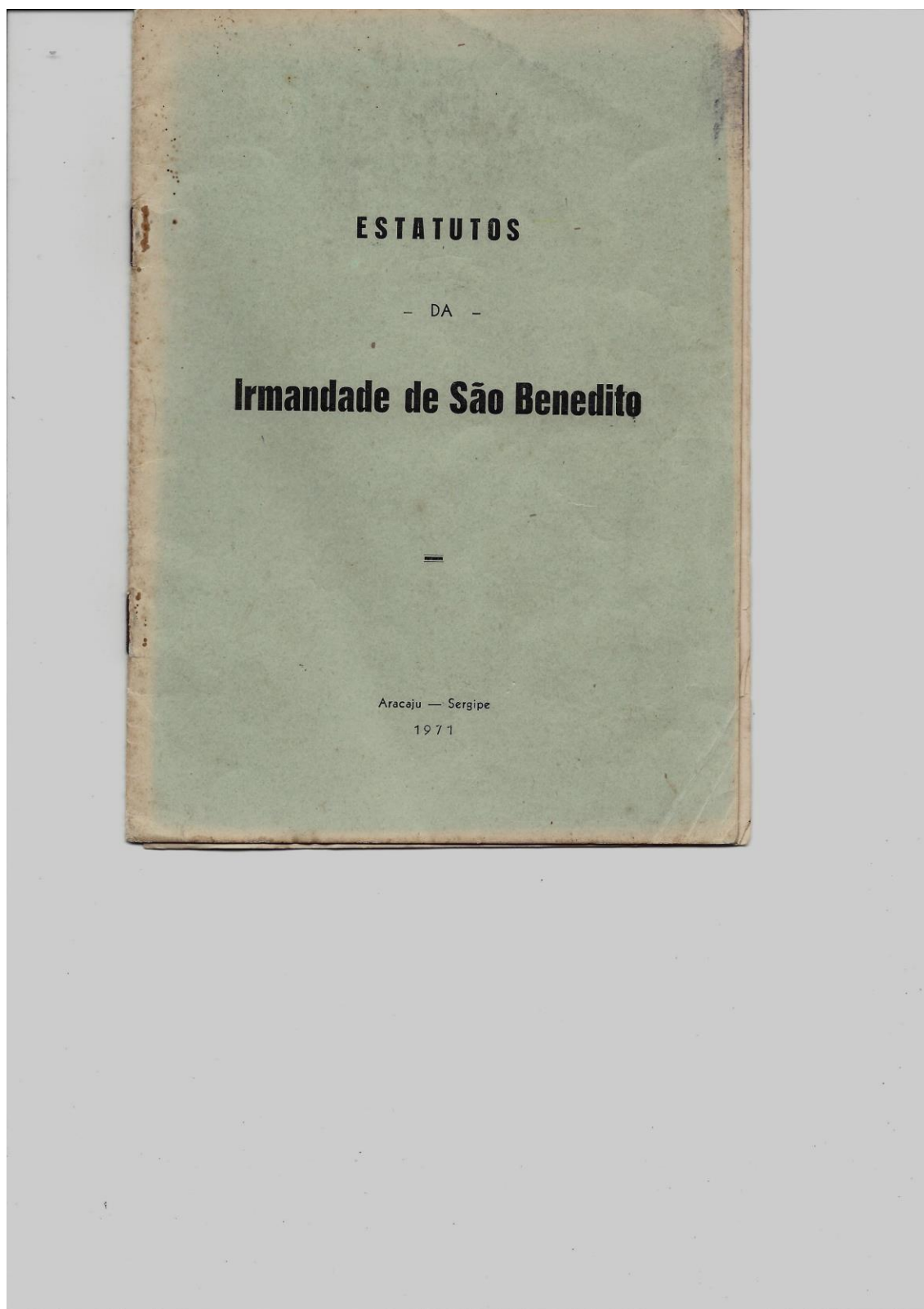
d) — manter uma caixa de pecuário, para auxiliar a família do irmão, por ocasião do falecimento deste;

e) — manter um seminarista pobre no Seminário Diocesano de Arcatu, entregando, cada ano, à Obra das Vocações Sacerdotais, a quantia correspondente à pensão de um aluno; e

1) — proporcionar todos os meios e recursos ao Capelaão da Igreja de São Salvador, para as despesas do culto nesta Capela, e para a sede da Immandade, inclusive um ordenado ao Capelaão, de accordo com a Curia Diocesana;

g) — colaborar, na medida de suas possibilidades, com as campanhas promovidas pela Diocese de Aracaju.

ANEXO 11- Estatuto do ano de 1971





## ESTATUTOS DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO

### CAPITULO I

#### Da Irmandade

Art. 1º — A Irmandade de São Benedito fundada em 1965 e instalada na Igreja de São Salvador em Aracaju, capital do Estado de Sergipe, é uma confraria católica e como tal; se regerá pelo disposto no Código de Direito Canônico artigos 707 a 719. A Igreja de São Salvador é a sede onde está instalada a Irmandade, que nenhuma atribuição tem sobre a referida Capela.

Art. 2º — Constituem os fins da Irmandade:

a) — incrementar em seus membros a vida cristã, desenvolvendo em particular a devoção a São Benedito cujas virtudes deverão ser o modelo a imitar por todos os componentes da Irmandade;

b) — lutar pela defesa e pela expansão da Igreja de Cristo, na medida das possibilidades pessoais de cada membro da Irmandade, e da própria Confraria em Conjunto.

Art. 3º — Constituem os deveres da Irmandade:

a) — fazer, solenemente a festa do seu Padroeiro.

b) — fazer celebrar no segundo domingo de cada mês uma missa, na Igreja de São Salvador, por todos os membros da Irmandade vivos e defuntos;

c) — dar sepultura gratuitamente a todos os irmãos, no seu cemitério;

d) — manter uma caixa de pecúlio para auxiliar a família do irmão por ocasião do falecimento deste;

e) — manter um seminarista pobre no Seminário Diocesano de Aracaju, entregando, cada ano, à Obra das Vocações Sa-cercótais a quantia correspondente à pensão de um aluno;

f) — proporcionar todos os meios e recursos ao Capelão da Igreja de São Salvador, para as despesas do culto nesta Capela, sede da Irmandade, inclusive um ordenado ao Capelão, de acôrdo com a Cúria Diocesana;

## **ESTATUTO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**

### **CAPÍTULO I - DA IRMANDADE**

Art. 1º - **A IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**, fundada em 1865, é uma confraria católica, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins econômicos, inscrita no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica – CNPJ sob n. 13.072.889/0001-64, inicialmente com sede instalada na Igreja de São Salvador, e, atualmente, na Praça Olímpio Campos, 228, Aracaju/SE, com duração determinada até a existência do último irmão remanescente, reger-se-á pelo Direito Canônico, Direito Civil e por este Estatuto.

Art. 2º - No desenvolvimento de suas atividades, a irmandade observará os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência.

+ 72.

CARTÓRIO 1º OFICIN  
100  
1006

Art. 3º - Fica eleito o Fórum da Comarca de Aracaju/SE para dirimir eventuais dúvidas e litígios sobre quaisquer assuntos relativos à irmandade.

Art. 4º - Constituem os deveres da Irmandade:

- a) Fazer, solenemente, a festa de seu padroeiro, São Benedito;
- b) Celebrar, no segundo domingo de cada mês, uma missa na Igreja de São Salvador, por todos os membros da Irmandade, vivos e mortos;
- c) Dar sepultura gratuita a todos os irmãos, que estiverem em dia com suas mensalidades, no seu cemitério, por um período de três anos;
- d) Colaborar, na medida de suas possibilidades, com as campanhas promovidas pela Arquidiocese de Aracaju.

## **CAPÍTULO II – DAS FINALIDADES**

Art. 5º - Constituem os fins da Irmandade:

+ J.L.

ANEXO 14 - Requerimento do Pecúlio no PROCON/SE

GOVERNO DE SERGIPE  
COORDENADORIA ESTADUAL DE PROTEÇÃO E DEFESA DO CONSUMIDOR  
PROCON/SE

FORMULÁRIO DE ATENDIMENTO

Origem: Serviço de Atendimento Número: 069/96

Consumidor Nome: Dr. Juarez dos Santos C.I.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Endereço: Rua Vitória, 364. B/Siguiá Campa CGC: \_\_\_\_\_

Reclamado Nome: Irmãos de São Benedito Telefone: \_\_\_\_\_

Endereço: R. Olímpio Campa, 228

Reclamação: O reclamante faz o motivo atrelado ao fato de não receber o direito do pecúlio "mortis causa". Visto que o reclamante é filho da falecida bem como participante também da Irmandade de São Benedito desde 11/11/1956, juntamente com a sua mãe falecida, conforme documento anexo. Quando o estatuto da entidade, no seu artigo 49, o reclamante é o contemplado pelo o pecúlio. Por infelizmente a entidade supracitada não quer pagar o direito do pecúlio. Assim sendo o

Nota Fiscal n.º: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Orientação fornecida: reclamante recorrer a este órgão p/ que o caso seja resolvido por meios legais que o caso requer.

Trazer Carta precatória

Atendido por: \_\_\_\_\_ Data: 12/01/96 Assinatura: [Assinatura] Consumidor Data: 12-1-96 Assinatura: Juarez dos Santos



Anexo 15 - Despesas da Procissão

**CRONOGRAMA DA FESTA DE SÃO BENEDITO**

- Data: 12.01.2002.
- Horário: 17h.
- Divulgação: Rádio Cultura, Carro de som e panfletos.
- Flores: Dona Conceição Ludovice
- Ornamentação da Charola: Sara

SOM – Está acertado com a mesma pessoa dos anos anteriores.

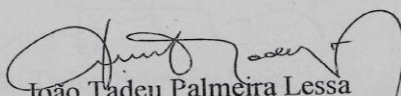
BANDA DE MÚSICA – Polícia Militar

SMTT – Batedores percurso procissão.

D.Conceição: Providenciar Sacerdote para acompanhar a procissão e Missa de encerramento.

**DESPESAS PROCISSÃO**

FLORES.....	R\$ 120,00
SOM.....	R\$ 120,00
TOTAL.....	R\$ 240,00

  
João Tadeu Palmeira Lessa  
Adminstrador

Anexo 16- Atas da mudança da diretória da irmandade

a presente ata que comigo assinam  
os presentes.

Aracaju, 29 de Junho de 2001.

~~Mauro Eugênio Galvão dos Santos~~

Maria José Amorim

Francisco Marques dos Santos

Aracaju, 29 de Junho de 2001.

~~Francisco~~

Francisco Flávio de O. da Fonseca

### Assembleia Extraordinária

Em 27 dias do mês de julho de 2001, às 9:00 horas, reuniram-se na Cúria Metropolitana de Aracaju para realização de Assembleia extraordinária da Irmandade de São Benedito convocada pelo senhor Presidente Sr. Mauro Eugênio Galvão Leite de Almeida, conforme Edital e Carta-Convite com o seguinte teor: "Vimos através do Presidente da Irmandade de São Benedito, convidá-lo, a participar dia 27 próximo de uma reunião, às 9:00 h, na praça Olímpio Campos, 228 (vizinha a Prefeitura) onde será empossado o novo Administrador e Tesoureiro da nossa Irmandade, assumindo a presidência para eleger a nova Diretoria. Mas atença só terá direito a voto quem estiver em dia com seus respectivos pagamentos para tal pedi-



Anexo 17- Atas da mudança da diretória da irmandade

mes que traga o carnê para que possamos 02  
comprovar o mesmo". Se fizeram presente os  
Irmãos Francisco Marques dos Santos, Maria -  
Joia Amém, Raymunda Pereira da Silva e  
Maria dos Santos. Foram convidados também  
o senhor João Tadeu Palmeira Sessa - Assisten-  
te Administrativo da Arquidiocese de Jacaré,  
Dr. Charles Genier Votto Prado - Assessor ju-  
rídico da Arquidiocese de Jacaré e a  
senhora Jussara Maria de Oliveira, da  
Fonseca Juvenil de Escritório da Igreja  
Metropolitana e a senhora Raymunda Pereira  
da Silva, procuradora da Santa Raymunda  
Pereira da Silva, pseudonimada pelo pre-  
sidente para a função de Secretária "ad hoc",  
desta Assembleia extraordinária. Em segui-  
da foi lido pela mesma o "Estatuto de  
Promoções" da Assembleia extraordinária,  
publicado no jornal Uniform da edição -  
153 de 16 a 22.07.2001 nos seguintes termos  
"O Sr. Marco Eugênio Góes de Almeida  
Presidente da Irmandade de São Benedito,  
convoca os irmãos para uma reunião  
a ser realizada no dia 27 de julho, às 9h,  
na Praça Olímpio Campos, 228 - Centro  
(vizinha à Prefeitura), onde trataremos  
de assuntos de interesse dos mesmos. A-  
dem, do dia - Eleição da nova Diretoria  
da Irmandade de São Benedito; apre-  
sentações do Presidente; Tesoureiro e  
Administrador; Reformas a serem feitas  
no Cemitério São Benedito; Proposta  
para mudança dos Estatutos; O que  
decorrer." Continuou a Secretária "ad hoc"  
lendo a nomeação do Tesoureiro da  
Irmandade, indicado pelo Arcebispo

## Reunião Ordinária

04


Aos vinte dias do mês de outubro de 2010, às 9h, primeira chamada e 9:30h segunda chamada, reuniram-se na Pórea Metropolitana de Marajó, para realização da reunião ordinária, pela qual, será deliberada a pauta do dia, que tem como objetivo a Apresentação e aprovação do novo Estatuto e Eleger a nova Diretoria, a Irmandade de São Benedito, convocada de ordem do Sr. Presidente, conforme o edital de convocação em o seguinte teor: "De ordem do excelentíssimo Sr. Presidente da Irmandade São Benedito, temo o prazer de convidar os senhores membros da Irmandade, para uma reunião de Assembleia Geral Extraordinária, a realizar-se em 1.ª convocação às 9h e em 2.ª convocação às 9h30m em 20 de outubro de 2010, em sua sede à Praça Olímpica Campos, 228, nesta Capital a fim de tomar em consideração e deliberarem sobre o seguinte: Ordem do dia: a) Apresentação e aprovação do novo Estatuto; b) Eleger a nova Diretoria; c) o que parecer. Fizeram-se presentes: João Tadeu Almeida Bessa, Administrador e tesoureiro da Irmandade, Raimunda Pereira da Silva, vice-Presidente, Maria Aurélia Figueira de Jesus, membro da Irmandade, Professor Raimunda Pereira da Silva, filha da Senhora Raimunda, Maria Edénia Teixeira Rocha, Advogada, Tânia Maria dos Santos, secretária Ad hoc. Dando início a reunião o senhor João Tadeu, expôs aos presentes os objetivos da reunião, com relação a mudança do estatuto diz o senhor Tadeu que o preceito Metropolitano seria o Presidente Nato da Irmandade, proposta aprovada de imediato pelos presentes. Em seguida, houve a pro-

CARTÓRIO OFICIAL



## Anexo 19- Ata de reunião de reformulação do estatuto do ano de 2010

para a nova Diretoria, sendo introduzida ao cargo de  
 Vice-presidente a Senhora Raimunda Pereira Silva; para o  
 cargo de secretário foi indicado a senhora Maria José  
 de Figueira de Jesus. Continuando a reunião o senhor  
 João Tadeu propôs reunião trimestral da Irmandade e elei-  
 ções de nova diretoria de dois em dois anos, sempre no  
 mês de outubro. A filha da Senhora Raimunda, profeta-  
 ra Rainilda, questionou sobre a indicação de novos só-  
 cios, quando o senhor João Tadeu informou que não se  
 abrirão mais vagas para agregação na Irmandade, fi-  
 cando somente os sócios já existentes. No que diz res-  
 peito à nomeação de Juizes para exercerem a função de  
 Laurelheiros, não tendo no momento representatividade,  
 ficou decidido que a nomeação dar-se-ia quando os só-  
 cios viessem fazer o pagamento das mensalidades, na  
 sede. A Senhora Raimunda elogiou a administração do  
 Benedito, pedindo na oportunidade que  
 fosse feita uma rampa na escadaria próxima a Igre-  
 ja. O senhor João Tadeu prometeu adotar as providên-  
 cias nesse sentido, e explicou como foi realizada a  
 reforma do mesmo. Com todas as resoluções discutidas, fi-  
 cando constituída a Diretoria da Irmandade, encerrou-se  
 a reunião. E, eu Tânia Maria dos Santos, Secretária "Ad-  
 mi", lavrei a presente ata que cougo assina os pre-  
 sentes. Tânia Maria dos Santos,  
 Raimunda Pereira Silva, Rainilda Pereira Silva,  
 Maria Edénia Teixeira Rocha,  
 Arnaldo Figueira de Jesus  
 e José Almeida Lessa.

CANTOINHO 10º OFÍCIO Vinte e Nove de Maio 1910 (1910)	Registrado em 11 de Maio de 1910 às 14 h 15 min no livro 34522 e Protocolado no livro 1 sob o nº 34585 do dia 11 de Maio de 1910	061 12 120.10	

**CARTÓRIO 1º OFÍCIO**

TÍTULOS E DOCUMENTOS E

VANIA S. LOPES - DANLOS

DEBORA CAVALHO P. SANTOS

ESCREVEURAS JAHAM-K-AM

EL. (019) 446-8030

PODER JUDICIÁRIO DO  
ESTADO DE SERGIPE

SE DA 0153933

IDENTIFICAÇÃO DE SELO

LOCALIZAÇÃO

Anexo 20- Liberação das ruas da procissão

**IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**

Praça Olímpio Campos, 228 – Centro  
49.010-040 Aracaju-SE

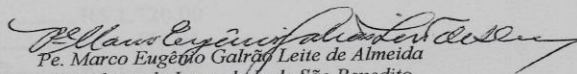
Aracaju, 12 de dezembro de 2001.

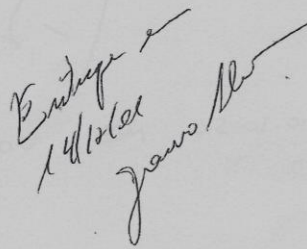
Ilmo Sr.  
Henrique Ludovice  
DD. Superintendente da SMTT  
NESTA

Prezado Senhor

Tendo em vista a realização sábado dia 12 próximo da procissão em louvor a São Benedito, vimos através da presente, na qualidade de Presidente da Comissão das Festividades em louvor ao Santo, solicitar de Vossa Senhoria, autorização para utilização do sistema de guardas rodoviários do trânsito aracajuano no sentido de reservas as áreas cujo percurso da procissão será o seguinte: saída da Igreja São Salvador (rua João Pessoa), às 17h do dia 12 próximo e passando pelas ruas Gerú, Capela, Arauá, Boquim, Pacatuba, Pça. Fausto Cardoso e a rua João Pessoa precisamente a Igreja São Salvador.

Sendo só para o momento agradecemos antecipadamente a atenção na certeza de que seremos atendidos.

  
Pe. Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida  
Presidente da Irmandade de São Benedito

  
João Pessoa



# PROCISSÃO DE SÃO BENEDITO

12.01.2002

*Abençoado aquele que serve !*

*São Benedito  
Rogai por nós !*



*Procissão: Igreja São Salvador – (calçadão Laranjeiras)*


*Horário: 17h*

*Encerramento: 18h com a MISSA.*

**PARTICIPE !  
VOCÊ É CORPO VIVO DESSA FESTA!**

ANEXO 22- Relatório das atividades realizadas no cemitério São Benedito

**Irmandade de São Benedito**  
Fundada em 1865  
SEDE IGREJA SÃO SALVADOR  
Aracaju - Sergipe  
Aracaju, 5 de dezembro de 1.971.

 **Dom Luciano Duarte**

Exm<sup>o</sup> Sr. Dom Luciano José Cabral  
Duarte D.D. Arcebispo Metropolitano de Aracaju.

Vencendo a minha natural timidez, resolvo-me, finalmente, a escrever a V.Excia rogando-lhe que, dê abrigo no seu generoso coração a minha súplica : Já se vão cerca de longos anos ou mais de 18 anos que V.Exa. com a bondade marcante do seu coração sacerdotal, colocou-me às mãos os Encargos de maior responsabilidade na Irmandade de São Benedito, como sejam : o de Tesoureiro, o de Escriturário e o de Administrador do Cemitério, acumulando todos com honra e dignidade.

Durante todo esse período, demonstrado a minha capacidade e tino de administração, trabalhado, com amor e dedicação, não só para corresponder a confiança em mim depositada no desempenho das funções e, desse modo contribuir para o engrandecimento da referida Irmandade com o soerguimento de suas finanças a mantê-las à altura de equilíbrio social.

Se vê Dom Luciano que tenho tido interesse não só o de elevar a Irmandade, mas, o cuidado, pelo bem comum dos irmãos de São Benedito, sem ferir os Estatutos nos seus Capítulos, artigos e alinéas, etc.

Dentro do meu programa de trabalho procurei melhorar as condições da parte térrea do Cemitério, calçando-o e plantando algarobas, a pedido de V.Excia e que, já se encontram bem frondosas, dando ao Cemitério uma nova feição. Construir, mais de quarenta carneiras durante todo o período da minha gestão, sem sequer, lançado mão em nenhuma dessas carneiras...

Construir também mais de cem ossuários, o que tem produzido a maior parte das rendas da Irmandade, em apreço.

Mas, Exm<sup>o</sup> Dom Luciano, por motivo muito justo, venho depois de tantos anos que sirvo a Igreja, solicitar de V.Excia, encarecidamente, a minha substituição desses encargos por uma pessoa da confiança de V.Exa a quem possa fazer a entrega dos documentos de créditos, em meu poder, e, desse modo, me afastar dos mesmos.

Crente de que tomará em consideração o meu pedido, desde já, antecipo-lhe os meus melhores e mais sinceros agradecimentos, ao tempo que, apresento a V.Excia os protestos de elevada consideração e do meu mais profundo respeito a V.Excia.

Atenciosamente,  
*João Batista de Sousa*



Anexo 23- Atestado do coveiro da irmandade de São Benedito

FUNDAÇÃO DE BENEFICÊNCIA HOSPITAL DE CIRURGIA

NOME: \_\_\_\_\_

Atesto para os devidos fins que o paciente "Manoel dos Santos" é portador de miocardiopatia dilatada com importante disfunção sistólica do VE (FEVE: 26%). Tem evoluindo com dispnéia aos pequenos esforços e em repouso. Usa losartan 100 mg, hidroon, carvedilol e digoxina. Não tem condições clínicas de realizar nenhum esforço físico e/ou laborativa pois há risco de vida. Devendo ser afastado de suas atividades laborativas por tempo indeterminado.

CID: I-50 e I-50 e I-49.9

Ass. 04/07/06  
Dra. Ana Lúcia de Lucena Couto  
CARDIOLOGISTA CRM 1943 Ana Lúcia Couto

Mod. 022-HCAL

Av. Desembargador Maynard, 174 - Tel.: 3212-7312  
Fax: (78) 3211-8817 - CEP 49005-210 - Aracaju/SE  
e-mail: fbhccardio@infonet.com.br

99 75-8467 - Manoel

Anexo 24- Atestado do coveiro da irmandade de São Benedito

**PREVIDÊNCIA SOCIAL**  
INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL

**REQUERIMENTO DE BENEFÍCIO POR INCAPACIDADE**

NOME: Manoel dos Santos DATA NASCIMENTO: 15.05.1950 NACIONALIDADE: Brasileira  
RUA/AV.: Rua São Mateus Nº: 434  
COMPLEMENTO: BAIRRO: Olimar CEP: 49.140-000  
CIDADE: Barra dos Coqueiros ESTADO: SE  
SEXO: ☒ MASC. ☐ FEM. DOC. INSCRIÇÃO (Nº e Série): 86615 / 00005  
ESTADO CIVIL: ☒ SOLTEIRO ☐ CASADO ☐ DESQ/DIV TEM OUTRA ATIVIDADE COM VINCULAÇÃO À PREVIDÊNCIA SOCIAL? ☐ SIM ☒ NÃO  
ASSINATURA: [Assinatura]

NOME DO PROCURADOR OU CURADOR: \_\_\_\_\_  
ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

**ATESTADO DE AFASTAMENTO DO TRABALHO**

EMPRESA: Irmandade São Benedito Nº CNPJ: 13.072.889/0001-64  
RUA/AV.: Rua Laranjeiras, 110 BAIRRO: Centro CEP: 49.010-000  
COMPLEMENTO: ESTADO: SE  
CIDADE: Aracaju  
ULTIMO DIA DE TRABALHO DO SEGURADO: 14/06/2006 - Férias 15/06/2006 à 14/07/2006  
AFASTADO POR: ☒ DOENÇA ☐ ACIDENTE DO TRABALHO ☐ FERIAS


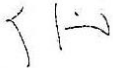
DEPENDENTES PARA SALÁRIO FAMÍLIA: \_\_\_\_\_ DATA NASC.: \_\_\_\_\_  
PRENOME DOS FILHOS: \_\_\_\_\_ PRENOME DOS FILHOS: \_\_\_\_\_ DATA NASC.: \_\_\_\_\_

LOCALIDADE: Aracaju-SE DATA: 10.07.2006  
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: [Assinatura] 13.072.889/0001-64  
RUA LARANJEIRAS, 110  
CENTRO - CEP: 49.010-000  
ARACAJU - SE

**INSTRUÇÕES**

1 - O requerimento deve ser sem rasuras e preenchido de preferência à máquina.  
2 - No caso de segurado empregado, a empresa é responsável pelo preenchimento Atestado de Afastamento do Trabalho  
4 - No mês do afastamento do trabalho a empresa efetuará o pagamento integral do Salário Família, e o INSS fará o mesmo no mês da cessação do benefício, evitando-se assim, cálculo de valores fracionados.

Anexo 25 – Resultado do Benefício

 <b>PREVIDÊNCIA SOCIAL</b> <small>Ministério da Previdência e Assistência Social Instituto Nacional de Seguro Social</small>		<b>SABI</b> <small>SISTEMA DE ADMINISTRAÇÃO DE BENEFÍCIOS POR INCAPACIDADE</small>	
AGÊNCIA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL:		APS ARACAJU-IVO DO PRADO	
<b>COMUNICAÇÃO DE RESULTADO</b> <b>REQUERIMENTO Nº 61424374</b> <b>BENEFÍCIO Nº 5174993715</b>			
Prezado(a) Sr.(a) <b>MANOEL DOS SANTOS</b>			
(NOME DO SEGURADO)			
00001183773	86615/5	12586852763	
(RG/CERTIDÃO)	(CTPS/SÉRIE)	(NTI)	
<p>Em atenção ao seu pedido de Auxílio-Doença, apresentado no dia 26/07/2006, informamos a V.Sa. que foi concedida Aposentadoria por Invalidez. Este benefício será revisto a cada dois anos, conforme determinação legal.</p>			
<p>Aracaju, 29 de setembro de 2006 (Data da emissão da 2ª Via)</p> <p style="text-align: center;"></p> <p style="text-align: center;">Valdir Moyses Simão - Presidente INSS</p>			
<hr/>			
Agência da Previdência Social APS ARACAJU-IVO DO PRADO    Endereço: Av. Ivo do Prado, 448 - Térreo - Cen			
CEP: 49010150	Município: Aracaju	UF: SE	
Termo de Responsabilidade: Responsabilizo-me, sob as penas do Art. 171 do Código Penal, pela veracidade da documentação apresentada para a solicitação do benefício acima descrito.			
Ciente em ____/____/____		Assinatura do Requerente/Rep. Legal	

ARACAJU 22 DE JUNHO DE 1989

EU, MARIA ANUZIA DOS SANTOS DECLARO  
PARA FINS DE PROVA ONDE SE FIZER NECESSÁRIO,  
QUE TRANSFERIR PARA O SR. JOSÉ DOS SANTOS,  
O OSSUÁRIO SITUADO NO CEMITÉRIO "SÃO BENE-  
DITO" NESTA CIDADE. E PARA ISSO TRANSFIRO-  
-LHE TAMBÉM O RECIBO ORIGINAL QUE FICA  
ANEXADO A ÊSTE AQUI PRESENTE.

ARACAJU, 22 DE JUNHO DE 1989  
ASSINATURA: Maria Anúzia dos Santos



Anexo 27- Planta do Cemitério produzida pela irmandade

